



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Comparação entre homens e mulheres em relação a histórico de violência e
resolução de conflitos**

Renata Limongi França Coelho Silva
Orientador: Prof. Dr. Cristiano Coelho

Goiânia, 27 de março de 2019.



Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia

**Comparação entre homens e mulheres em relação a histórico de violência e
resolução de conflitos**

Renata Limongi França Coelho Silva

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da PUC- Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Coelho.

Goiânia, 27 de março de 2019.

S586c Silva, Renata Limongi França Coelho
Comparação entre homens e mulheres em relação a histórico
de violência e resolução de conflitos / Renata Limongi
França Coelho Silva.-- 2019.
x, 142 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Tese (doutorado) -- Pontifícia Universidade Católica
de Goiás, Escola de Ciências Sociais e da Saúde, Goiânia,
2019

Inclui referências: f. 109-115

1. Violência conjugal. 2. Autodomínio. 3. Relação
homem-mulher. I.Coelho, Cristiano. II.Pontifícia Universidade
Católica de Goiás - Programa de Pós Graduação em Psicologia
- 27/03/2019. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 159.9.019.4(043)

Ficha de Avaliação

Silva, R. L. F. C. (2019). Comparação entre homens e mulheres em relação a histórico de violência e resolução de conflitos. Orientador: Cristiano Coelho.

Esta Tese foi submetida à banca examinadora:

Prof. Dr. Cristiano Coelho.
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Presidente da banca

Prof^ª. Dr^ª. Ariela Oliveira Holanda
Instituto Federal do Paraná
Membro convidado externo

Prof^ª. Dr^ª. Elisa Tavares Sanabio Heck
Universidade Federal de Goiás
Membro convidado externo

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria Mello Neves
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Membro convidado interno

Prof^ª. Dr^ª. Daniela Sacramento Zanini
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Membro convidado interno

Prof. Dr. Lauro Eugênio Guimarães Nalini
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Membro Suplente

Prof. Dr. Lorismario Ernesto Simonassi
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Membro Suplente

Agradecimentos

Tese concluída e finalmente chegou a hora de escrever os agradecimentos. Quatro anos se passaram, digo que foram quatro anos bem intensos, até conseguiria escrever um livro, em que praticamente tudo aconteceu, mas tiro boas e grandes lições desse período que envolveu não só aprendizado acadêmico, mas um grande aprendizado pessoal.

Primeiramente agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), pelo financiamento e apoio a essa pesquisa, pois sem esse recurso essa e outras pesquisas de grande relevância não poderiam ser desenvolvidas. A grandeza e impactos decorrentes desse estudo só foram possíveis pelo financiamento indicado.

O doutorado realmente envolve uma gama de conhecimentos e emoções e ao longo desse período vi que sou rodeada de pessoas especiais e que me querem por perto, o que me fortaleceu e encorajou a continuar cada caminho iniciado. Não quero ser injusta nos demais agradecimentos, dessa forma a ordem das pessoas aqui mencionadas não envolve a importância ou relevância em minha vida, pois todos estão nas páginas mais lindas da minha história.

Cristiano Coelho, um grande orientador, sempre cuidadoso e acessível, ensinando além da Psicologia. Foi muito bom ser sua orientanda novamente.

André Vasconcelos, o que escrever, um grande amor, parceiro, amigo, confidente e incentivador incansável.

Maria Ligia Limongi, minha mãe, amiga, confidente. Acreditando e investindo em mim e nas minhas escolhas.

Luis Carlos Coelho, meu pai, sempre interessado na minha vida e minhas conquistas.

Melissa, minha filha querida, inteligente, curiosa e estudiosa. Provocadora, sempre instigando a busca de conhecimento.

Theo, esperto e atento a tantas emoções. Acolhedor e preocupado com os meus sentimentos.

Paulo Antônio Lima, me deu um presente, um curso que tive condições de construir e ver crescer. Sempre cuidadoso comigo, saiba que sempre será meu chefe.

Ludimila Vangelista, minha pupila, sempre muito dedicada e atenta. Grande parceira nessa pesquisa.

Verônica Borges, que surpresa agradável! Muito verdadeira e responsável, contribuindo com a tese na coleta de dados.

Sandra Pereira, sempre muita cuidadosa, e contribuiu ativamente na busca dos casais para minha pesquisa.

Alessandra Castro, delegada responsável pela delegacia da mulher, que possibilitou a coleta de dados. Sua ajuda foi primordial para essa pesquisa, bem como das escritãs Anne, Fabrina e Carol.

Que bom, saber que tantas pessoas contribuíram e se envolveram com minhas escolhas. Encerro um ciclo, e espero que novos ciclos tenham início a partir das possibilidades que venham a surgir a partir do doutorado.

Espero me deparar com novos desafios, que os bons sejam lembrados com alegria e sorrisos e que os ruins me motivem a fazer diferente ou me mostrem que não devo desistir do que realmente acredito.

Sumário

<i>Ficha de Avaliação</i>	<i>i</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>ii</i>
<i>Lista de Tabelas</i>	<i>vi</i>
<i>Lista de Figuras</i>	<i>vii</i>
<i>Resumo</i>	<i>ix</i>
<i>Abstract</i>	<i>x</i>
<i>Estudo 1</i>	<i>Erro! Indicador não definido.</i>
<i>Introdução</i>	<i>1</i>
Violência	1
Violência para a análise do comportamento	10
Coerção	13
Autocontrole	15
A violência doméstica na Análise do Comportamento	18
Justificativa	25
Objetivos	25
<i>Método Geral</i>	<i>26</i>
Participantes:	26
Instrumentos e Procedimento geral:	26
<i>Estudo 1</i>	<i>29</i>
<i>Introdução</i>	<i>29</i>
Violência contra a mulher	29
Justificativa	31
Objetivos	31
Geral:	31
Específicos:	31
<i>Método</i>	<i>32</i>
Participantes	32
Procedimento	32
<i>Resultados</i>	<i>33</i>
<i>Discussão</i>	<i>64</i>
<i>Estudo 2</i>	<i>68</i>
<i>Introdução</i>	<i>68</i>
Justificativa	70
Objetivos	71
Geral:	71

Específicos:.....	71
Método	71
Participantes	71
Procedimento	71
Resultados	72
Discussão	81
Estudo 3:	83
Introdução	83
Justificativa	85
Objetivos:	86
Geral:	86
Específicos:.....	86
Método	86
Participantes:	86
Materiais	87
Software:	87
Resultados	97
Discussão	101
Considerações Finais	105
Referências	109
Anexos	116
Anexo 1	116
Anexo 2	119
Levantamento de Dados (Geral)	119
Anexo 3	121
Escala Tática de Conflitos (CTS2)	121
Anexo 4	124
Questionário para homens	124
Anexo 5	129
Anexo 6	136

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Registro de atendimentos da Central de Atendimento à Mulher.....	30
Tabela 2 - Média de idade dos grupos com e sem histórico de violência. Os dados entre parênteses correspondem a 1 DP.....	33
Tabela 3 - Grau médio das alternativas para permanência dos homens no relacionamento. Os dados entre parênteses correspondem a 1 DP.....	42
Tabela 4 - Grau médio das alternativas para permanência das mulheres no relacionamento correspondente a 1 DP.....	42
Tabela 5 - Nível de violência causado à vítima (1 menor gravidade, 5 maior gravidade).	51
Tabela 6 - Média das respostas às alternativas da Escala Tática de Conflitos. Dados entre parênteses correspondem a 1 DP.....	73
Tabela 7 - Valores de t obtidos no Test t e Significâncias (α) da Escala Tática de Conflitos entre grupos. Comparações com (-) indicam que as análises não foram possíveis em virtude de médias iguais a zero.	77
Tabela 8 – Valores de z e nível de significância das comparações dos valores de equivalência dos diferentes grupos. H – Homens; M – Mulheres; s – sem histórico de violência; c – com histórico de violência.....	101

Lista de Figuras

Figura 1 - Número de Municípios com Delegacias da Mulher entre 2004 e 2014.....	5
Figura 2 - Tipos de violência registrada pelo sistema de saúde no Brasil.....	7
Figura 3 - Relatos de violência no ligue 180 (Grupo de 100 mil mulheres) por unidade da federação- 2015.	8
Figura 4 - Cor declarada pelos participantes de cada grupo.....	34
Figura 5 - Estado Civil dos participantes da pesquisa.....	34
Figura 6 - Religião atual dos participantes.....	35
Figura 7 - Situação Ocupacional dos participantes.....	35
Figura 8 - Atividade Profissional relatada pelos participantes.....	36
Figura 9 - Renda familiar dos homens e mulheres da pesquisa.....	37
Figura 10 - Escolaridade homens agressores e mulheres agredidas.....	37
Figura 11 - Alternativas envolvendo situações e sentimentos que o participante reconhece em si.	38
Figura 12 - Resposta à pergunta que identificou se o participante considera a legislação adequada para punir o agressor.	39
Figura 13 - Resposta dos homens a pergunta que identificou se na primeira agressão sentiu que estava violentado sua mulher.....	39
Figura 14 - Resposta das mulheres em relação a primeira agressão	40
Figura 15 - Informe sobre a existência de violência conjugal entre pais/cuidadores.....	40
Figura 16 - Duração da violência desde o início do casamento ou união estável.....	41
Figura 17 - Nas relações conjugais em algum momento assumiu papel de vítima?.....	43
Figura 18 - Local onde foi realizada a denúncia contra a violência doméstica.....	44
Figura 19 - Informe sobre a necessidade de ajuda especializada.....	44
Figura 20 - Solicitação de ajuda a uma instituição ou psicólogo antes e após denúncia.....	45
Figura 21 - Tipo de ajuda procurada pelo agressor/vítima.....	46
Figura 22 - Resposta à pergunta: “Houveram agressões durante o namoro com a pessoa que o levou a participar desse estudo?.....	46
Figura 23 - Tipos de violência vivenciados/praticados no relacionamento objeto da pesquisa.....	47
Figura 24 - Informe sobre agressão após denúncia.....	48
Figura 25 - Investigação se já praticou agressão, foi denunciado e esta não surtiu efeito.....	49
Figura 26 - Informe sobre a não efetivação da denúncia.....	49
Figura 27 - Resposta ao questionamento sobre separação do casal.....	50
Figura 28 - Dados sobre a existência de novas agressões após a separação.	50
Figura 29 - Informações sobre a menção de agressões sofridas com alguém próximo ou instituição.....	51
Figura 30 - Tipos de agressões sofridas durante a gravidez.....	52
Figura 31 - Dados sobre consequências das agressões durante a gravidez da vítima relacionadas à perda da gestação.	53
Figura 32 - Relação quantidade de filhos versus quantidade de filhos com a vítima/ agressor.....	54
Figura 33 - Presença de filhos em situações envolvendo violência doméstica.	54
Figura 34 - Resposta dos homens com histórico de violência sobre: “Assumi para familiares, amigos e instituição que foi violento com a vítima?”.....	55
Figura 35 - Respostas dos participantes do sexo feminino sobre a relação com o agressor. ...	56
Figura 36 - Dados sobre o tempo de convivência da vítima com o companheiro.....	56

Figura 37 - Resposta dos participantes em relação ao local em que ocorreu a violência.....	57
Figura 38 - Informes sobre o tempo pela qual a vítima vem sofrendo agressão	57
Figura 39 - Respostas sobre a frequência das agressões	58
Figura 40 - Dias da semana em que a agressão é mais frequente.....	58
Figura 41 - Informação dos horários mais frequentes de ocorrência da agressão	59
Figura 42 - Respostas que envolvem os comportamentos presentes na descrição de situações de violência doméstica	60
Figura 43 - Principais fatores responsáveis por desencadear a agressão segundo as vítimas ..	61
Figura 44 - Porcentagem de respostas das mulheres referentes à questão: Qual sua atitude frente a agressão?.....	61
Figura 45 - Motivos destacados pelas mulheres por não ter deixado o parceiro.....	62
Figura 46 - Dados sobre o impacto da violência no trabalho	63
Figura 47 – Médias das táticas exercidas sobre os parceiros, separadas pelos Fatores Negociação, Agressão Psicológica, Violência Física, Coerção Sexual e injúria para os Grupos Homens sem histórico, Mulheres sem histórico, Homens com histórico e Mulheres com histórico.	80
Figura 48 - Médias das táticas recebidas dos parceiros, separadas pelos Fatores Negociação, Agressão Psicológica, Violência Física, Coerção Sexual e injúria para os Grupos Homens sem histórico, Mulheres sem histórico, Homens com histórico e Mulheres com histórico de.....	81
Figura 49 – Tela de configuração do software.	87
Figura 50 - . Instruções para homens agressores e não agressores envolvendo tempo na prisão- Software Alternativas 1.0.	88
Figura 51 - Instruções para mulheres agredidas e não agredidas envolvendo tempo na prisão - Software Alternativas 1.0.	89
Figura 52 - Instruções para homens e mulheres envolvendo valores monetários- Software Alternativas 1.0.....	90
Figura 53 - Tela com escolha valor monetário- Software Alternativas 1.0.....	91
Figura 54 - Tela com tempo na prisão- Software Alternativas 1.0.....	91
Figura 55 - Última tela do estudo- Software Alternativas 1.0.....	92
Figura 56 - Tempo equivalente de prisão relativo nas condições com atraso para prisão por 1 mês e 6 meses para os Grupos sem histórico (G1) e com histórico (G2) de violência.	98
Figura 57 - Tempo equivalente de prisão relativo nas condições com probabilidade para prisão por 1 mês e 6 meses para os Grupos sem histórico (G1) e com histórico (G2) de violência. ..	99
Figura 58 - Quantia equivalente aos R\$100,00 nas situações de atraso (Gráfico superior) e probabilidade (Gráfico inferior) para os Grupos sem histórico (G1) e com histórico (G2) de violência.	100

Resumo

Considerada um fenômeno mundial, a violência pode ser observada de diferentes formas repercutindo discussões em várias esferas. Dentre os tipos de violência destacam-se estudos envolvendo a mulher, na qual foram observados avanços em prol da mesma, como a Lei nº 11.340 de 2006 que consolida pontos acerca da definição, combate e punição do agressor. A pesquisa envolveu três estudos. O estudo contou com 135 pessoas sendo dessas um grupo com histórico de violência doméstica e outro sem histórico. Estudo 1: teve como objetivo comparar a resposta de homens e mulheres com e sem histórico de violência, identificando as possíveis variáveis de controle e para tanto foi realizado um estudo descritivo. Todos os participantes preencheram o questionário sociodemográfico e o grupo com histórico de violência respondeu também um questionário envolvendo a violência. Tanto os homens quanto as mulheres relataram sentir o impacto negativo da violência, que pode ser aprendida por observação. Dentre os tipos de violência, a mais encontrada foi a física e a psicológica, sendo comum a permanência da mulher do relacionamento por medo. Estudo 2: buscou comparar respostas de homens e mulheres e identificar os dados mais significativos a partir da aplicação da Escala Tática de Conflitos. Constatou-se a presença de conflitos nas relações conjugais, evidenciando a restrição física, o uso de estimulação aversiva e punição dos homens em relação as mulheres. Estudo 3: buscou comparar as escolhas dos participantes com e sem histórico de violência em situações de tempo na prisão decorrente de violência doméstica e perda de quantia de dinheiro com atraso e probabilidade. Foram observadas diferenças no tempo de prisão estimado nas comparações entre homens com e sem histórico de violência e entre homens e mulheres com prisão provável.

Palavras-chave: violência doméstica, autocontrole, relação conjugal

Abstract

Considered a worldwide phenomenon, violence can be observed in different ways, reflecting discussions in various spheres. Among the types of violence are studies involving women, in which advances have been observed in favor of women, such as Law No. 11,340 of 2006, which consolidates points about the definition, combat and punishment of the aggressor. The research involved three studies with 135 people, allocated in a group with a history of domestic violence and another with no violence history. Study 1: Aimed to compare the response of men and women with and without a history of violence, identifying possible control variables, and a descriptive study was conducted. All participants completed the sociodemographic questionnaire and the group with a history of violence also answered a questionnaire involving violence. The data showed that the participants were mostly married, white and Protestant. Both men and women reported feeling the negative impact of violence, which can be learned by observation. Among the types of violence, the physical and psychological violence was the most common, and the woman's relationship with fear was common. Study 2: Sought to compare the responses of men and women and identify the most significant data from the application of the Tactical Conflict Scale. As a result it was verified the presence of conflicts in the conjugal relations, evidencing the physical restriction, the use of aversive stimulation and punishment of the men in relation to the women. Study 3: Aimed to compares the choices among participants' with and without violence histories in situations with delayed or probabilistic arrest due to domestic violence and money loss. It was observed differences in the relative arrest estimated when compared men with and without domestic violence history, and when compared men and women in probable arrest.

Key words: domestic violence, self-control, marital relationship

Introdução

Violência

A violência é considerada hoje um fenômeno mundial, repercutindo em diferentes esferas com discursos que abarcam assuntos políticos, filosóficos, psicológicos, sociológicos, antropológicos e religiosas. O constructo violência representa problemas históricos que são perpetuadas a muitas gerações, compreendendo um problema grave e complexo que tem gerado um grande impacto social (Minayo, 2003).

A Organização Mundial de Saúde (2002) define violência como o uso de força física ou de poder tanto em ameaças quanto em prática, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra algum grupo ou comunidade, podendo resultar em danos como morte, lesão, dano psicológico, privação ou desenvolvimento. Essa definição contempla uma gama de resultados que levam a questionamentos quanto aos impactos da violência, ressaltando que esta não necessariamente envolve dor ou morte, mas impacta significativamente nas pessoas, nas famílias, nas comunidades e no sistema de saúde.

Ao analisar aspectos tão relevantes acerca da violência, Arendt (2009) destaca que a temática está associada a pontos relacionados a força, poder, dominação, sem necessariamente abordar aspectos históricos e culturais. A relação de poder pode misturar-se com questões de comando e obediência, relacionadas a itens impostos, que legitimam o uso da força. Assim a ação violenta contempla a destruição ou ataque da subjetividade. Nessa perspectiva, Piva (2007) pontua que existe uma tendência a simplificar assuntos relacionados a violência, visto que é considerada como algo universal e histórico, inerente ao ser humano.

Para compreender esse fenômeno é necessário compreender a vítima e o agressor, inclusive Barus-Michel (2011) destaca que o agressor pode se incomodar por gerar violência, e ao olhá-lo é possível avaliar de que forma a agressividade pode ser expressa.

Não há sociedade sem violência, e seu crescimento a tem colocado como uma das principais causas de óbito no mundo, transformando as relações humanas em dominações alcançadas através do uso de força. Inclusive, no Brasil, desde 1970 a violência é apontada como uma das principais causas de morbi-mortalidade, sendo inserida como um problema de saúde pública (Brasil, 2006).

Na década de 80, a morte por violência e acidente correspondiam a 15% dos óbitos no país, sendo que deste 75% ocorreram em áreas urbanas. Em 2001, o Ministério da Saúde identificou que o número de mortes por causas externas era alarmante e elaborou a “Política Nacional de Redução da Morbidade por acidentes e violências”, direcionada a ações de vigilância e monitoramento de violências e acidentes, apoiado em diretrizes como: sistematização, adoção de comportamentos e ambientes seguros, assistência interdisciplinar as vítimas de violência e acidente, atendimento voltado a recuperação e reabilitação, apoio ao desenvolvimento de estudos e pesquisas, gerando condições para debates (Brasil, 2006).

Vários são os fatores que devem ser analisados para discutir um problema tão sério, visto que contempla aspectos psicológicos, individuais, biológicos e familiares, sendo necessário discutir a intenção de se envolver em um comportamento violento. Herman (2000) destaca que existem aspectos que podem facilitar o comportamento violento como alcoolismo, desemprego, pobreza e fácil acesso a arma de fogo (Werlang, Sá & Borges, 2009).

A violência pode ser observada de várias formas, contra mulheres, idosos, crianças, ocasionando problemas físicos, psicológicos e sociais, evidenciando impactos negativos em aspectos relacionados a saúde e bem-estar.

Dentre os estudos sobre violência, destaca-se a violência contra a mulher, por envolver atos repetitivos que tendem a se ampliar tanto em frequência quanto em intensidade, contemplando coerção, humilhação, desqualificação, ameaças, agressões sexuais e físicas. Dessa forma, a violência contra a mulher é definida pela ONU (1992) como qualquer ato de violência baseado na diferença de gênero, que resulte em sofrimentos e danos físicos, sexuais e psicológicos da mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção e privação da liberdade seja na vida pública ou privada.

Em 1994, aconteceu na cidade de Belém do Pará, a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, entendendo por “violência contra a mulher qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”, reafirmando a posição da ONU (1992). A convenção considera que a violência contra a mulher contempla a violência física, sexual ou psicológica, perpetrada tanto em ambiente familiar quanto domiciliar, podendo ser cometida por qualquer pessoa (Convenção de Belém do Pará, 1994).

Para efeitos da Lei nº 11.340 de 2006, “configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. A lei consolida discussões acerca de definições e direcionamentos de combate e punição do agressor (Brasil, 2006).

Considerado um problema mundial, a violência contra a mulher é cruel e perversa, uma vez que o lar, ambiente onde deveria ser acolhida, passa a ser um ambiente perigoso com situações que envolvem medo, angústia, ansiedade. A chance de a mulher ser agredida pelo companheiro é maior que a de acontecer por estranhos (Werlang, Sá & Borges, 2009).

A partir de análises de aspectos históricos e culturais, observa-se que agredir a mulher é respaldado por alguns setores da sociedade, sendo entendida como um problema privado, na qual é aceito que maridos ou ex-maridos assassinem mulheres em “nome da honra”, inclusive

nos deparamos com ditados populares como “em briga de marido e mulher ninguém mete a colher” ou até mesmo “ele não sabe por que está batendo, mas ela sabe por que apanha”, ilustrando o quanto a mulher é vista de forma inferior (Saffioti, 1999).

O material publicado no Panorama da Violência contra as mulheres no Brasil (Senado, 2018) aborda que aspectos emocionais e afetivos costumam estar presentes na violência doméstica, uma vez que o agressor na maioria das vezes é o companheiro da vítima, pai de seus filhos, dificultando o rompimento, mesmo com situações de violência. O estudo realizado por Walker (1984), em que ouviu aproximadamente 1500 mulheres em situações de violência, ressalta que em muitos casos a vítima opta por não tomar atitude, e um dos motivos envolve se sentir culpada pela violência sofrida, ou até mesmo por acreditar que as agressões vão acabar.

Diante de tal realidade, tem se buscado discutir estratégias para enfrentar os problemas de violência, reivindicando do Estado reformulação e implementação de políticas públicas, pressionando movimentos sociais a fim de criar programas e delegacias para ajudar essa camada da população que está a mercê da sociedade a décadas. Em resposta a esses movimentos, em 1985 foi criada a primeira Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), na cidade de São Paulo, a partir desse momento, outras cidades passaram a cobrar o mesmo. Em 2014, levantou-se 440 delegacias em território nacional, atingindo todos os estados brasileiros (CEPIA, 2008).

Como iniciativa da Secretaria de Segurança Pública brasileira, a criação de delegacias específicas para atender mulheres nos estados brasileiros ilustra a necessidade de se pensar em alternativas para receber e ajudar essa mulher vítima de violência e esse número vem crescendo, conforme Figura 1.



Figura 1 - Número de Municípios com Delegacias da Mulher entre 2004 e 2014.

A luta a favor da mulher apresenta alguns momentos significativos, dentre eles a reunião de Copenhagen em 1993, onde um grupo de mulheres solicitou a alteração na “Declaração Universal dos Direitos dos Homens” para “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, ocasião em que a ONU reconheceu que a violência contra a mulher impacta no desenvolvimento social, sendo considerada uma violação aos direitos humanos (CEPIA, 2008).

O problema em questão não é encontrado somente no Brasil, mas em diferentes sociedades, inclusive Adeodato, Carvalho, Siqueira e Souza (2005) apresentam dados mundiais em que um em cada cinco dias de absenteísmo no trabalho é decorrente de violência doméstica. Nos Estados Unidos, observa-se que um terço das internações em emergências envolve vítimas de agressões sofridas em casa, enquanto no Brasil as internações em decorrência da violência acometem entre 25% e 50% das mulheres, dados que podem ser encontrados na lista obrigatória de Registros de Agravos de Violência Interpessoal contra Mulheres, determinados a partir da publicação da Portaria nº 104, de 25 de janeiro de 2011 (Senado, 2018).

A violência contra a mulher é relatada em todos os Estados brasileiros, como por exemplo, no Ceará, que em 1983 foi palco do acontecimento contra Maria da Penha Maia

Fernandes, mulher que levou um tiro nas costas do então marido enquanto dormia, o que ocasionou uma paraplegia, após muitos anos de tortura na vida conjugal. Esse fato foi um marco na história da violência contra a mulher no país, pois a partir dele a lei passou a ser mais rígida e Maria da Penha foi homenageada com seu nome na lei. No que se refere à lei, observa-se que o Código Penal brasileiro de 1940 caracterizou a agressão do marido contra a mulher como passível de punição, mas somente a partir de 7 de agosto de 2006, com a sanção da Lei nº 11.340 (Brasil, 2006), passaram a existir mecanismos para coibir a violência familiar e doméstica contra a mulher. Assim, todas as mulheres têm direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, o que contempla viver sem violência, com preservação de sua saúde física, mental, moral, intelectual e social. Assegura a todas as mulheres condições para o exercício do direito a vida, a saúde, a alimentação, a educação, a cultura, a moradia, ao esporte, ao lazer, a cidadania, ao trabalho, a dignidade, a liberdade, ao respeito da convivência familiar e comunitária, garantindo assim direitos humanos no âmbito das relações humanas e familiares.

Dentre as formas de violência, a Lei 11.340/2006 no artigo 7º destaca:

- I- a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
- II- a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause danos emocional e diminuição da auto-estima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;
- III- a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
- IV- a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
- V- a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (Brasil, 2006, p.2).

A Lei Maria da Penha também teve papel importante na divulgação dos dados sobre violência contra a mulher. Dentre os tipos de violência, os dados do Registro de Agravos de Violência Interpessoal contra Mulheres apresentam alto número de violência física, seguido por violência moral ou psicológica, e sexual, conforme mostrado na Figura 2. De 2011 a 2016 evidenciou-se o aumento no número de registros envolvendo os diferentes tipos de violência previstos na lei, ilustrando a possibilidade de aumento da capilaridade do sistema. Com a lei, todo caso de violência doméstica e intrafamiliar contra a mulher é considerada crime e deve ser remetido ao Ministério Público após inquérito policial. Dessa forma tipifica a violência doméstica.

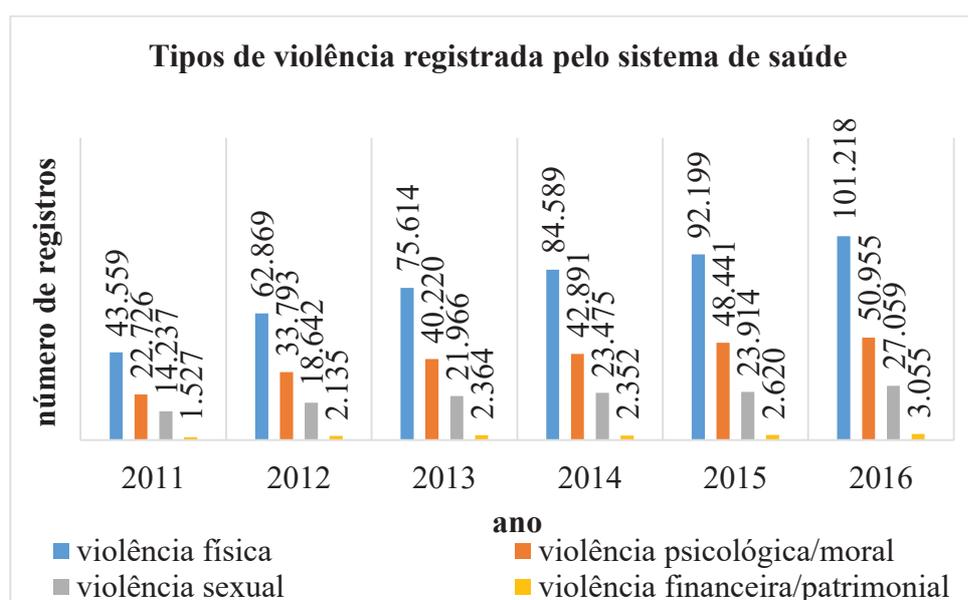


Figura 2 - Tipos de violência registrada pelo sistema de saúde no Brasil

Várias são as fontes de dados acerca da violência e, no Brasil, os mais utilizados são: Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), registros do Ligue 180, Sistema de Informações de Agravos de Notificação (SINAM) e Secretarias de Segurança Pública (SINESP). A Figura 3 apresenta dados de denúncias realizadas nos estados brasileiros através do Ligue 180 no ano de 2015. Os registros contemplam tanto o tipo de violência sofrida, bem com frequência, relação com agressor e vítima, tempo de agressão e outros. Os dados mostram

que em 2015 foram realizadas aproximadamente 1.635 denúncias telefônicas por mil habitantes, sendo o Distrito Federal o responsável por maior quantidade e Amapá pela menor, 8,1 denúncias por mil habitantes, podendo levantar a hipótese da falta de conhecimento das mulheres desse canal de comunicação (Senado, 2018).



Figura 3 - Relatos de violência no ligue 180 (Grupo de 100 mil mulheres) por unidade da federação-2015.

O Instituto Maria da Penha, em estudo composto por mais de 10.000 mulheres sobre as condições socioeconômicas e violência doméstica e familiar contra a mulher, levantou dados interessantes e que merecem atenção, por enfatizar o impacto da violência doméstica nas famílias brasileiras (Senado, 2018). De acordo com o estudo, a violência doméstica é observada em mulheres em diferentes situações. No grupo analisado, 6,2% das mulheres que tiveram experiência de gravidez foram agredidas, sendo que essa taxa tende a decrescer com as faixas etárias, e quanto menor o nível de escolaridade maior o nível de violência. Outro ponto levantado é que mulheres que passaram por diversas gestações apresentam maior taxa de prevalência de violência doméstica.

Dentre os dados apresentados, destaca-se a existência da Transmissão Intergeracional de Violência (TIV), demonstrando que a probabilidade de uma mulher sofrer violência aumenta quando a mesma vivenciou violência quando criança e adolescente, inclusive Pollak (2004) analisa estratégias comportamentais transmitidas de pais para filhos. Além de intergeracional, Paulino (2016) pontua que a violência doméstica assume uma condição de violência continuada e muitas vezes silenciada por muitos anos e muitas mulheres se mantêm em um relacionamento violento de forma apática, sem conseguir sair. A dificuldade de deixar o relacionamento pode ser descrita, de acordo com esse autor, pelo modelo do Ciclo da Violência Doméstica, composto por três fases distintas: fase do aumento da tensão, fase do ataque violento e fase do apaziguamento, também conhecida como lua-de-mel ou reconciliação.

Durante a fase de aumento da tensão, o agressor se mostra agressivo com a vítima em vários contextos, de situações do dia-a-dia a outras situações, gerando aumento da tensão, o que pode resultar em discussões. Nessa fase, a vítima procura acalmar a situação, cedendo a vontade do agressor por acreditar que assim conseguirá diminuir ou conter a tensão do agressor. Essa fase pode ser intensificada pelo consumo de álcool ou drogas.

A agressão verbal com ameaça de violência física dá início à fase do ataque violento, envolvendo a combinação de diferentes tipos de violência. As vítimas, em muitos casos, costumam não reagir, por terem medo de agravar a violência praticada, mas nessa fase o agressor descarrega todas as suas tensões, com agressões mais graves e mais frequentes, podendo culminar em homicídio. O agressor busca justificar seus atos, o que envolve a culpabilização da vítima. Última fase, do apaziguamento, sucede os atos violentos e o agressor demonstra arrependimento, com promessas que envolvem a mudança do comportamento, com carinhos, atenção, falas de que isso não acontecerá nunca mais, aumentando assim o período de “conquista” e “namoro”. Essa fase tende a desaparecer com a repetição e agravamento da violência, iniciando um novo ciclo (Paulino, 2016; Carmo & Moura, 2010).

Violência para a análise do comportamento

Após os desenvolvimentos iniciais do Behaviorismo com Watson (*e.g.* 1913), a noção básica de estímulo e resposta mostrou-se limitada para promover uma adequada descrição do comportamento. Skinner propôs um modelo que definiu de Behaviorismo Radical, ao lidar com eventos tradicionalmente tratados como mentais como comportamentos (*e.g.* Skinner, 1945). Ele abandona a filosofia lógico-positivista que embasava o Behaviorismo de Watson e as explicações mecanicistas entre os estímulos e as respostas. Em vez de desconsiderar a possibilidade de investigação dos estados subjetivos (denominados por ele de privados), propõe que mesmo estes são comportamentos controlados pela história passada do indivíduo e pela situação atual.

Em seu modelo behaviorista radical, mantém a noção de comportamentos reflexos para uma pequena parcela dos comportamentos e propõe a noção de operante, um comportamento que é controlado pelas suas consequências, para comportamentos complexos. Skinner (2003) propõe também como unidade de análise para o estudo do comportamento a contingência de três termos, em que uma situação ou ocasião (S^D – estímulo discriminativo) na qual a emissão de uma resposta (R) é conseqüenciada (SR e SP) altera a probabilidade futura dessa resposta voltar a ocorrer. Quando conseqüências aumentam a probabilidade futura dessa resposta, diz-se que essa resposta foi reforçada, e quando conseqüências diminuem a probabilidade da resposta, a resposta foi punida.

A noção de contingência e a noção de controle do comportamento é aplicada a situações sociais. A exposição a contingências nessas situações envolvem “o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum” (Skinner, 2003, p. 325). Nesse caso, o reforço social implica a referência a outro organismo e a situação envolve o controle mútuo do comportamento. Ainda conforme Skinner (2003):

O reforço social varia de momento para momento dependendo da condição do agente reforçador. Dessa forma, respostas diferentes podem conseguir o mesmo

efeito, e uma resposta pode conseguir diferentes efeitos, dependendo da ocasião. Como resultado, o comportamento social é mais extenso que o comportamento comparável em ambiente não-social. Também é mais flexível, no sentido de que o organismo pode mudar mais prontamente de uma resposta para outra quando o comportamento não for eficaz. (p. 327)

Muitas vezes, contudo, o controle exercido no ambiente social se baseia em consequenciar o comportamento do outro indivíduo via estimulação aversiva. Quando outros indivíduos ou as agências de controle estabelecem esses padrões de interação, visando muitas vezes reduzir comportamentos inadequados, geram certos subprodutos, que não trazem vantagens para o controlador a longo prazo, mas são vantajosas a curto prazo e são prejudiciais para o indivíduo e para o grupo, como fuga, revolta, resistência passiva e outros atos de violência.

Dessa forma, a violência tem sido relacionada no Behaviorismo Radical e na Análise do Comportamento a controle aversivo, notadamente o uso da punição. De acordo com Skinner (2003), a exposição a contingências gera respondentes colaterais. Skinner (1991) indica que sob contingências aversivas alguns desses produtos são denominados no dia a dia de raiva, frustração, ansiedade, medo e agressão. Diferentemente, contingências reforçadoras estabelecem respostas de alegria, satisfação, felicidade. Além disso, enquanto as contingências aversivas envolvem coerção, nas contingências reforçadoras é estabelecido um “sentimento de liberdade”.

A escalada da agressão, alimentada tanto pela agressão física quanto pela agressão verbal, pode atingir altos níveis de violência, especialmente quando uma cultura propaga a honra e dignidade (Skinner, 1971), principalmente quando ancoradas à competição socialmente estabelecida.

Dentre os comportamentos agressivos, os behavioristas radicais destacam a agressão intra-específica, fazendo referência ao comportamento violento do homem contra a própria espécie e também ao comportamento anti-social, com destaque para ações contra outras

peessoas. O DSM V define como anti-sociais comportamentos repetitivos e persistentes de violação aos direitos dos outros, contemplando normas e regras importantes (Associação Americana de Psiquiatria, 2013). A partir de uma linha analítico comportamental, Patterson, Reid e Dishion (2002) defendem que abordemos eventos anti-sociais e não pessoas anti-sociais, ao definir esse tipo de comportamento como sob controle de eventos aversivos e contingentes ao mesmo. Além disso, uma relação de agressão pode envolver uma relação na qual um indivíduo exerce controle via agressão e outro indivíduo acaba por controlar o comportamento agressivo submetendo-se às agressões. Essa submissão acaba por funcionar como reforço generalizado para diferentes classes de respostas agressivas dirigidas à pessoa (Patterson, Reid & Dishion, 2002; Skinner, 1971).

Dessa forma, a convivência em sociedade possibilita que as pessoas influenciem umas às outras de várias maneiras, podendo alterar nosso ambiente através de consequências que podem envolver situações de dor e sofrimento, resultando na violação dos direitos humanos. A violência está tão presente no nosso dia-a-dia que acabamos nos acostumando com ela, entendendo a temática como algo banal, a ponto de não percebermos o papel da violência nas interações uns com os outros, resultando em alguns efeitos como: violência acarreta mais violência, o uso da violência faz com que tudo pareça violência, violência produz seres humanos impotentes, o uso da violência nos torna sujeitos amargos (Andery & Sério, 1997).

Assim, ao discutir a violência devemos olhar a relação entre os homens e indivíduos que se comportam de modo agressivo e dentre os comportamentos observados com maior frequência identificamos o uso da coerção para impor suas opiniões, podendo gerar conflitos automáticos, levando a sentimento de culpa e frustração, prejudicando as pessoas próximas, levando a situações de tensão, isolamento, perda de controle (Caballo, 1999).

Coerção

A coerção está presente nas relações humanas e na relação dessas com a natureza, podendo ser observada em diversos segmentos de relacionamentos em grupos como: trabalho, família, escola, relações políticas, governamentais. Independente do segmento, Sidman (2009) define coerção como o uso de punição e reforçamento negativo na interação entre pessoas e ambiente físico não social, levando a consequências aversivas naturais. A coerção é considerada como uma prática natural, contemplando aspectos filogenéticos, ontogenéticos e culturais, considerada eficiente no controle comportamental utilizada em praticamente todas as sociedades contemporâneas.

Skinner (2003) define cultura como um conjunto de contingências de reforços semelhantes entre indivíduos de um grupo, na maioria das vezes através de leis e regras. A cultura controla o comportamento do grupo que as pratica, interferindo diretamente no grupo e também nos indivíduos que o mantêm.

Para compreender a sociedade é necessário analisar a semelhança das práticas culturais, identificando quando interferem na resolução de problemas do grupo. A cultura torna o ambiente poderoso permitindo o domínio de partes do ambiente natural.

Existem vários meios coercitivos, destacando-se práticas punitivas e reforço negativo. Para Sidman (2009), a punição pode ser usada para controlar pessoas, mas também pode ser usada para nos controlar, ambas as práticas são aceitas pela comunidade.

Os modelos coercitivos existem em diferentes tipos de relações, já que a punição tem sido uma estratégia de controle do comportamento muito utilizada por apresentar resultados imediatos e eficazes apesar dos efeitos colaterais tanto em quem aplica quanto em quem é punido. Dentre os efeitos mais observados nota-se: sentimentos no agredido que dificultam a

relação e a aprendizagem com as pessoas; comportamento de fuga e esquiva que impedem contato com situações de aprendizagem de repertórios comportamentais alternativos e estímulos aversivos utilizados pelos adeptos da agressão como controle do comportamento (Skinner, 2003; Sidman, 2009). Na nossa cultura, Sidman (2009) destaca a educação coercitiva, em que situações de punição e privação levam os homens a comportamentos agressivos, pontuando inclusive que exposições longas a violência e agressão, em comunidade ou televisão, aumentam os comportamentos agressivos.

Sidman (2009) pontua que a punição pode ser classificada de duas formas: negativa, quando ocorre a retirada ou com o término de um reforçador positivo, e positiva, quando há a inserção de um estímulo aversivo. Assim, a punição envolve a contingência entre conduta e consequência, através do uso da estimulação aversiva, que poderá apresentar efeitos como por exemplo: estereotipia, estado de vigilância para evitar ou diminuir a coerção, limitação do repertório comportamental, ocorrência de comportamentos supersticiosos, compulsão e mecanização dos comportamentos de fuga e esquiva (Andery & Sérgio, 1997). A punição envolve uma relação funcional em que certas consequências que seguem o responder o tornam menos provável de ocorrer no futuro, objetivando parar ou impedir ações que machucam, privam, insultam e até mesmo desagradam (Catania, 1999).

Fuga e esquiva são comportamentos fortalecidos pelo reforço negativo, sendo que a fuga suspende um evento aversivo quando está presente em um ambiente, após resposta de um organismo. Já a esquiva reforça a resposta do indivíduo para evitar que um estímulo aversivo ocorra. Dessa forma, observa-se que os reforçadores negativos ficam em controle quando nos livramos, fugimos, esquivamos ou até mesmo diminuimos eventos perturbadores (Moreira & Medeiros, 2007).

Dentre as consequências do controle aversivo, a que apresenta um dos piores efeitos é a esquiva, uma vez que esse comportamento pode ser mantido por tempo indeterminado desde que o agente controlador assistematicamente e eventualmente libere estímulos aversivos (Andery & Sérgio, 1997; Sidman, 2009). Assim, o estímulo aversivo possui efeitos colaterais para quem aplica e para quem é submetido a ele. Uma das desvantagens encontradas em quem administra a punição é a pena ou culpa, já para quem entra em contato com o estímulo aversivo observam-se respostas emocionais como taquicardia, choro, palpitações, porém o efeito colateral mais indesejado é o contracontrole.

O contracontrole é identificado através da reação do controlado que emite uma resposta que tende a impedir que o agente controlador mantenha controle sobre seu comportamento, com tentativas de evitar e/ou fugir de punições ou ameaças de punição (Moreira & Medeiros, 2007).

Autocontrole

O termo autocontrole é muito utilizado, tanto no senso comum quanto na Análise Experimental do Comportamento e em outras áreas de investigação e aplicação, porém com significados distintos. De acordo com o senso comum, autocontrole representa a capacidade de cada indivíduo de manter o equilíbrio emocional, interior, controlar sensações e sentimentos, ser seguro de si e de suas escolhas, dominar impulsos, ou seja, ter autodomínio (Ferreira, 2004).

Skinner (2003), ao utilizar o termo autocontrole refere-se às modificações realizadas pelo próprio indivíduo em seu ambiente a fim de controlar melhor seu próprio comportamento, em uma relação na qual uma resposta controladora altera a probabilidade de ocorrência de uma segunda resposta, chamada de resposta controlada. Essas modificações podem ocorrer diante de diversas situações, inclusive aquelas conflitantes para o sujeito ou que possam levar a punição, sempre visando melhorar o ambiente. Skinner aponta que a resposta controladora interfere nas variáveis ambientais relacionadas diminuindo a probabilidade da resposta controlada de diferentes formas: através da redução da intensidade de estímulos aversivos,

apresentação ou retirada de estímulos discriminativos, criação de operações estabelecidas que modificam estados motivacionais, regular a probabilidade de reforçadores ou de punidores, ou desenvolver alternativas comportamentais que não levem a punição.

Dessa forma, o autocontrole busca tornar a consequência punitiva menos provável alternando as variáveis da qual é função e para tanto algumas técnicas de controle foram destacadas por Skinner (2003):

Restrição física e ajuda física, usada para controlar o comportamento, podendo limitar alguma parte do corpo com a utilização de mordaza, algema, camisa de força ou até mesmo o próprio corpo, como por exemplo colocar a mão na boca, reprimir resposta verbal. A restrição física também pode ser observada quando o indivíduo se retira da situação em que o comportamento a ser controlado pode ocorrer.

Mudança de estímulo, envolve a manipulação de estímulo eliciador ou discriminativo com o propósito de criar ou eliminar respostas como tirar o doce da frente para “evitar a tentação”. Em alguns casos, o estímulo é apresentado para que o comportamento resultante substitua o comportamento a ser controlado.

Privação e saciação, são consideradas variáveis ambientais controladoras do comportamento que podem ser ilustradas através da alimentação. Operações como a privação de alimento observadas quando o indivíduo fica muitas horas sem se alimentar se opõem a saciação que envolve a apresentação continuada de comida.

Manipulação de condições emocionais, tem como propósito controle, o que pode ocorrer através da remoção ou da apresentação de estímulos. Em muitos casos a extensão da reação emocional pode ser retardada através do eliciamento de respostas incompatíveis com estímulos apropriados.

Uso de estimulação aversiva, pode ser condicionada através do emparelhamento de estímulos de modo adequado, podendo envolver pessoas. A presença de pessoas que fornecem estimulação aversiva possivelmente aumentará a emissão do comportamento alvo.

Drogas, podem interferir no efeito de variáveis do autocontrole. Algumas podem reduzir estímulos dolorosos, outras são usadas para aumentar o efeito da privação, dependendo da crença do indivíduo.

Condicionamento operante, não possui um lugar claro em aspectos que envolvem o autocontrole, porém o auto-reforço do comportamento operante envolve a idéia de que o indivíduo pode obter reforço.

Punição, aborda a possibilidade da autopunição, ou seja, o indivíduo pode se estimular aversivamente, porém isso ocorre a partir da estimulação aversiva contingente a uma dada resposta.

“Fazer alguma outra coisa”, propõe que o indivíduo, com o propósito de evitar punição, empenhe-se em outra coisa, geralmente mais eficiente. Um bom exemplo envolve as emoções por se agruparem em pares, amor- ódio, medo-fúria (Skinner, 2003).

Assim como Skinner (2003), Rachlin (1970) também se propôs a estudar autocontrole definindo-o como um tipo de comportamento de escolha que pode ser controlado por duas variáveis determinantes: atraso e magnitude do reforço. Descreve então um modelo de escolha no qual relaciona impulsividade com a escolha de um reforçador imediato de menor magnitude e autocontrole com a escolha do reforço com maior atraso e maior magnitude (Hanna & Todorov, 2002; Logue, 1988; Rachlin & Green, 1972).

Ao descrever autocontrole e impulsividade, Rachlin (1970) destaca que ambos são comportamentos que envolvem conflitos entre magnitude, atraso, qualidade e frequência do reforço, além de outros fatores. O estudo clássico que merece destaque foi realizado por Rachlin

e Green (1972) e utilizou esquemas concorrentes encadeados e teve como sujeitos pombos, em um procedimento conhecido por *commitment* que possuía duas etapas: inicial e segunda etapa. Na etapa inicial, o pombo tinha duas alternativas de respostas, A e B, sendo que ambas levavam à segunda etapa. Caso escolhessem a alternativa A, tinham acesso a condições de estímulo para R1 e R2, sendo que em R1 a quantidade de alimento a que tinham acesso era menor e em R2 a quantidade de alimento era maior, porém após maior período de atraso. Se escolhessem a alternativa B, as condições de estímulo permaneciam presentes apenas para R2. Posteriormente, um tempo T foi adicionado antes dessas alternativas e Rachlin e Green observaram que o aumento de T levou à preferência pela alternativa B e a maior porcentagem de respostas de autocontrole. Sem T ou com T de curta duração sujeitos escolhiam a alternativa A, quando se encontravam nesta alternativa, escolhiam a alternativa de impulsividade.

O paradigma de Rachlin é confirmado em estudos à medida que demonstra o quanto a preferência pode ser influenciada por fatores ambientais, ampliando assim sua utilidade na Análise Experimental do Comportamento (Hanna & Todorov, 2002). Apesar disto, estes autores consideram que o modelo proposto por Rachlin restringe-se apenas a uma das formas de autocontrole propostas por Skinner.

A violência doméstica na Análise do Comportamento

Ao abordar o ciclo da violência doméstica, observa-se a relação do comportamento violento com as relações sociais e as práticas culturais. Assim, ao olharmos a violência estamos falando do comportamento humano, das relações entre as pessoas, questões que têm sido explicadas pela Análise do Comportamento (Skinner, 2003; Sidman, 2009) e especificamente análise da violência (Rachlin, 2004). Ao estudar a violência doméstica, pesquisas mostram a existência de um histórico individual das mulheres vítimas de qualquer tipo de abuso, que geralmente é transmitido ao longo de gerações (Carrasco, 2003; Narvaz, 2005).

Os repertórios de histórias violentas tendem a permitir que a vítima se ajuste a violência com mais facilidade, por isso é tão comum encontrarmos mulheres que se mantêm em relacionamentos violentos em função de variáveis de história de vida que podem contribuir para essa permanência, ou até mesmo reatam com o agressor após episódios de violência. Um dos motivos que levam a mulher a reatar o relacionamento é o jogo emocional, com promessas de mudança de comportamento por parte do marido ou companheiro, gerando expectativas de melhora, justificando a preservação do casamento, iniciando um novo ciclo de violência, que envolve espancamento da mulher, arrependimento e pedido de perdão e posteriormente novas agressões.

Dentre os fatores que contribuem para que a mulher permaneça em relacionamentos abusivos tem-se: dependência financeira, dependência emocional e questões religiosas, demonstrando ausência de repertório comportamental por parte das mulheres agredidas que evitam denunciar o agressor. A afetividade e carinho do parceiro após situações de agressão geralmente reforçam o comportamento da mulher de forma intermitente, pois episódios pequenos de afetividade podem ser suficientes para manter a relação. Mesmo de forma não consciente o agressor consegue condicionar a vítima (Pereira, Camargo & Aoyama, 2018).

Indivíduos passivos têm dificuldade em produzir respostas adaptativas, resultando em efeitos como perda de oportunidades, rebaixamento de humor, ansiedade, autoimagem empobrecida, sensação de ineficácia, sentimento de solidão, favorecendo o domínio do agressor sobre a vítima (Caballo, 1999). Ao ser dominada pelo agressor, observa-se na mulher um abalo de sua crença em questões referentes a competência, o que pode ser estudado quando o foco é a violência psicológica, comprometendo de forma significativa a saúde mental com sintomas como: falta de concentração, ansiedade, depressão, insônia, pesadelo, irritabilidade,

comportamentos autodestrutivos, que podem permanecer por dias ou horas (Kashani & Allan, 1998; Brasil, 2006).

Após detectada a violência, é muito importante o atendimento dessa mulher por uma equipe multidisciplinar, a fim de promover ações de prevenção e assistência, o que inclui intervenção psicológica, objetivando o resgate de sua condição enquanto sujeito, contemplando autoestima, desejos e vontades anulados e encobertos em função do relacionamento (Soares, 2005).

A superação dos sofrimentos psíquicos acontece quando o indivíduo possui uma boa autoimagem, entendida a partir da perspectiva analítico-comportamental como a forma como julga a si mesmo, resultante de sua interação com o meio. Aprovações ou reprovações das pessoas em relação ao seu comportamento influenciam as características do autoconhecimento (González & Valles, 1998).

O autoconhecimento tem origem social, pois só se torna relevante para os outros a partir do momento em que se torna importante para o falante. Entende-se que a comunidade verbal modela a capacidade do indivíduo de discriminar seu comportamento a partir do momento que responde sobre ele (Skinner, 2003). Cabe ressaltar que a formação do autoconhecimento se relaciona a como outros reagem a nosso comportamento. No caso da violência doméstica, ações coercitivas podem levar a um conhecimento inadequado de si. Esse conhecimento pode assim se relacionar diretamente às escolhas que a vítima faz, como forma de reduzir a coerção ou de responder a estímulos discriminativos verbais e reforços disponibilizados intermitentemente que sinalizam probabilidade de encerramento da agressão futura. Análises relacionadas a comportamento de escolha na análise do comportamento podem contribuir para essa compreensão. Dentre os estudos destaca-se o que envolve violência doméstica, por abordar análises contextuais de relacionamentos sociais utilizados por homens, uma vez que se tem

poucas informações sobre em que contextos ocorrem e como surgem as relações abusivas e controladoras no relacionamento, a partir de uma perspectiva comportamental.

De acordo com Pierce & Cheney (2004), as contingências de agressão explicam abusos envolvendo crianças, esposas e outros grupos que podem apresentar um certo grau de dependência da benevolência dos pais, maridos, etc. Em um exemplo apresentado por esses autores, uma mulher desempregada, com poucos amigos e casada com um homem que a agride. Quando esse marido fica agressivo, poucos recursos além da submissão fazem parte de seu repertório e ela pode ter aprendido que seu marido apenas ficaria com mais raiva. Por essas razões, o comportamento agressivo do marido pode acabar sendo modelado a níveis mais extremos. Além disso, em certas situações, a vítima desenvolve uma ligação emocional à pessoa que lhe trata mal e esse comportamento pode passar a fazer parte do episódio agressivo, reforçando-o negativamente quando o ataque é reduzido ou removido pelos sinais de afeto da vítima. Com a repetição desse ciclo, as vítimas podem até alegar amar seus abusadores.

Na análise do comportamento são poucos os estudos sobre violência e, mais especificamente, sobre violência doméstica. Cherek et. al. (1997) investigaram a relação entre impulsividade e violência entre homens em liberdade condicional. Trinta homens foram submetidos a escolhas entre consequências monetárias menores disponibilizadas após um período menor fixo e quantias maiores a serem recebidas após um atraso mais longo e variável. Os participantes também responderam a um questionário sobre agressividade e foram submetidos a testes de drogas. Nove participantes foram alocados no grupo “violento” e 20 no “não violento”. Os participantes do grupo violento apresentaram uma maior porcentagem de escolhas da alternativa de impulsividade, indicando a relação desse padrão com a agressividade.

Myers (1995) propôs um modelo baseado na contingência de três termos para descrever como a violência física pode controlar o comportamento da vítima. De acordo com ele, uma mulher com padrões assertivos e outros comportamentos que promovem a independência pode

ser punida pela agressão física e verbal do parceiro. Em decorrência disso, a mulher pode obedecer a solicitações futuras do marido como meio de evitar ou fugir de ataques. Essa obediência pode reforçar o comportamento violento do marido, que pode fortalecer as agressões futuras. Em combinação, esses reforçadores potenciais podem aumentar a probabilidade do agressor aja de forma fisicamente agressiva no futuro. Adicionalmente, o agressor raramente entra em contato com consequências punitivas, como sanções legais que podem reduzir o comportamento agressivo, enquanto a mídia e os pares modelam consequências da agressão, relacionadas a padrões culturais e crenças, que acabam tendo função de manter a violência.

De acordo com Bell e Naugle (2005), estudos indicam que as vítimas que contatam a polícia durante uma briga doméstica ou deixam a relação abusiva por breve período são mais suscetíveis ao risco de voltar à relação e manter a continuidade do abuso. Além disso, a decisão de se manter na relação abusiva é influenciada por diversos fatores, como o compromisso com a relação, que apresenta uma maior predição nessa decisão, juntamente com o tempo no qual a pessoa está na relação. Para entender de forma funcional essa relação, os autores propõem a aplicação da análise do comportamento. Segundo eles, conceituar a violência conjugal a partir da análise do comportamento tem como vantagens o fato dela poder se mostrar útil na identificação de variáveis chave e relações funcionais entre variáveis relacionadas à violência. Assim, pode fornecer um modelo parcimonioso que une fatores identificados por outras teorias. Além disso, pode prover procedimentos científicos para mensurar os comportamentos a partir de modelos derivados de pesquisas de laboratório.

A análise proposta por Bell e Naugle (2005) de aplicação das noções analítico comportamentais estende a proposta de Myers e identifica princípios que podem contribuir para a compreensão da decisão pela permanência na relação:

- Reforço positivo – elogios fornecidos à vítima por amigos e familiares pelo retorno ao agressor;
- Reforço negativo – a vítima evita abuso físico ao ligar para a polícia e deixar a relação;

- Punição – a vítima é punida ao sair da relação ao encontrar barreiras para alternativas de vida;
- Extinção – a vítima continua a ser abusada mesmo após abandonar a relação, e esse comportamento entra em extinção;
- Déficits comportamentais – a vítima tem poucas habilidades para alternativas de vida;
- Comportamento Governado por regras – vítimas que têm crenças como “se eu trabalhar a relação meu parceiro vai mudar” tendem a se manter mais na relação;
- Escolha e Economia Comportamental – a vítima permanece na relação quando ela oferece mais incentivos (lar, suporte social e emocional, intimidade sexual, estabilidade financeira), que outras alternativas;
- Desconto intertemporal – vítima escolhe reforçadores mais imediatos associados à permanência na relação que os reforçadores atrasados derivados da saída da relação.

Ao se considerar aspectos relacionados à violência conjugal, um tema que tem sido analisado é o ciúme (*e.g.* Costa & Barros, 2010; Lacerda & Costa, 2013). Na análise do comportamento, para Lacerda e Costa, o ciúme pode ser entendido como um conjunto complexo de comportamentos interligados em que o evento antecedente que compõe a interação caracterizada como comportamento emocional ciumento consiste na competição, com um rival, por reforçadores e envolve comportamentos respondentes e operante públicos e privados. Em virtude da relação entre o ciúme e a violência conjugal, Lacerda e Costa (2013) investigaram como 10 mulheres definem comportamento emocional ciumento e as situações em que os parceiros emitem esses comportamentos. As situações nas quais o comportamento emocional ciumento ocorre envolveram prioritariamente suspeita de envolvimento com outra pessoa, uso de substâncias tóxicas e arrumar-se. Das nove categorias de comportamento emocional ciumento do parceiro, oito foram classificadas como violentas, a partir da definição da Organização Mundial de Saúde. Além disso, das consequências descritas, 17 envolveram reforço negativo da resposta de ciúme (por exemplo: a mulher evita olhar para outros homens, permanece em casa, solicita saída do emprego) e duas envolveram reforço positivo (por

exemplo: mulher diz que gosta do parceiro, que jamais iria traí-lo). Em resumo, as contingências do comportamento ciumento envolveram um contexto de competição, com respostas emocionais violentas e não violentas e remoção do rival com ou sem atenção fornecida pela parceira.

Gomes e Costa (2014) realizaram um estudo empírico sobre as regras ocidentais relacionadas à violência contra a mulher. Nesse estudo foram apresentadas a estudantes universitários e público não universitário 25 frases afirmativas relacionadas à violência doméstica e os participantes tinham que indicar seus níveis de concordância em uma escala de três pontos. As afirmativas foram distribuídas em oito categorias, de acordo com a temática principal (papel tradicional masculino e feminino, privacidade da relação, modelo de família intacta é o ideal, responsabilidade da vítima, ciúme relacionado ao amor, ciúme relacionado à violência, justificativa para a violência e outros). O nível de concordância total com as afirmativas ficou abaixo de 50% para todas as categorias e, apesar disso, alta porcentagem de participantes indicou conhecer pessoas que concordam com as afirmativas.

Guerin e Ortolan (2017) descreveram em termos operantes os principais padrões envolvidos na violência doméstica. De acordo com a análise desses autores, cinco padrões funcionalmente relacionados podem ser descritos na violência contra a mulher: ações físicas diretas e ameaças; manipulação do contexto para controlar o comportamento da parceira; estratégias para manter segredo sobre o relacionamento, estratégias de monitoramento ou descoberta das atividades e contatos sociais da parceira; verbalizações para ameaçar ou convencer a mulher de adotar a visão de mundo do parceiro. Dentre as análises realizadas por Guerin e Ortolan (2017), evidencia-se o esforço despendido pelas pessoas para ganhar, ou seja, para encontrar pessoas ou relacionamentos na qual poderá obtê-los. Outros fatores que também estão presentes nesse contexto são relacionamentos, contextos históricos, oportunidades, padrões culturais.

Justificativa

A Análise do Comportamento tem buscado entender fenômenos sociais, dentre eles destaca-se a violência, inclusive Rachlin (2004) busca identificar contingências de reforçamento e punição, bem como os benefícios desses comportamentos a curto e longo prazo. Em seu estudo com jovens violentos identificou a necessidade de examinar os benefícios imediatos e os custos de longo prazo para a sociedade, destacando que as contingências extrínsecas não anulam as intrínsecas, mas descrevem alguns fatores que resultam no comportamento violento, possibilitando assim observar e entender o fenômeno.

Dessa forma, esse trabalho justifica-se devido a necessidade de promoções de mudanças de práticas culturais, a partir da compreensão das relações de contingências sociais, evidenciando comportamento abusivos.

Objetivos

Para buscar compreender relações nas quais se observa violência conjugal/doméstica, o presente trabalho teve como objetivo principal comparar as respostas de homens e mulheres sobre a violência na relação e as possíveis relações com padrões de impulsividade e autocontrole.

Mais especificamente, o presente trabalho buscou:

- Levantar as situações de violência vivenciadas no relacionamento conjugal
- Estudar fenômenos socialmente relevantes na vivência da violência conjugal.
- Levantar as situações de conflitos mais comuns na população estudada.
- Identificar qual subescala apresentam dados mais significativos em relação à tática de conflitos.

- Verificar os padrões de escolha com perda de dinheiro e prisão atrasadas ou prováveis,
- Comparar respostas de escolhas entre homens agressores e mulheres agredidas;
- Comparar respostas de escolha entre homens e mulheres com e sem histórico de violência

Método Geral

Esse trabalho fez uso de três metodologias, sendo duas descritivas e uma experimental, visando assim analisar o fenômeno da violência na relação conjugal.

Participantes:

O estudo contou com 135 participantes, homens e mulheres, com idade superior a 18 anos, residentes na cidade de Catalão e região. Os participantes foram divididos em dois grupos, sendo:

1. Participantes sem histórico de violência doméstica e
2. Participantes com histórico de violência doméstica.

Os participantes com histórico de violência foram identificados de duas formas: a partir de denúncias realizadas na Delegacia da Mulher de Catalão/GO ou através da Escala Tática de Conflitos, por conter questões que envolvem violência.

Instrumentos e Procedimento geral:

Para o desenvolvimento deste trabalho, todos os sujeitos receberam explicações sobre a importância da pesquisa e relevância da temática, e em seguida iniciaram a participação que envolveu as sequências descritas abaixo:

- Grupo sem histórico de violência: preenchimento do termo de consentimento livre esclarecido, questionário de levantamento de dados, Escala Tática de conflitos, software Alternativas 1.0;

- Grupo com histórico de violência doméstica (mulheres que não realizaram a denúncia): preenchimento do termo de consentimento livre esclarecido, questionário de levantamento de dados, Escala Tática de conflitos, questionário para mulheres I, software Alternativas 1.0;
- Grupo com histórico de violência doméstica (mulheres que realizaram a denúncia): preenchimento do termo de consentimento livre esclarecido, questionário de levantamento de dados, Escala Tática de conflitos, questionário para mulheres I, questionário para mulheres II, software Alternativas 1.0;
- Grupo com histórico de violência doméstica (homens): preenchimento do termo de consentimento livre esclarecido, questionário de levantamento de dados, Escala Tática de conflitos, questionário para homens, software Alternativas 1.0.

O Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) foi lido e após anuência, os participantes responderam dois materiais: um questionário para levantamento de dados (geral) com dez perguntas, que contemplavam dados pessoais, raça, situação ocupacional, atividade profissional, estado civil atual, religião e renda familiar e a Escala Tática de Conflitos (CTS2), composta por 78 afirmativas sobre situações que podem acontecer em um relacionamento. Para responder, o participante deveria levar em consideração o último ano e uma escala de 0 a 7 deveria ser utilizada para sinalizar a frequência em que as situações mencionadas aconteceram, sendo 0 isso nunca aconteceu, 1 aconteceu uma vez no ano passado, 2 aconteceu duas vezes no ano passado, 3 aconteceu de três a cinco vezes no ano passado, 4 aconteceu de seis a dez vezes no ano passado, 5 aconteceu de uma a vinte vezes no ano passado, 6 mais de vinte vezes.

Quando a coleta era realizada com mulheres com histórico de violência dois questionários específicos eram aplicados, um com trinta e seis questões e outro com dezoito a fim de identificar aspectos sobre a agressão, a relação da vítima com o agressor, o que motivou a denúncia e atual relação com o agressor.

Os agressores responderam um questionário com trinta e sete questões que objetivavam identificar a relação do agressor com a vítima, tempo de agressão, tipo de agressão praticada. Os questionários aplicados nas mulheres vítimas de agressão e o aplicado nos homens agressores envolveu a adaptação de materiais utilizados por Paulino (2016).

Após o preenchimento dos questionários, os participantes foram expostos a situações hipotéticas envolvendo escolhas monetárias e escolhas por diferentes tempos na prisão, de acordo com atraso ou probabilidade apresentadas no software.

A coleta de dados foi realizada em dois lugares: clínica de atendimento psicológico no CESUC (Centro de Ensino Superior de Catalão) e na Delegacia Especializada em atendimento à Mulher (DEAM).

Estudo 1

Violência doméstica: um estudo descritivo

Introdução

A violência é considerada hoje um fenômeno mundial de violação aos direitos humanos uma vez que esta pode contemplar diversas formas, espaços e relações. A Organização Mundial de Saúde (2002) define violência como o uso de força física ou de poder tanto em ameaças quanto prática, contra si mesmo, contra outra pessoa ou contra algum grupo ou comunidade, podendo resultar em danos como morte, lesão, dano psicológico, deficiência de privação ou desenvolvimento. Essa definição contempla uma gama de resultados que levam a questionamentos quanto aos impactos da violência, ressaltando que esta não necessariamente envolve dor ou morte, mas impacta significativamente nas pessoas, nas famílias, nas comunidades e no sistema de saúde.

O constructo da violência representa questões históricas que são perpetuadas a muitas gerações, contemplando aspectos em esferas sociais, políticas e econômicas. Compreende-se assim como um problema grave e complexo que tem gerado grande impacto na sociedade (Minayo, 2003).

Violência contra a mulher

Dentre os tipos de violência existentes, merece destaque a violência cometida contra a mulher, que pode se manifestar de várias formas: violência de gênero, violência intrafamiliar, violência doméstica, violência física, violência sexual, violência psicológica, violência econômica, financeira, violência institucional.

Existem órgãos, como por exemplo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que constantemente disponibilizam o registro de atendimento da Central de Atendimento à Mulher. A Tabela 1 apresenta dados de denúncias realizadas na Secretaria de

Política para as mulheres. De 2009 a 2012 é possível verificar o quanto é alto o número de pessoas que realizam a denúncia via telefone, destacando o ano de 2010. Apesar dos dados sabe-se que nem todas as mulheres vítimas de violência fazem a denúncia.

Tabela 1 - Registro de atendimentos da Central de Atendimento à Mulher.

Registros de atendimentos da Central de Atendimento à Mulher, segundo o tipo de relato - Brasil - 2009-2012

Tipo de relato	Registros de atendimentos da Central de Atendimento à Mulher			
	2009	2010	2011	2012 (1)
Total	40 857	108 491	74 984	47 555
Violência física - lesão corporal leve, grave e gravíssima, tentativa de homicídio e homicídio	22 006	63 838	45 953	26 939
Violência psicológica - ameaça, dano emocional, perseguições, assédio moral no trabalho	13 555	27 440	17 987	12 941
Violência moral - difamação, calúnia e injúria	3 595	12 608	8 176	5 797
Violência patrimonial	817	1 840	1 227	750
Violência sexual - estupro, exploração sexual e assédio no trabalho	576	2 318	1 298	915
Outros tipos de violência	308	447	343	213

Fonte: Secretaria de Políticas para as Mulheres, Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180.

(1) Informações correspondentes ao primeiro semestre.

A Lei nº 11.340 de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha estabelece mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Assim, todas as mulheres têm direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, o que contempla viver sem violência, com preservação de sua saúde física, mental, moral, intelectual e social. Assegura a todas as mulheres condições para o exercício do direito à vida, a saúde, a alimentação, a educação, a cultura, a moradia, ao esporte, ao lazer, a cidadania, ao trabalho, a dignidade, a liberdade, ao

respeito da convivência familiar e comunitária, garantindo assim direitos humanos no âmbito das relações humanas e familiares.

Uma vez em vigor, o impacto da lei foi extremamente positivo e o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) identificou que o número de homicídios domésticos diminuiu 10%, porém também é pertinente entender o que leva os homens a agredir as mulheres.

Justificativa

Esse trabalho justifica-se por buscar compreender os padrões de comportamentos de casais com histórico de violência e comparar com casais sem histórico, a partir de relatos verbais em questionários a fim de identificar os reforçadores e as práticas coercitivas. Adicionalmente, pode-se considerar que uma das principais necessidades voltadas à prevenção e intervenção se relaciona às interações, prioritariamente em situações que envolvem conflitos, ou possibilidade de controle aversivo.

Objetivos

Geral:

- Comparar respostas verbais de homens e mulheres com e sem histórico de violência através da aplicação de questionário
- Identificar e descrever possíveis variáveis de controle.

Específicos:

- Levantar as situações de violência vivenciadas no relacionamento conjugal
- Estudar fenômenos socialmente relevantes na vivência da violência conjugal.

Método

Participantes

Participaram do presente estudo 81 mulheres e 54 homens, recrutados em uma delegacia de atendimento à mulher e uma instituição de ensino superior do estado de Goiás.

Procedimento

O estudo agrupou os participantes em dois grupos: com histórico de violência, ou seja, que apresentaram relatos de situações abusivas no relacionamento, independente de terem ou não denúncia formal, e sem histórico de violência, e cada um dos grupos foi subdividido em homens e mulheres.

Os participantes de ambos os grupos em um primeiro momento foram convidados a participar da pesquisa e informados da relevância de se entender questões acerca dos relacionamentos. Após interesse e disponibilidade em colaborar, o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) era preenchido e o estudo era iniciado. Tanto para o grupo sem histórico de violência quanto para o grupo com histórico questionários adaptados de Paulino (2016) foram aplicados. Porém o primeiro grupo respondeu apenas um questionário de levantamento de dados, com dez questões (Anexo 2).

Já o grupo com histórico de violência além de responder o questionário de levantamento de dados, respondeu um questionário que teve como objetivo entender aspectos relacionados diretamente à agressão, sendo que os homens responderam um questionário com 37 questões (Anexo 4) e as mulheres um com 36 perguntas (Anexo 5). Para as mulheres com histórico de agressão que chegaram a fazer denúncia foi inserido um segundo questionário com 18 questões (Anexo 6) que buscou entender aspectos voltados para os tipos de violência sofrida, a frequência e o que mantém essa mulher na relação ou a motivou sair.

Todos os questionários foram aplicados com a supervisão do pesquisador, que permaneceu na sala durante todo o procedimento e registrou as respostas das questões abordadas.

Resultados

Para análise do Levantamento de Dados e dos questionários, os sujeitos foram separados em quatro grupos: mulheres sem histórico de violência, composto por 35 mulheres; mulheres com histórico de violência, com 46 mulheres, homens sem histórico de violência, composto por 35 homens; histórico de violência, com 19 homens.

A média de idade dos indivíduos que participaram da pesquisa variou entre 31 e 39 anos sendo que os homens com histórico de agressão possuem a menor média dos grupos estudados e os homens sem histórico de agressão a maior, conforme Tabela 2.

Tabela 2 - Média de idade dos grupos com e sem histórico de violência. Os dados entre parênteses correspondem a 1 DP.

Grupo	Média de Idade (DP)
mulheres sem histórico de agressão	36,57 (11,13)
mulheres com histórico de agressão	32,98 (11,46)
homens sem histórico de agressão	39 (11,05)
homens com histórico de agressão	31 (11,60)

Ao ser abordada a cor dos sujeitos, a maioria se declarou branco, em seguida pardo, para todos os grupos. A Figura 4 apresenta mestiços apenas no grupo de homens, além de 10,74% de amarelos, sendo 5,71% em mulheres sem histórico de agressão, 2,17% no grupo de mulheres com histórico de agressão e 2,86% no grupo de homens sem histórico de agressão.

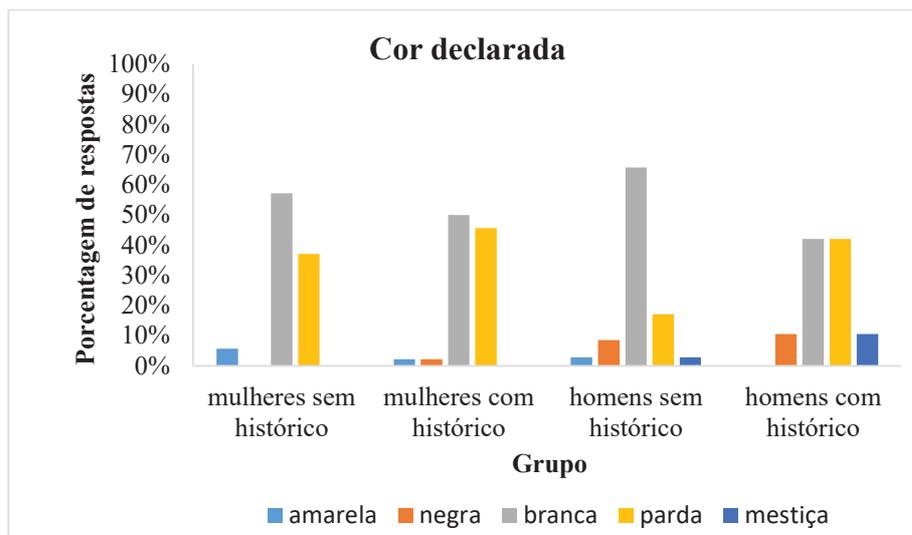


Figura 4 - Cor declarada pelos participantes de cada grupo

A Figura 5 aborda o estado civil e das respostas observa-se que a maioria dos participantes é casado, seguidos por solteiros, união estável e divorciados/ separados. Apenas o grupo de mulheres com histórico de violência apresentou o dado viúva com 4,35%. Já a Figura 6, questionou a religião, e chamou a atenção a quantidade de participantes com religião protestante, em torno de 48,57%, seguida por católico não praticante, católico praticante, sem religião e espírita. Religião mulçumana e judaica não obtiveram respostas.

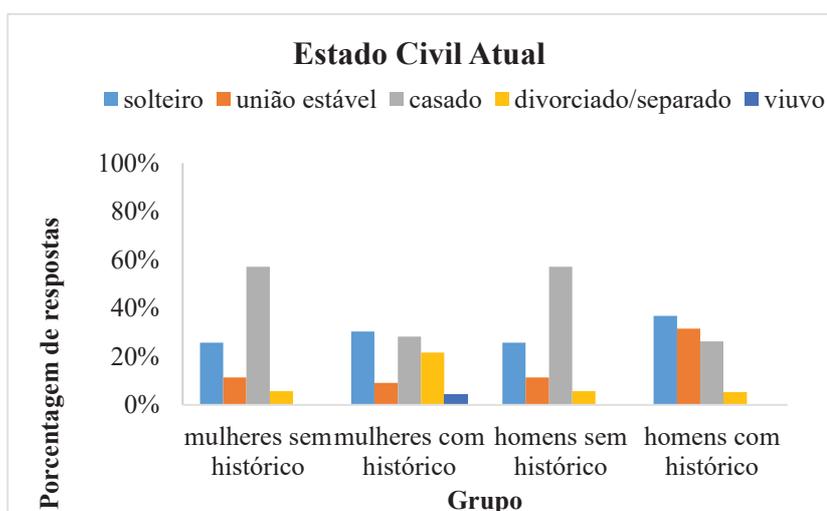


Figura 5 - Estado Civil dos participantes da pesquisa

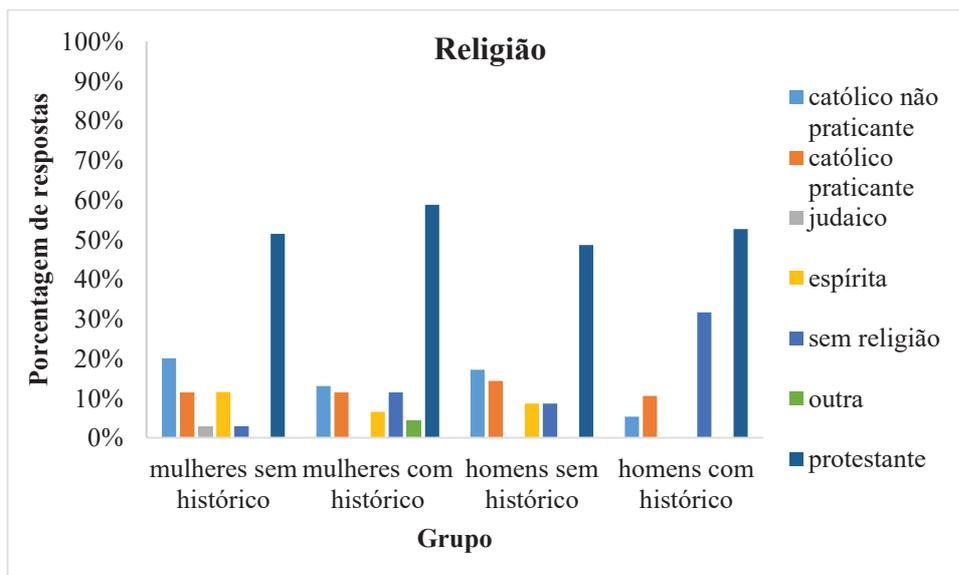


Figura 6 - Religião atual dos participantes

O Levantamento de Dados também contemplou pontos como situação ocupacional, atividade profissional e renda. A Figura 7 nos mostra que a maioria dos sujeitos é constituída por trabalhadores, mas quando o grupo envolve pessoas com histórico de violência percebe-se que o número de desempregadas e desempregados é significativo, quando comparado com o grupo sem histórico.

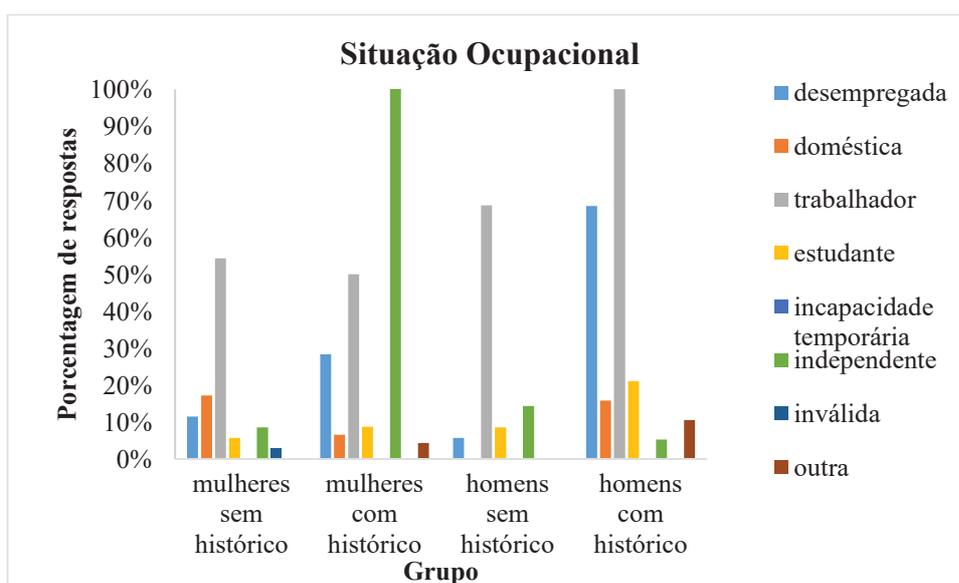


Figura 7 - Situação Ocupacional dos participantes

A atividade profissional, ilustrada na Figura 8, demonstra que nos grupos sem histórico de violência, mulheres e homens, em quantidade semelhante ocupam cargo de liderança e realizam trabalhos conforme os pontos levantados: estudante, trabalhador com carteira assinada, trabalhador sem carteira assinada, técnico superior e profissional liberal. A falta de profissão é mais comum no sexo feminino que no sexo masculino, independente do grupo em que foram inseridos. Consequentemente, as maiores rendas são de homens sem histórico de violência e quando comparados grupos com histórico e sem histórico de violência, têm-se aproximadamente 75% dos participantes sem histórico de violência com renda superior a dois salários, enquanto 50% dos casais com histórico de violência possuem renda superior a dois salários mínimos. A Figura 9 apresenta que casais com histórico de agressão possuem renda média menor que casais sem histórico de violência.

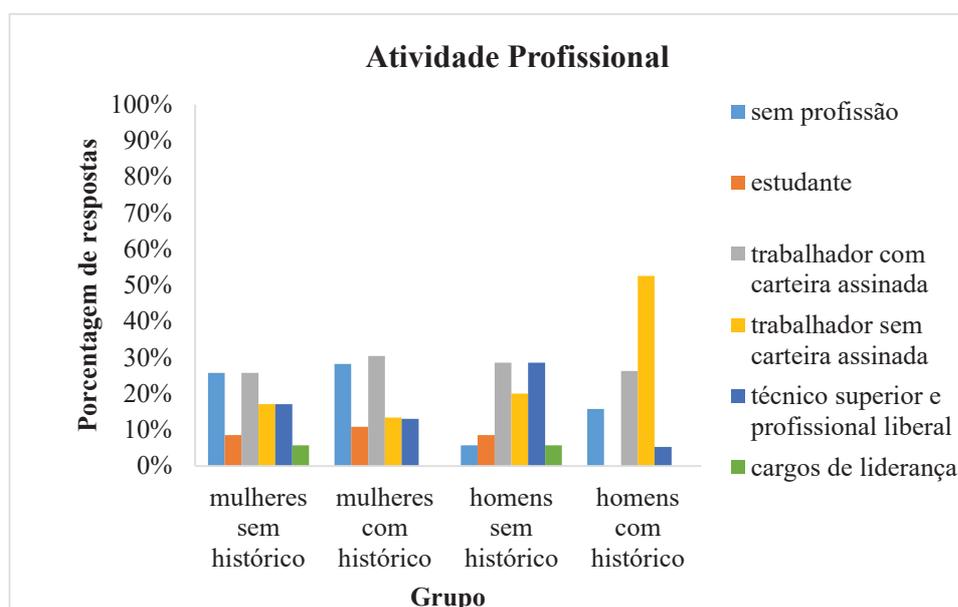


Figura 8 - Atividade Profissional relatada pelos participantes

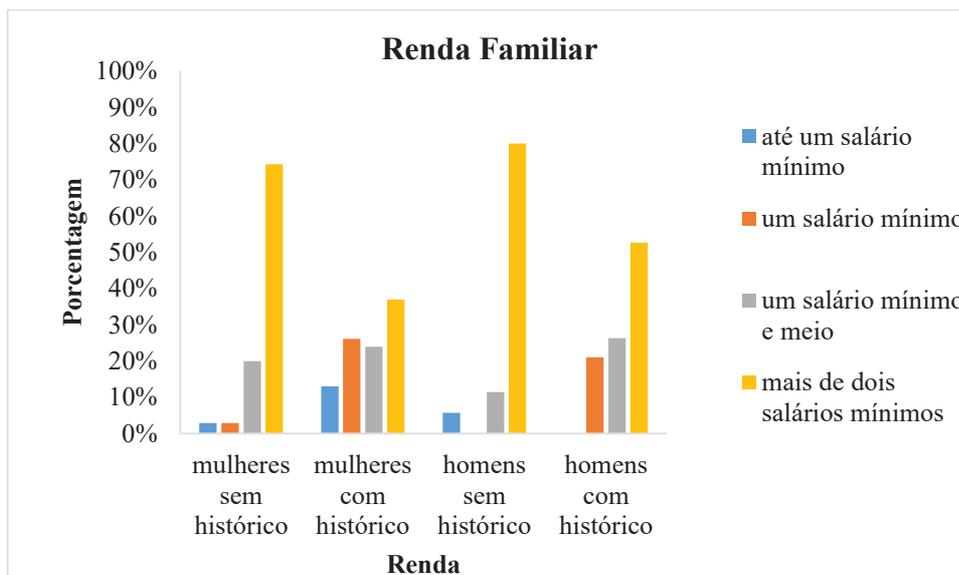


Figura 9 - Renda familiar dos homens e mulheres da pesquisa

O questionário de levantamento de dados foi aplicado em todos os participantes, mas um questionário específico que objetivou analisar aspectos como escolaridade, relação conjugal e características da agressão foi respondido apenas pelos homens agressores e mulheres. A Figura 10 aborda a escolaridade e assim como no grupo dos homens, as mulheres agredidas também apresentavam em sua maioria ensino médio, seguindo por ensino fundamental e ensino superior.

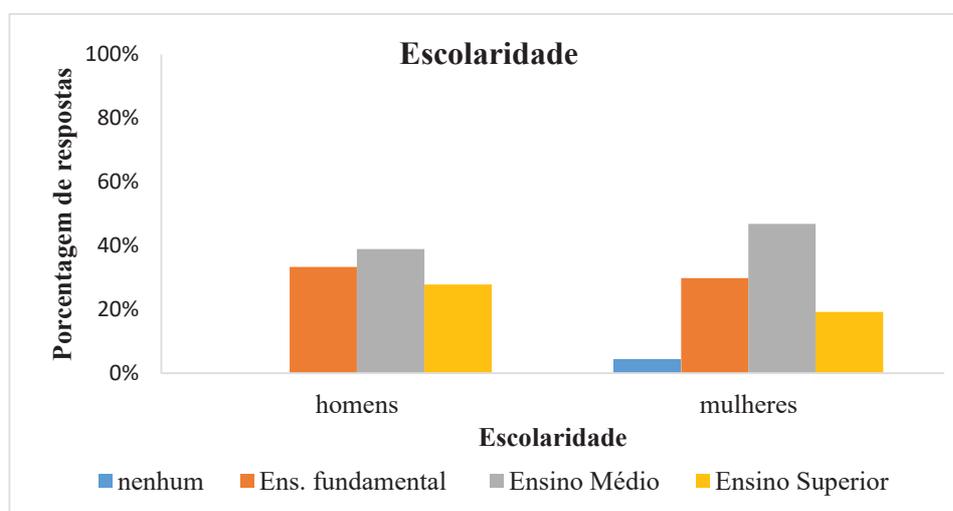


Figura 10 - Escolaridade homens agressores e mulheres agredidas

A Figura 11 apresenta dados referentes à pergunta que solicitava que analisassem frases que reconheciam em si mesmos como: dificuldade em assumir responsabilidades, extrema confiança em si, capacidade de tomar decisões, sentimentos de autoconfiança, necessidade de apoderar-se do outro e dificuldade em trabalhos de apoio e voluntários, sendo que mais de uma frase poderia ser assinalada. Das seis frases a que foi marcada por 66,66% dos homens foi dificuldade em assumir responsabilidade, extrema confiança em si ficou com 55,55%, duas frases, tomar decisões e sentimentos de autoconfiança obtiveram 44,44% e necessidade de apoderar-se do outro e dificuldade em trabalhos de apoio de voluntários, 27,78%. No grupo das mulheres a frase que envolvia a tomada de decisões foi marcada pela maioria com 51,06%, enquanto as frases dificuldade em trabalhos de apoio e voluntários, necessidade de apoderar-se do outro, dificuldade em assumir responsabilidade e sentimentos de autocontrole, obtiveram em média 40% das respostas. A frase com menor quantidade de marcações, 36% foi extrema confiança em si mesmo.

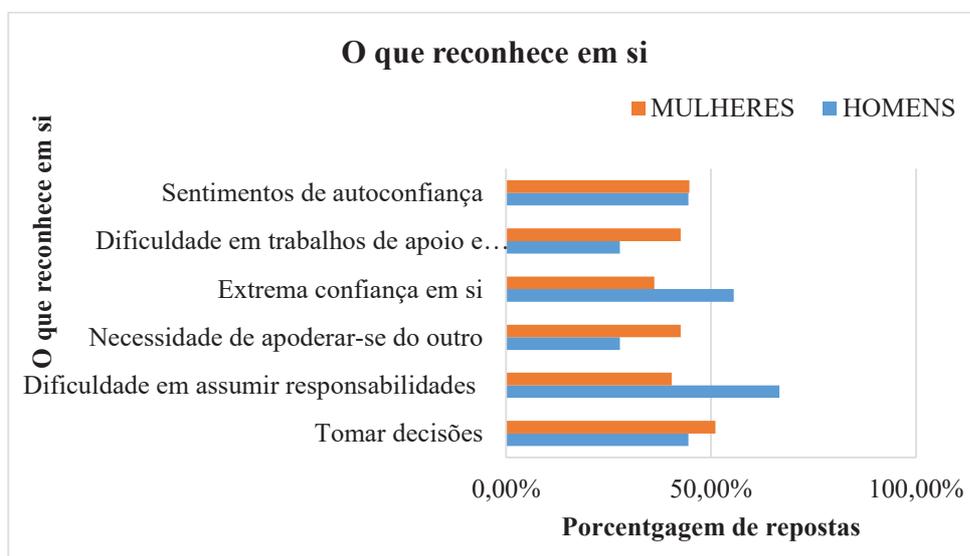


Figura 11 - Alternativas envolvendo situações e sentimentos que o participante reconhece em si.

A primeira pergunta realizada visando entender questões referentes à violência doméstica envolveu a legislação existente e a punição do agressor. A maioria dos homens e das

mulheres considerou a legislação adequada para punir o agressor (Figura 12). Porém, ao questionar se os homens acreditavam que estavam violentando a mulher na primeira agressão, 61,1% acreditam que na primeira agressão não sentiram que estavam violentando a mulher, e 39,89% entenderam que praticaram agressão (Figura 13). Diferente das mulheres, em que 85,10% das mulheres acreditaram ter sido vítima de violência na primeira agressão, conforme Figura 14.

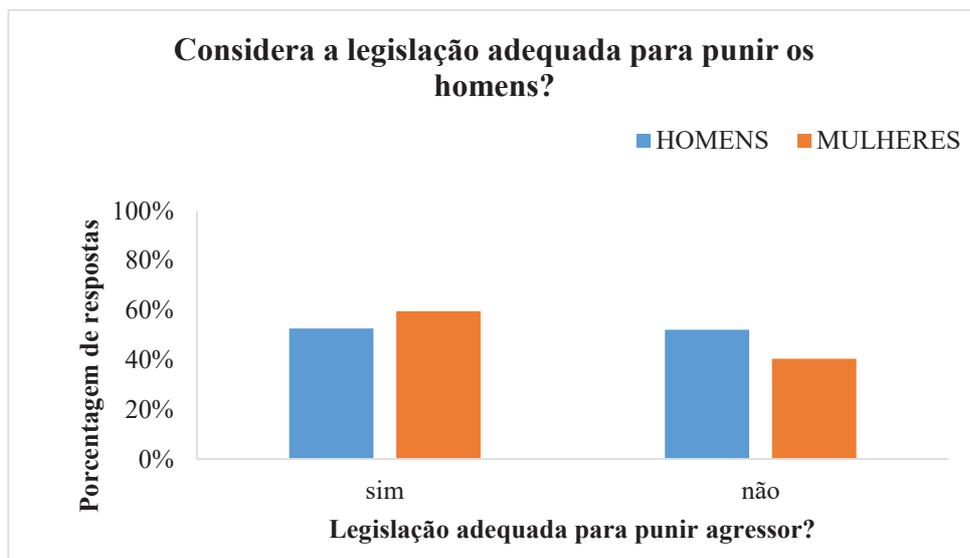


Figura 12 - Resposta à pergunta que identificou se o participante considera a legislação adequada para punir o agressor.

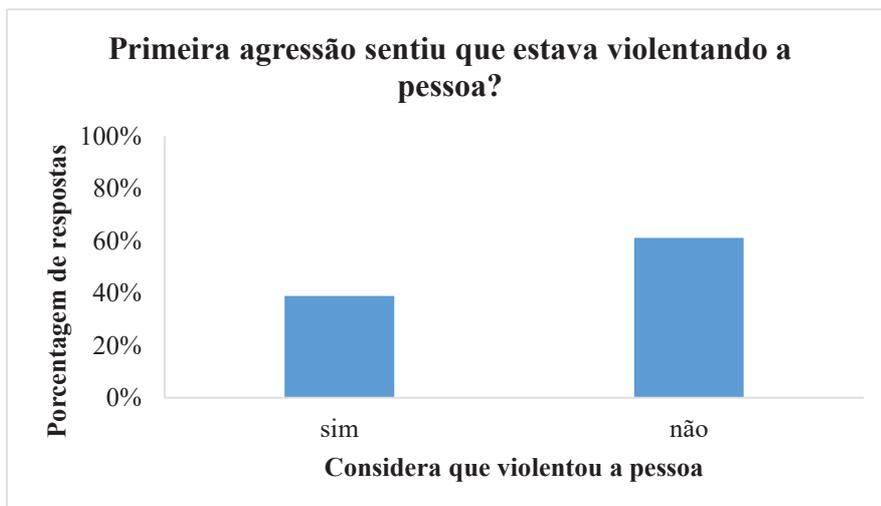


Figura 13 - Resposta dos homens a pergunta que identificou se na primeira agressão sentiu que estava violentando sua mulher



Figura 14 - Resposta das mulheres em relação a primeira agressão .

A Figura 15 apresenta informações referentes à violência conjugal entre pais/cuidadores dos homens/ mulheres e na família de 33,33% homens agressores existia violência conjugal entre pais/cuidadores, dados semelhantes ao das vítimas de violência, uma vez que 34,04% das mulheres relataram a presença de violência entre familiares. Em ambos os grupos se observa que a maioria considerou não identificar situações de violência entre os pais.

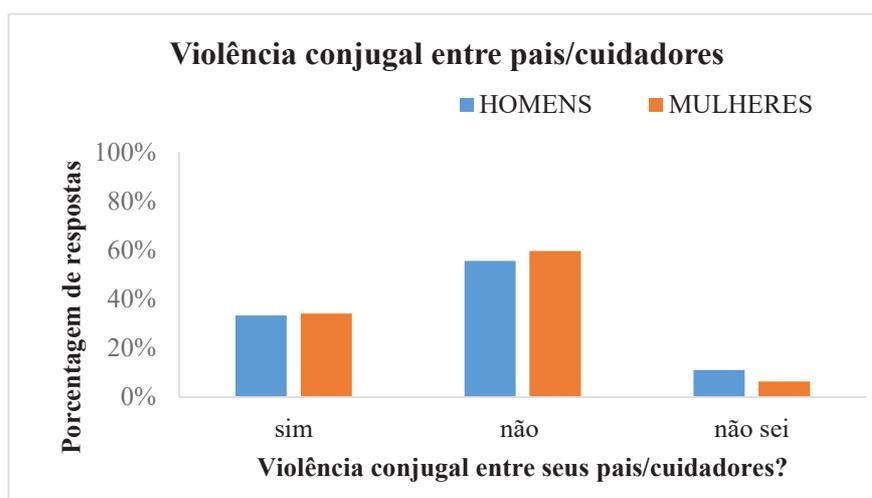


Figura 15 - Informe sobre a existência de violência conjugal entre pais/cuidadores

A duração da violência desde o início do casamento ou união estável foi levantado na questão apresentada na Figura 16, e as opções de resposta envolveram períodos entre mais e menos de 6 meses, além de buscar entender quem foi o responsável pelo término do relacionamento. Dentre as mulheres, chama a atenção que a maioria dos relacionamentos durou mais de seis meses, após a agressão, sendo que quando houve término, a iniciativa foi da própria mulher. Ao comparar os dados dos homens e das mulheres observa-se que quando teve término não ocorreu por iniciativa dos homens na maioria dos casos.

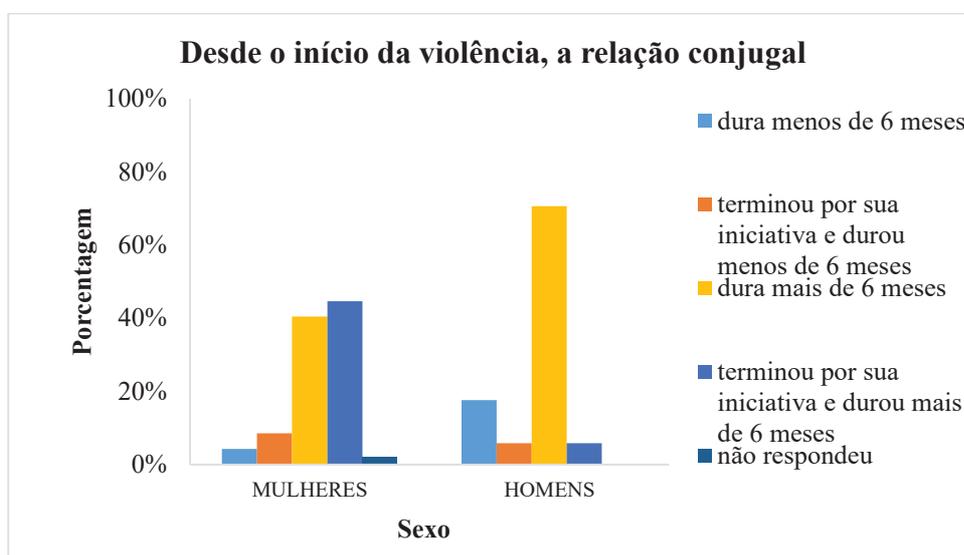


Figura 16 - Duração da violência desde o início do casamento ou união estável

Ao estudar a violência doméstica, muitos são os fatores que mantêm tanto vítima quanto agressor no relacionamento, dessa forma sete afirmativas foram levantadas no questionário dos homens e oito afirmativas no questionário das mulheres, ambos com histórico de agressão, sendo solicitado a ambos que numerassem levando em consideração o grau de importância, na qual 1 seria o menos relevante.

Os homens avaliaram as asserções: continuar gostando da vítima, independência econômica e dependência da vítima, incentivo de amigos e colegas, medo de que ela possa estar traindo, por se achar superior a esposa/companheira, estarem usando substâncias psicoativas,

outros. As asserções para as mulheres envolveram: continuar a gostar do agressor, dependência econômica, falta de apoio familiar, medo de ficar sozinha, medo do agressor ficar mais violento, por causa da religião, por causa dos filhos, outros, conforme Tabelas 5 e 6.

Tabela 3 - Grau médio das alternativas para permanência dos homens no relacionamento. Os dados entre parênteses correspondem a 1 DP.

Alternativas	Média (DP)
Continuar a gostar da vítima	5,11 (2,49)
Independência econômica e dependência da vítima	3,28 (2,86)
Medo de que ela possa estar traindo	3,17 (2,62)
Fato de estar usando substâncias psicoativas	2,61 (2,87)
Por se achar superior à esposa/companheira	2,33 (2,28)
Incentivo de amigos e colegas	1,72 (1,49)
Outra	0,39 (1,65)

Para cada item foi calculada a média e o desvio padrão, chamando atenção a afirmativa continuar gostando da vítima/agressor, com média 5,11, no questionário dos homens e 4,02 no questionário das mulheres, pontuando que permanecer no relacionamento por causa dos filhos foi avaliado pelo grupo feminino e obteve média 4,04. A menor média foi encontrada na alternativa outros, sugerindo que os motivos que justificam se manter no relacionamento foram contemplados nos itens escolhidos.

Quanto ao desvio padrão os maiores números estavam presentes no item independência econômica e dependência da vítima, em relação aos homens e no item por causa dos filhos em relação às mulheres. Os maiores desvios padrão foram encontrados nas respostas das mulheres.

Tabela 4 - Grau médio das alternativas para permanência das mulheres no relacionamento correspondente a 1 DP

Alternativas	Média (DP)
Medo do agressor ficar mais violento	5,53 (3,24)
Por causa dos filhos	4,04 (3,36)
continuar a gostar do agressor	4,02 (3,09)
medo de ficar sozinha	3,94 (3,23)
dependência econômica	3,36 (3,04)
Falta de apoio familiar	3,23 (3,12)
Por causa da religião	1,87 (2,17)

A pesquisa buscou entender se em algum momento houve a troca de papéis, agressor assumindo papel de vítima e vítima assumindo papel de agressora. Os resultados mostraram que 61,11% dos homens se sentiram vítima em algum momento da relação e 38,89% nunca estiveram nesse lugar, enquanto 44,68% mulheres além de vítima também foram agressoras, porém a maioria das mulheres (55,32%) não saiu da situação de vítima.

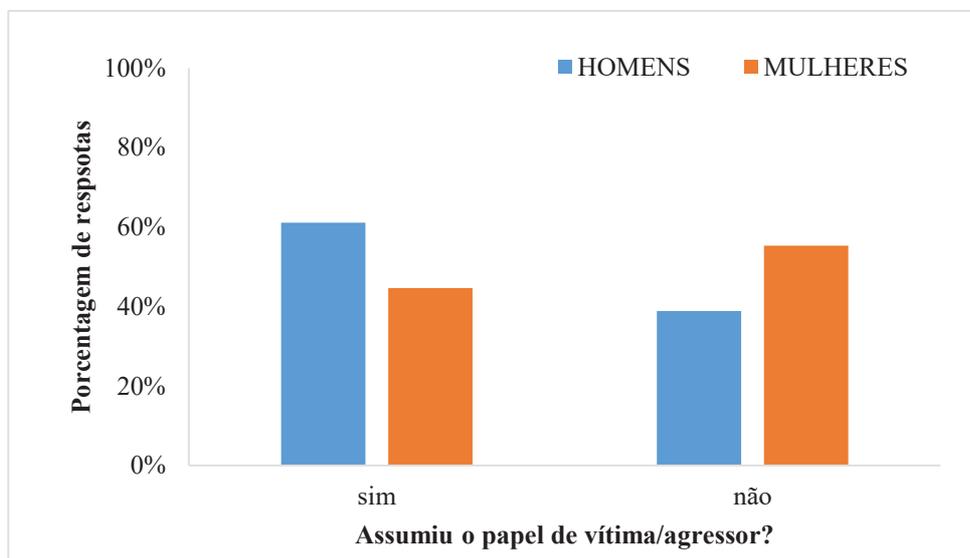


Figura 17 - Nas relações conjugais em algum momento assumiu papel de vítima?

A denúncia de violência doméstica pode ser realizada em vários lugares, assim homens e mulheres responderam onde a mesma foi realizada. Identificamos que 55,32% das mulheres e 72,72% dos homens registraram que a denúncia foi realizada na delegacia da mulher, 12,76% das mulheres e 9,09% dos homens na delegacia da polícia civil e 31,91% das mulheres e 18,18% dos homens em outros locais. Na cidade de Catalão, as maiores ocorrências de ações contra as mulheres são registradas na Delegacia Especializada em atendimento a Mulher (DEAM).

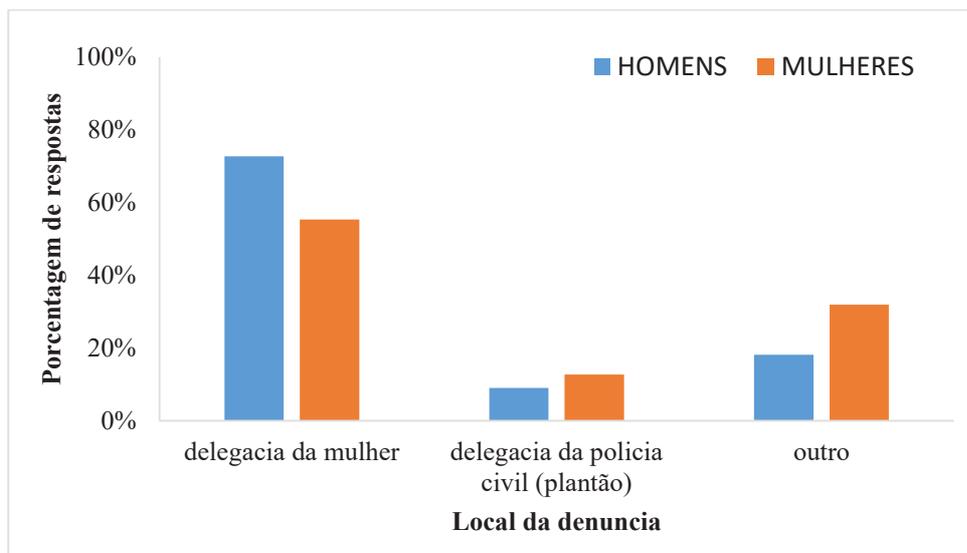


Figura 18 - Local onde foi realizada a denúncia contra a violência doméstica

Aspectos relacionados à ajuda foram abordados, no questionário dos homens, buscando-se entender se o homem procurou algum tipo de ajuda especializada para não voltar a agredir. A Figura 19, mostra que apenas 27,78% dos homens procuraram ajuda enquanto 72,22% não buscaram nenhum tipo de ajuda.



Figura 19 - Informe sobre a necessidade de ajuda especializada

As mulheres foram questionadas sobre a solicitação de ajuda em instituições ou psicólogos antes e depois da formalização da agressão. A Figura 20 apresenta que tanto antes quanto depois da formalização da denúncia a maioria das mulheres não buscou ajuda, sendo 78,72% antes da denúncia e 87,23% depois. Apenas 2,13% pessoas procuraram ajuda antes e 12,76% após a denúncia.

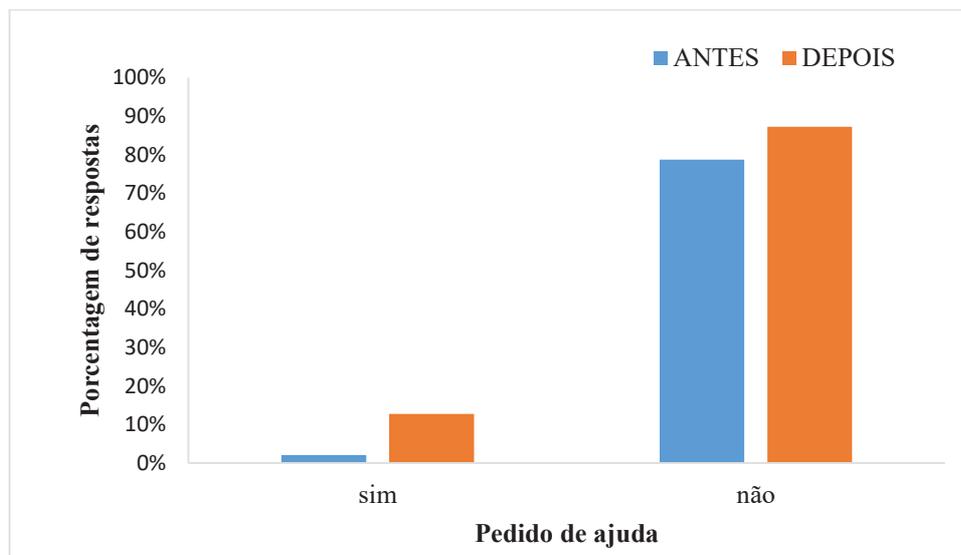


Figura 20 - Solicitação de ajuda a uma instituição ou psicólogo antes e após denúncia

Quando a ajuda foi solicitada envolveu instituições especializadas, apoio psicológico, apoio religioso, ajuda de familiares, ajuda de amigos, apoio jurídico e outros tipos de ajuda. As mulheres tenderam a procurar mais ajuda que os homens e dos locais procurados tem-se 44,68% mulheres solicitando apoio jurídico, 38,30%, ajuda de familiares, e 25,53%, ajuda de amigos, seguidos por apoio psicológico e apoio religioso com 17,02% das marcações cada, 8,51% em instituições especializadas e 4,26% mulheres procuraram outros tipos de ajuda. Dos homens, observou-se que a minoria procurou ajuda: 11,76% de amigos, 11,76% de familiares, 11,76%, apoio religioso e 11,76%, apoio psicológico.

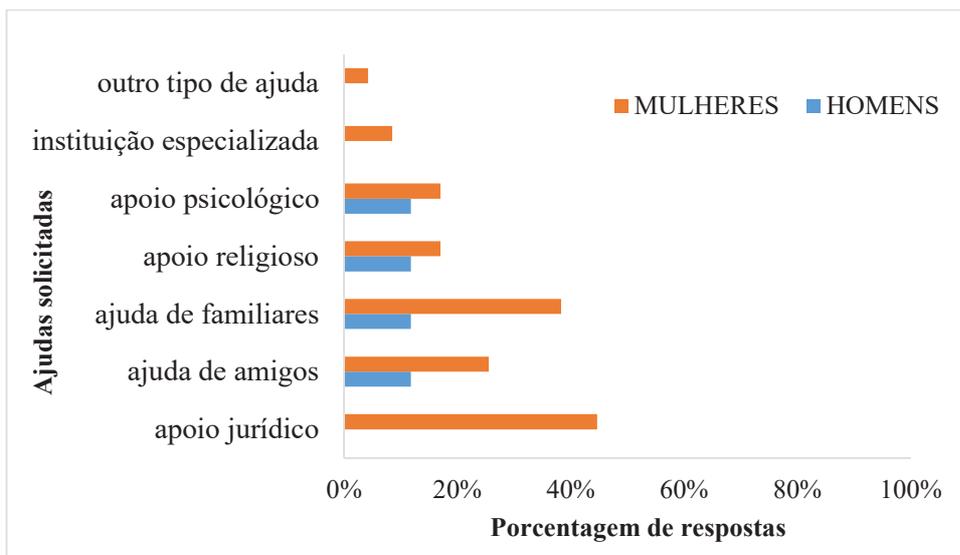


Figura 21 - Tipo de ajuda procurada pelo agressor/vítima

Dentre as perguntas realizadas, um ponto levantado foi acerca da violência durante o namoro, ou seja, antes do casamento e/ou união estável. A maioria dos participantes (69%) pontuou que não houveram agressões durante o namoro. As agressões estavam presentes nos namoros de 22,22% dos homens e 38,30% das mulheres.

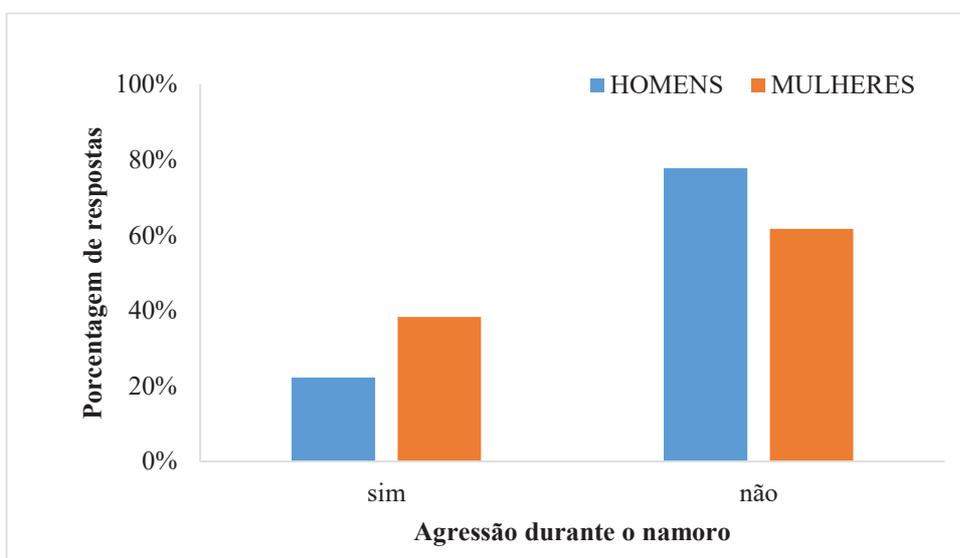


Figura 22 - Resposta à pergunta: “Houveram agressões durante o namoro com a pessoa que o levou a participar desse estudo?”

A Lei Maria da Penha prevê vários tipos de agressão: violência de gênero, violência intrafamiliar, violência doméstica, violência física, violência sexual, violência psicológica, violência econômica, financeira, violência institucional. Três formas foram abordadas no questionário: física, psicológica e sexual, visando entender a violência no namoro. Das mulheres 50% indicaram ter vivenciado física, 45% psicológica e 5% sexual, diferente dos homens em que 61,54% disseram ter praticado violência psicológica e apenas 38,46%, violência física. Outro fator que foi avaliado envolve a média do número de agressões até a denúncia sendo: física, 0,44 nos homens e 3,54 nas mulheres; psicológica, 6,87 nos homens e 19,19 nas mulheres e sexual, 0,05 nos homens e 0,68 nas mulheres.

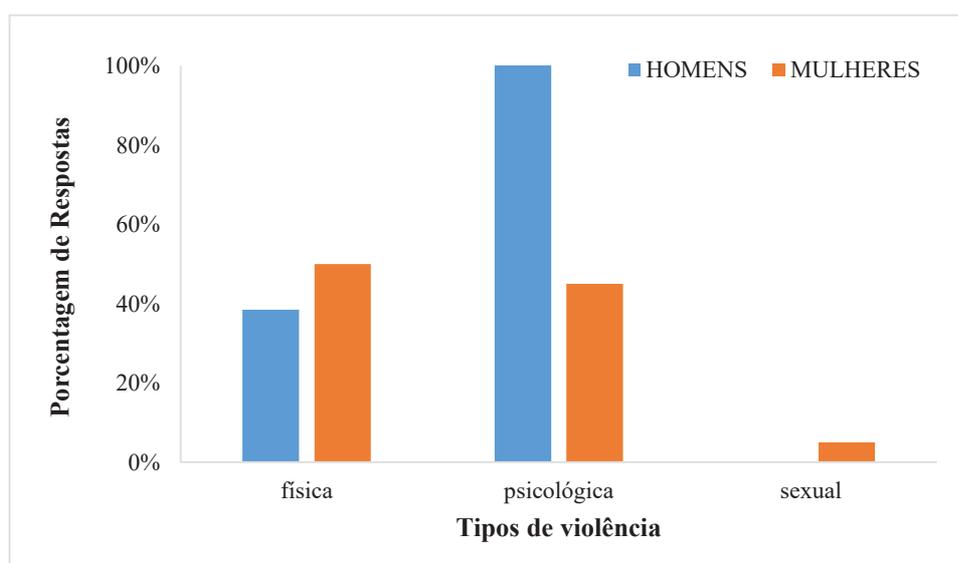


Figura 23 - Tipos de violência vivenciados/praticados no relacionamento objeto da pesquisa

A pesquisa realizada além de levantar os tipos de violência vivenciada pelas mulheres ou praticados pelos homens, questionou quanto tempo após o casamento ou união estável ocorreu o ato violento e a média, levando em consideração os meses, foi calculada, sendo que de acordo com os homens foi aproximadamente após 15 meses e para as mulheres após 20 meses do casamento. No grupo de homens a média para solicitação de apoio foi de 0,28 e no grupo das mulheres esse número atingiu a média de 19.

A Figura 24 ilustra a pergunta que abordou se houve agressão após a denúncia. Dentre os participantes 85,11% das mulheres e 33,33% dos homens marcaram que existiu agressão, e 14,89% das mulheres e 66,67% dos homens a ausência da mesma após denúncia.

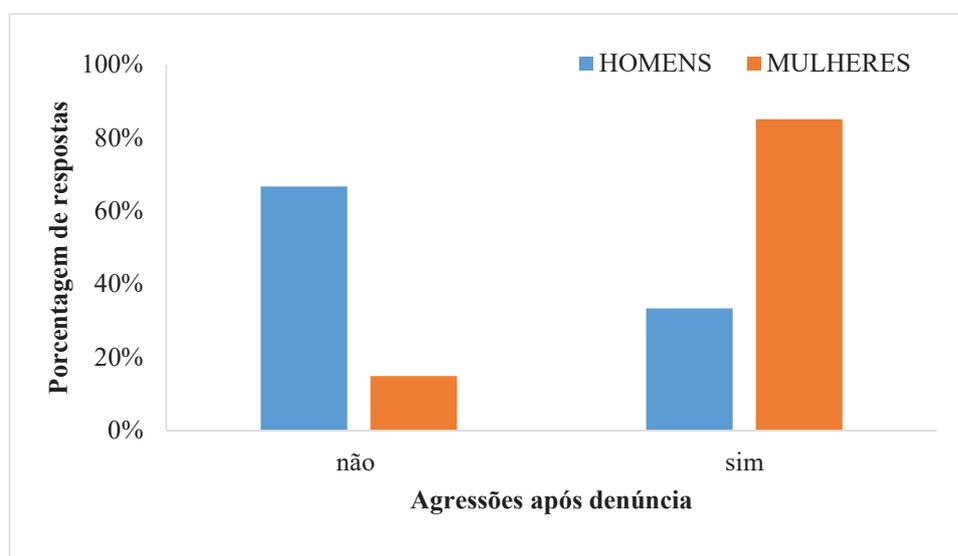


Figura 24 - Informe sobre agressão após denúncia

Em algumas situações a denúncia foi realizada, e surtiu efeito, ou seja, a mulher não voltou a ser agredida, conforme relatado por 17,02% das mulheres e 11,11% dos homens, porém na maioria dos casos isso não ocorreu, sendo marcado por 82,98% das mulheres e 88,89% dos homens (Figura 25). A Figura 26 levantou os motivos pela qual a denúncia não teve efeito: 5,56% dos homens e 2,13% das mulheres marcaram ser em decorrência da retirada da denúncia, 16,66% dos homens e 8,51% das mulheres pontuaram que o sistema penal não deu andamento ao processo, e por outros motivos foi registrado por 77,78% dos homens e 89,36% das mulheres.

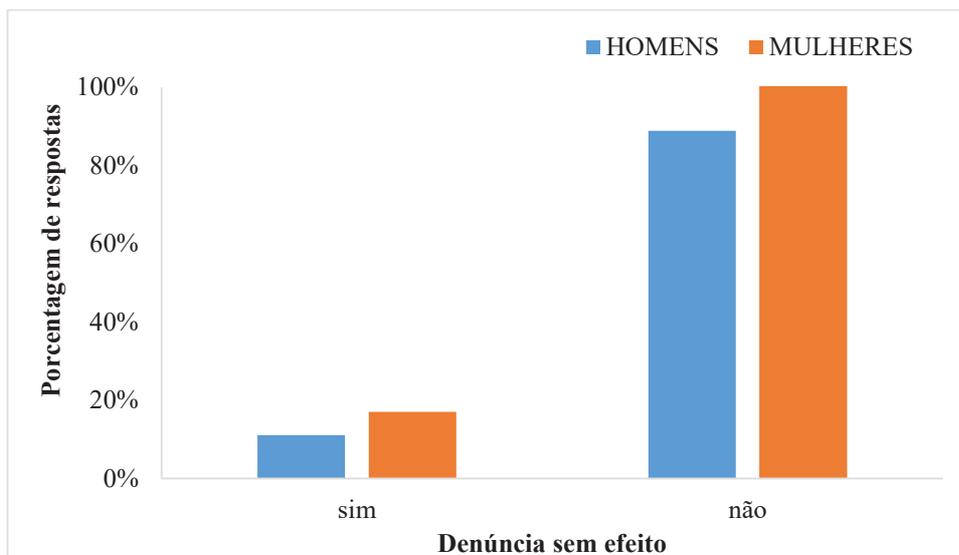


Figura 25 - Investigação se já praticou agressão, foi denunciado e esta não surtiu efeito

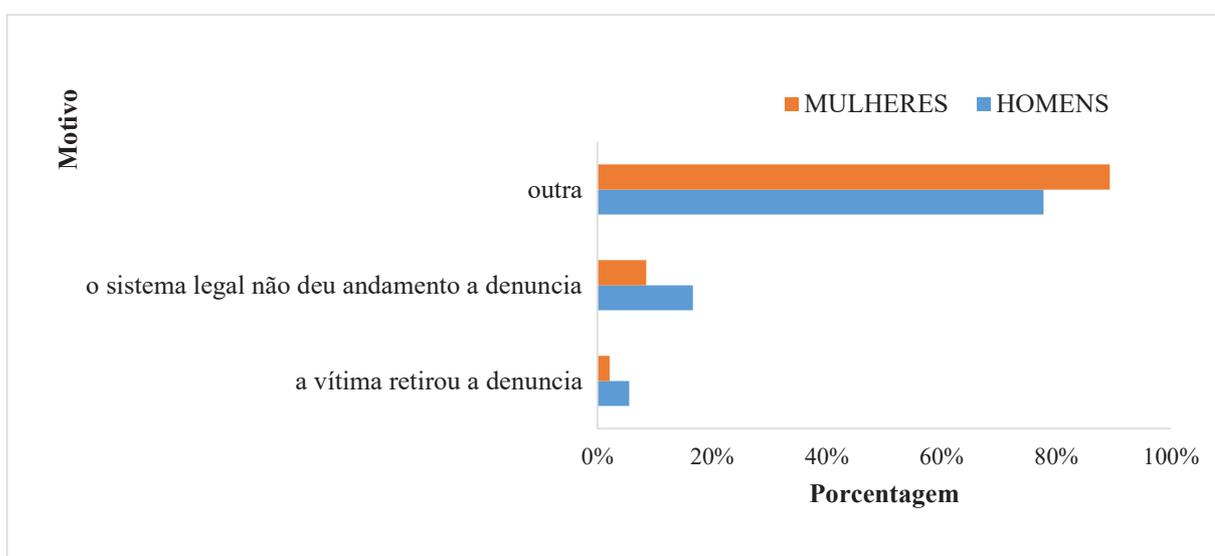


Figura 26 - Informe sobre a não efetivação da denúncia

Na Figura 27 e 28, dos sujeitos envolvidos na pesquisa, 34,04% das mulheres e 66,67% dos homens ainda se mantêm nas relações e 65,96% das mulheres e 34,04% dos homens estão separados, sendo que 21,27% das mulheres relataram ter sofrido agressão após a separação e 44,44% homens voltaram a agredir a ex- companheira, enquanto 78,72% das mulheres e 55,56% dos homens não passaram por outras situações de violência.

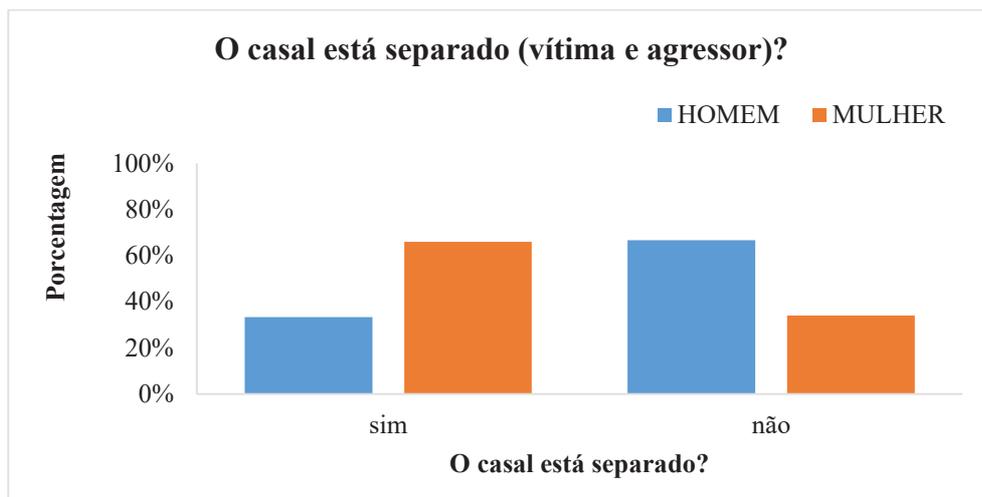


Figura 27 - Resposta ao questionamento sobre separação do casal

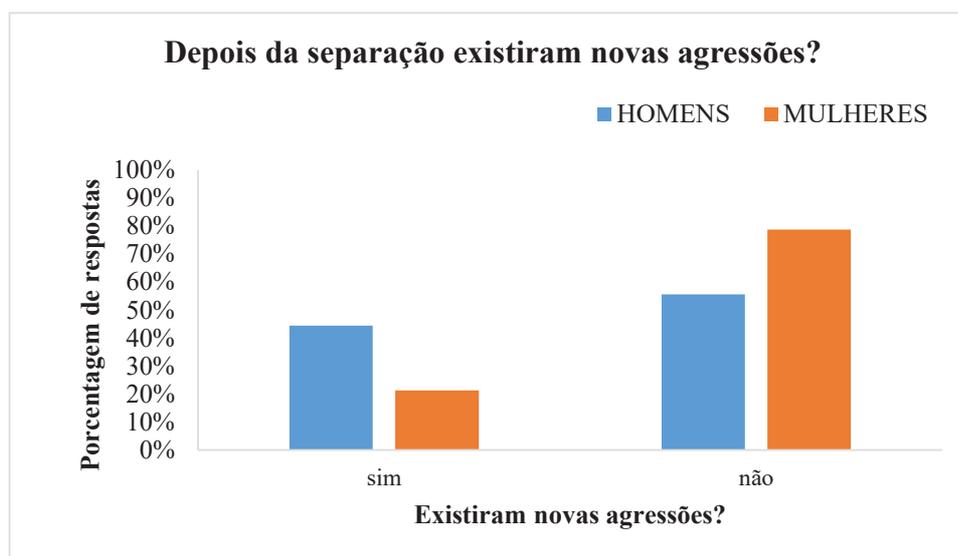


Figura 28 - Dados sobre a existência de novas agressões após a separação.

Em casos em que existe agressão, nem sempre os envolvidos se referem ao que aconteceu com alguém próximo ou instituições. A Figura 29 ilustra que as mulheres comentaram mais sobre o ocorrido que os homens, com 69,96% das marcações enquanto 72,22% dos homens e 34,04% das mulheres não falaram sobre as agressões.

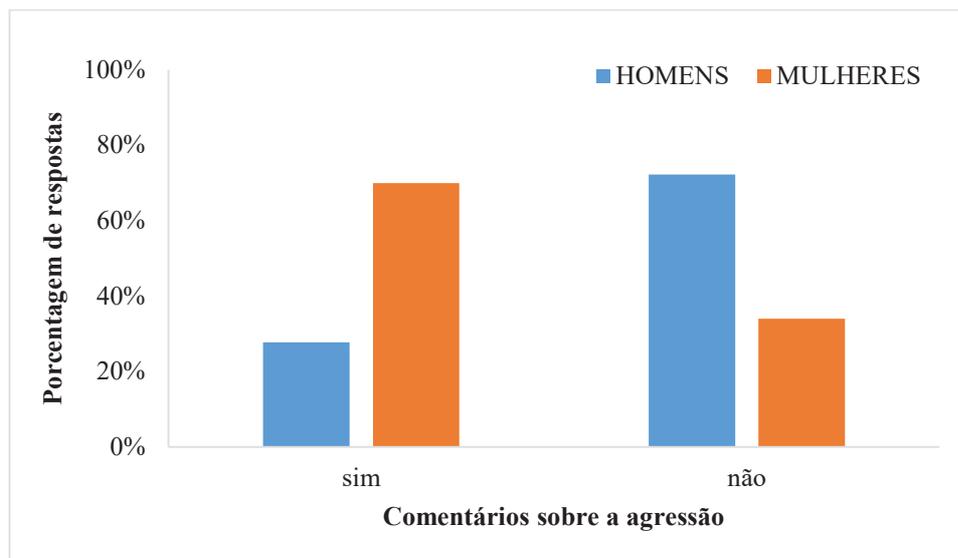


Figura 29 - Informações sobre a menção de agressões sofridas com alguém próximo ou instituição

O sofrimento está presente em situações de violência doméstica, assim foi pedido a cada participante do grupo com histórico que indicasse o nível de incômodo diante de diferentes tipos de violência (física, psicológica, sexual). As mulheres marcariam o nível de sofrimento para elas e os homens o sofrimento que causaram às vítimas. O participante deveria marcar de 1 a 5 em cada situação, sendo 1 o menor nível de sofrimento e 5 o maior nível de sofrimento, em situações que envolviam violência física, psicológica e sexual.

Após as respostas as médias e desvio padrão foram calculados, sendo que as maiores médias no grupo das mulheres foram 4,03 (violência física) e 4,19 (violência psicológica), enquanto no grupo dos homens, a maior média foi 2,00 para situações de violência psicológica, seguido por violência física, 1,61 e violência sexual 1,05 (Tabela 5).

Tabela 5 - Nível de violência causado à vítima (1 menor gravidade, 5 maior gravidade).

Tipo de violência causada	Homens	Mulheres
Violência física	1,61 (1,32)	4,06 (1,65)
Violência psicológica	2,00 (1,68)	4,19 (1,44)
Violência sexual	1,05 (1,03)	1,45 (1,62)

As agressões contra a mulher podem acontecer em diferentes contextos, não só lugares como também momentos diferentes da vida como, por exemplo a gravidez. Dessa forma os dados apresentados na Figura 30 buscaram identificar a quais tipos de agressões as mulheres foram submetidas durante a gravidez. De acordo com as respostas, a maioria envolveu violência psicológica com 34,04% das respostas femininas e 33,33% das respostas masculinas seguidas por violência física, com 21,28% das mulheres e 5,56% dos homens.

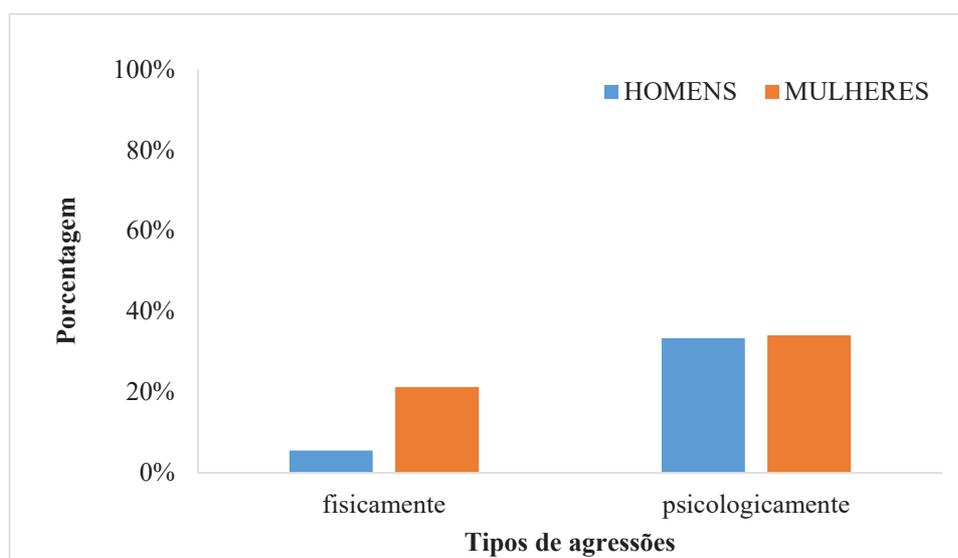


Figura 30 - Tipos de agressões sofridas durante a gravidez

Um das consequências da violência física na gravidez é perder o bebê, e isso acontece em relatos de vítimas de violência doméstica. Na Figura 31, em média 50% incluindo homens e mulheres registraram que isso não aconteceu e apenas 2,13% das mulheres e 5,56% dos homens marcaram que perderam o bebê em função da violência.

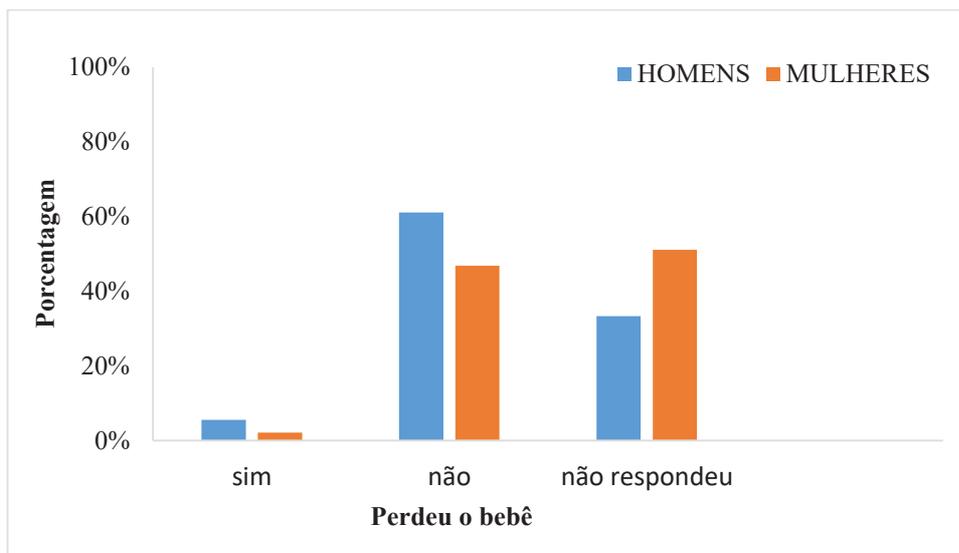


Figura 31 - Dados sobre consequências das agressões durante a gravidez da vítima relacionadas à perda da gestação.

As mulheres relataram duas situações: tinham filhos antes de se relacionar com o agressor, correspondendo a 66,67% e tiveram filhos com o agressor, com 33,33% das respostas e o mesmo foi pontuado pelos homens da pesquisa, sendo 68,42% com filhos e 31,58% com filhos do relacionamento abusivo. A Figura 32 elucida que 33,33% das mulheres que participaram da pesquisa tiveram filhos com os agressores e 31,58% dos homens tiveram filhos com as vítimas e em média 67% dos sujeitos tinham filhos.

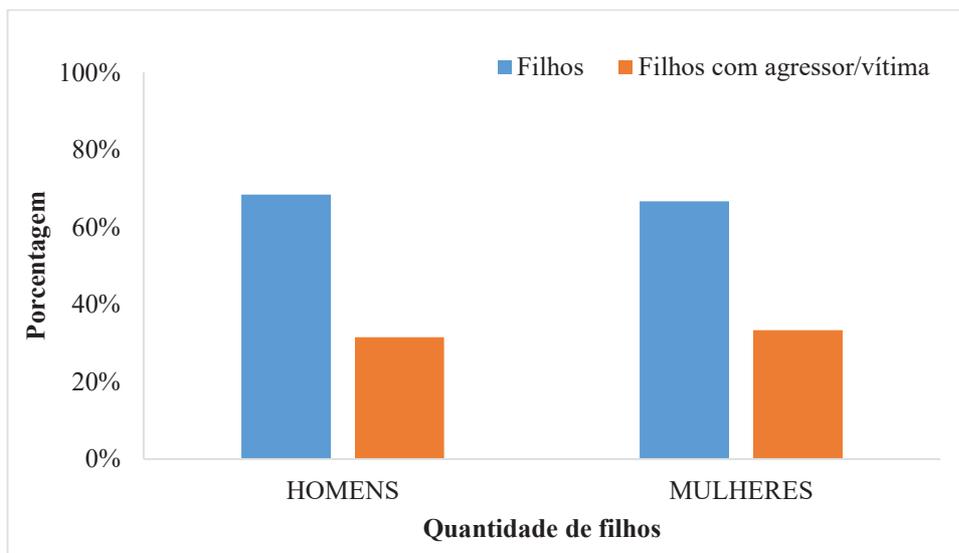


Figura 32 - Relação quantidade de filhos versus quantidade de filhos com a vítima/ agressor

O homem autor das agressões muitas vezes o faz na frente dos filhos, por isso o questionário buscou levantar informações sobre a quantidade de filhos como na Figura 33 e se os mesmos presenciaram violência, bem como se em caso afirmativo isso aconteceu mais de uma vez. Das mulheres, 35,48% e dos homens, 100%, marcaram que os filhos não assistiram situações de violência doméstica, mas 64,52% das mulheres disseram que os filhos viram cenas de violência mais de uma vez.

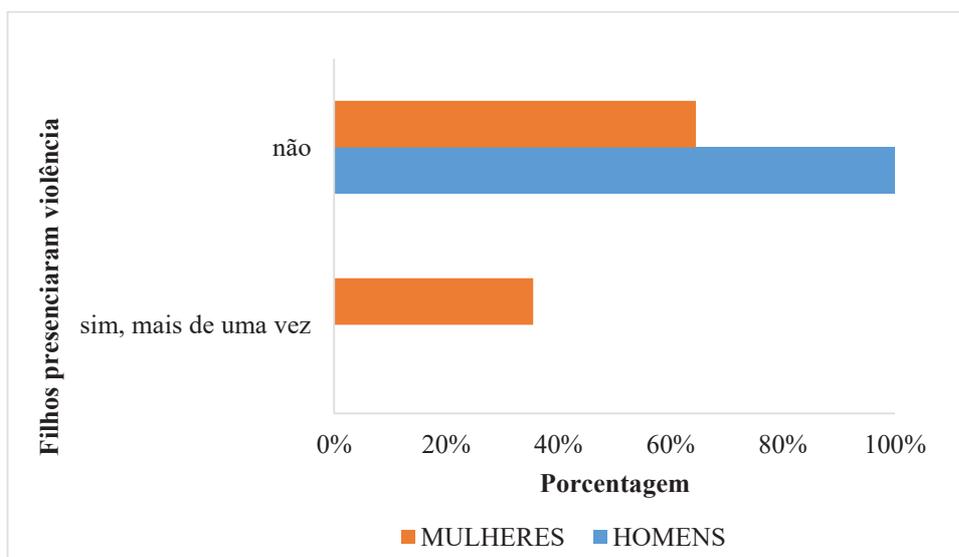


Figura 33 - Presença de filhos em situações envolvendo violência doméstica.

Diante de situações de violência, no questionário aplicado em homens agressores, foi indagado se os mesmos assumiram entre amigos, familiares ou instituições que foram violentos com a vítima e 44,44% assumiram a violência e 55,56% disseram não ter comentado com ninguém (Figura 34).

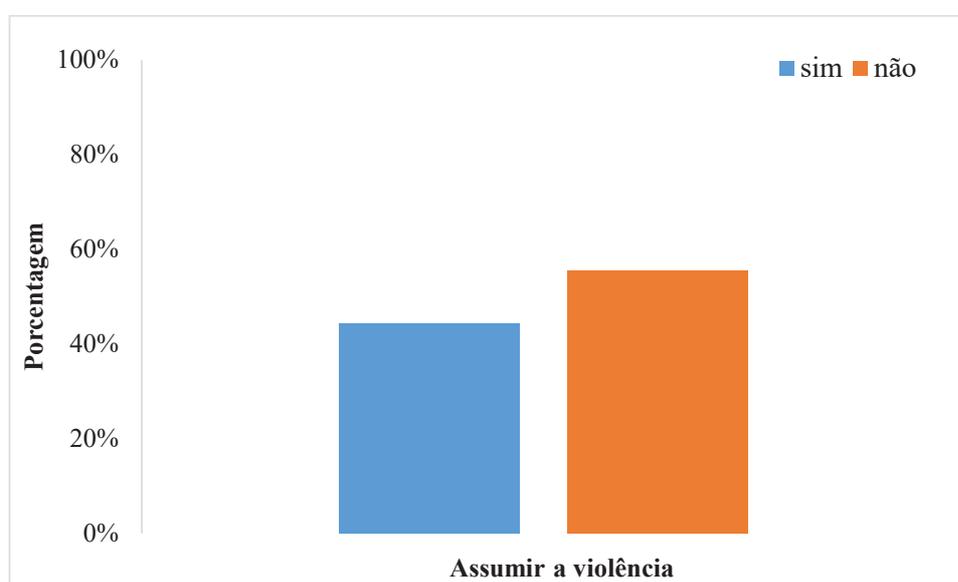


Figura 34 - Resposta dos homens com histórico de violência sobre: “Assumi para familiares, amigos e instituição que foi violento com a vítima?”

No grupo referente às mulheres com histórico de violência, algumas fizeram denúncia das agressões sofridas na Delegacia Especializada em Atendimento a Mulher (DEAM) e outras não. Nas mulheres que procuraram a delegacia foi aplicado um questionário com 18 questões que objetivaram compreender a agressão e aspectos relacionados à mesma.

A Figura 35 expressa a relação da vítima com o agressor, sendo em 65,2% das respostas companheiros ou maridos, 12,5% ex- companheiros e 21,86% são namorados. O tempo do relacionamento variou entre inferior a um ano, com 9,38% dos registros, de um a cinco anos, com 56,25% e cinco a dez anos, 34,37% das sinalizações (Figura 36).

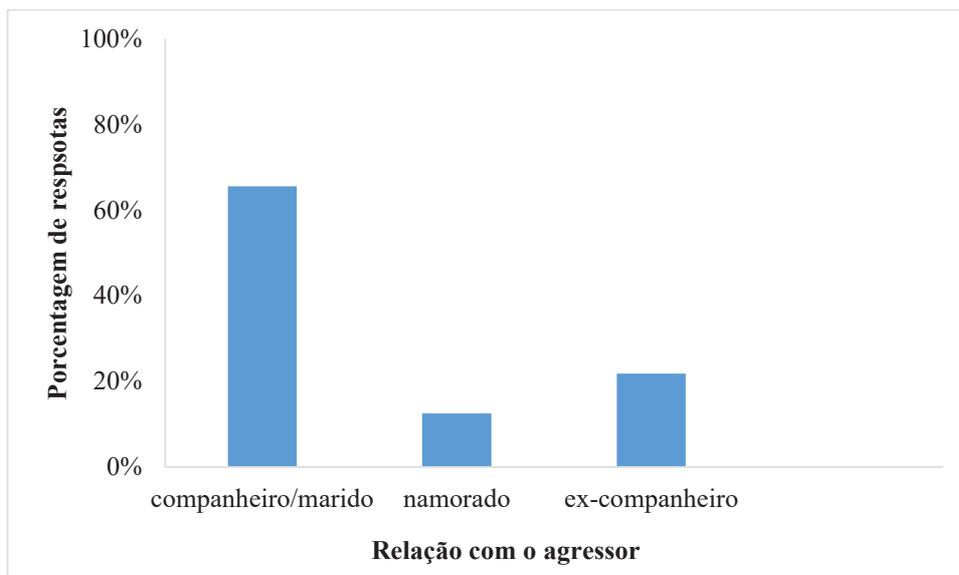


Figura 35 - Respostas dos participantes do sexo feminino sobre a relação com o agressor.

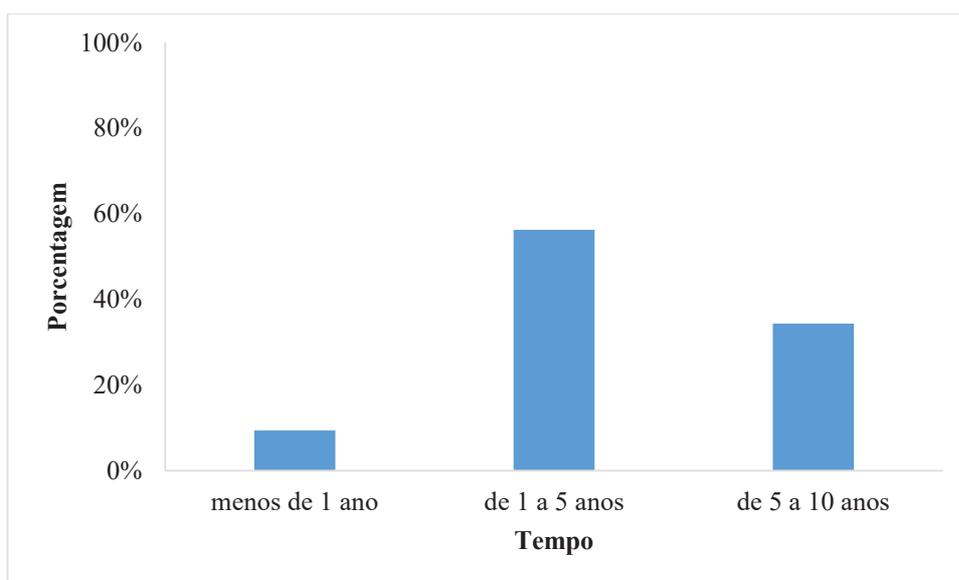


Figura 36 - Dados sobre o tempo de convivência da vítima com o companheiro

A Figura 37 expressa que nem sempre a violência acontece dentro de casa, assim 46,88% das mulheres relataram que o evento que integrou a queixa aconteceu em espaço público enquanto 53,12% disseram que não aconteceu. Quanto ao tempo em que vem sofrendo violência, observa-se que a maioria das queixas se referem a agressões ou com menos de um ano ou com mais de dois anos, 34,38% e 40,62% respectivamente, seguidas de 18,75% indicações de dois anos e 6,25% de um ano, Figura 38.

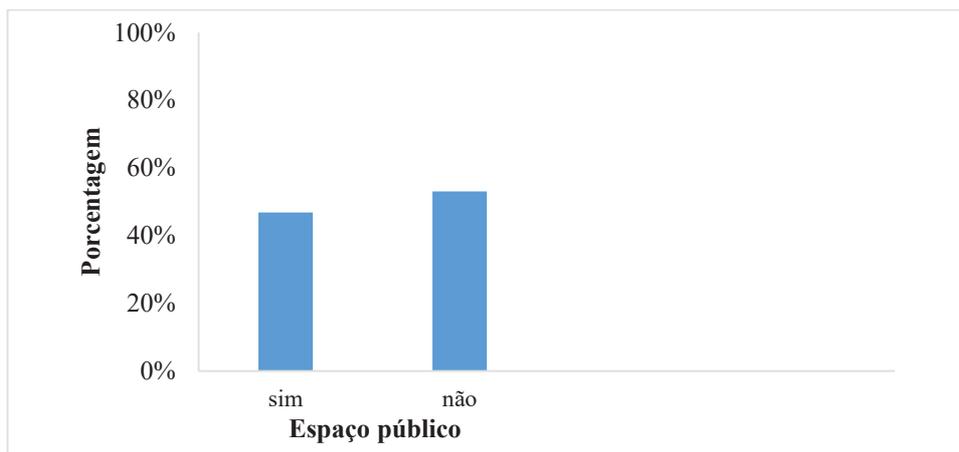


Figura 37 - Resposta dos participantes em relação ao local em que ocorreu a violência.

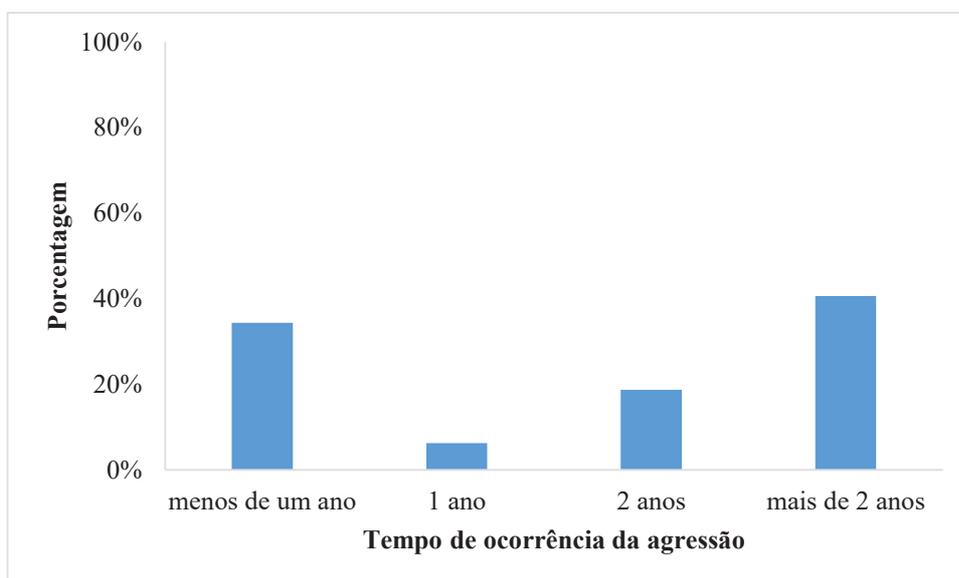


Figura 38 - Informes sobre o tempo pela qual a vítima vem sofrendo agressão

As Figuras 39, 40 e 41, apresentam informações referentes à frequência das agressões, detalhando o dia e o horário da mesma. Em relação à frequência da agressão tem-se 46,88% esporadicamente, 3,12% diariamente, 12,50% uma vez por mês, 9,38% semanalmente, 6,25% uma vez a cada dois meses e 3,12% com marcação para uma vez por semana e 3,12% para outros. O dia da agressão levou em consideração a semana e no final de semana a quantidade de agressão supera os demais dias da semana, sendo 59,38% no sábado e 56,25% no domingo. Em relação ao horário da agressão o que teve maior quantidade de mulheres foi entre 19 h e 24

h, com 81,25% das sinalizações, seguido por 15,62% no horário entre oito horas e 18 horas e por último 3,12% no horário entre uma hora e sete da manhã.

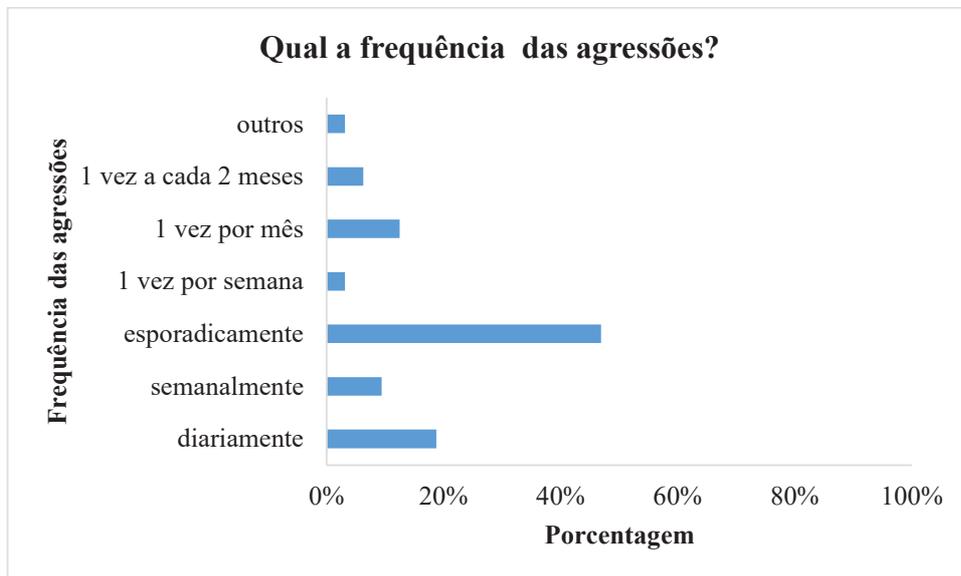


Figura 39 - Respostas sobre a frequência das agressões

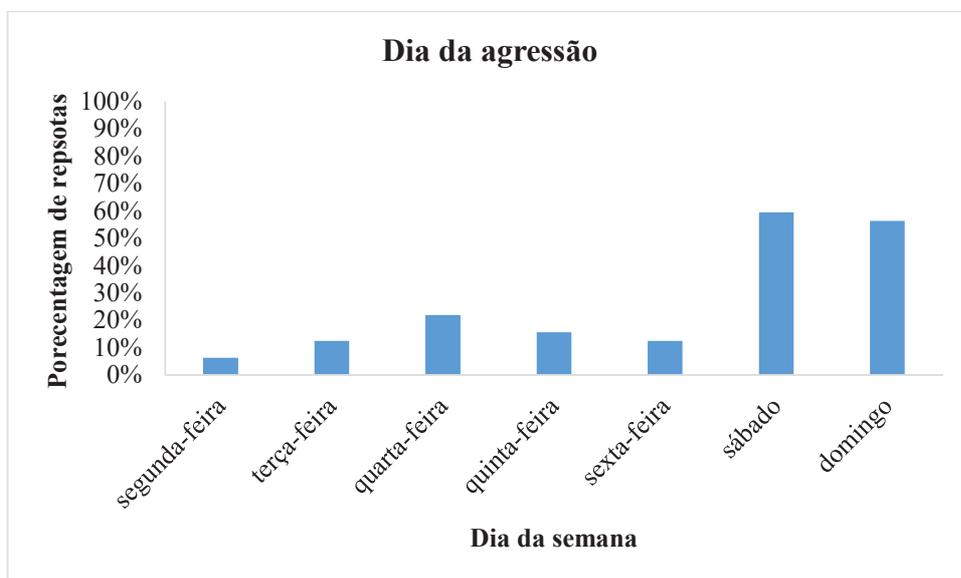


Figura 40 - Dias da semana em que a agressão é mais frequente

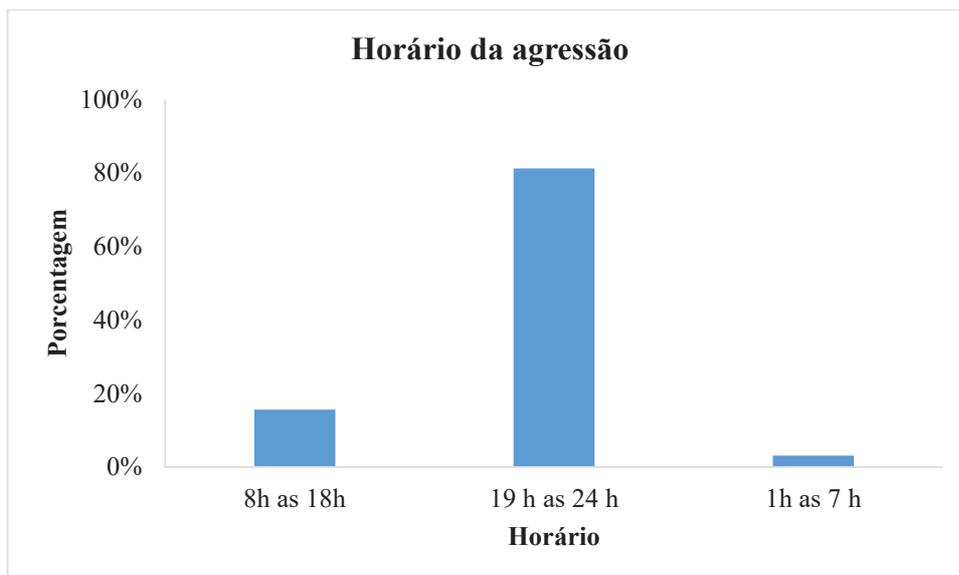


Figura 41 - Informação dos horários mais frequentes de ocorrência da agressão

Em umas das perguntas do questionário aplicado nas mulheres que realizaram a denúncia foram relacionados alguns comportamentos e as participantes deveriam assinalar quais vivenciaram, sendo permitido marcar mais de uma alternativa. Os números foram significativos: dar bofetada, 90,62%; gritar ou ameaçar, para meter medo, 84,38%; insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou "ferir", 81,25%; dar empurrões violentos, 71,88%; impedir o contato com outras pessoas, 62,50%; dar um murro, 59,38%; puxar cabelo; partir ou danificar coisas intencionalmente; causar ferimentos que não precisam de assistência médica, 56,25% sinalizações cada; ameaçar com armas ou usando de força física, 53,12%; perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo para causar medo, 50%; apertar o pescoço, 46,88%; dar uma surra, 43,75%; dar pontapés ou cabeçadas, 40,62%; atirar com objetos a outra pessoa, 37,50%; acordar no meio da noite para causar medo e bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão, com 31,25% marcações cada; causar ferimentos que causaram assistência médica e ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas cotidianas, com 21,88% sinalizações cada; forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a vontade, 18,75% e outros 6,25%, conforme Figura 42.

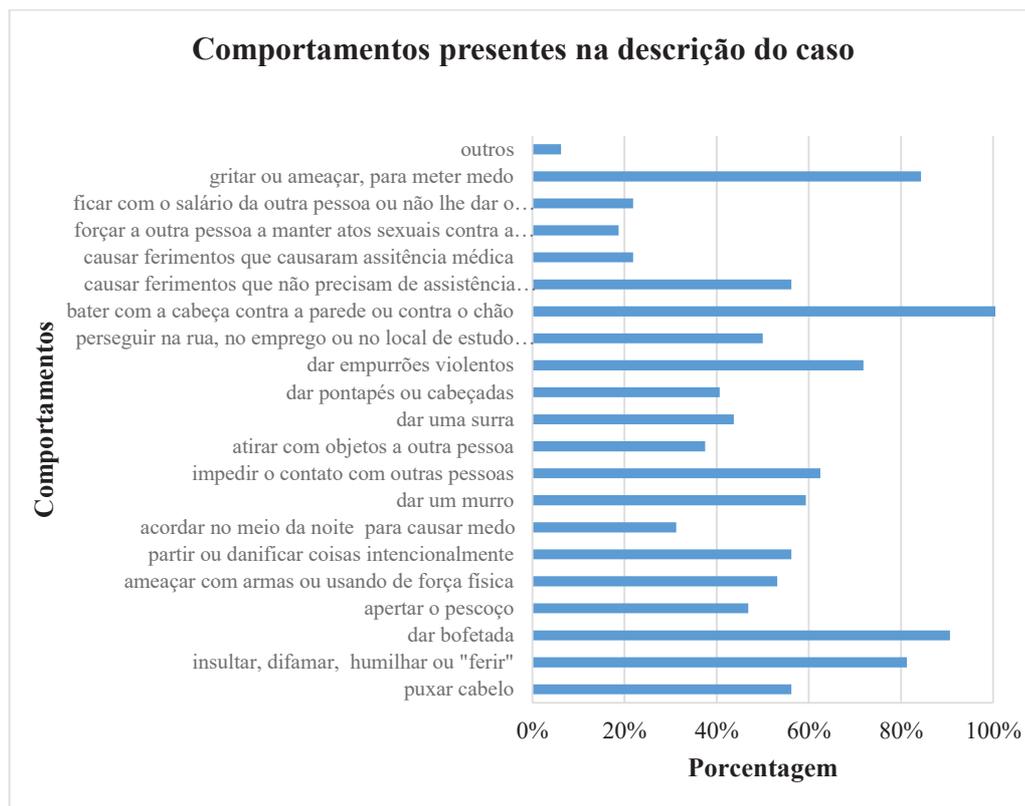


Figura 42 - Respostas que envolvem os comportamentos presentes na descrição de situações de violência doméstica

Após identificar os comportamentos presentes nas agressões, foram averiguados os fatores que poderiam ser os responsáveis por desencadear as agressões segundo as vítimas. O principal foi o ciúme do agressor, com 71,88% das escolhas, álcool com 40,62%, droga com 34,88%, suspeita de agressão por parte da mulher, com 18,75% e suspeita de traição por parte do agressor com 6,25%, Figura 43.

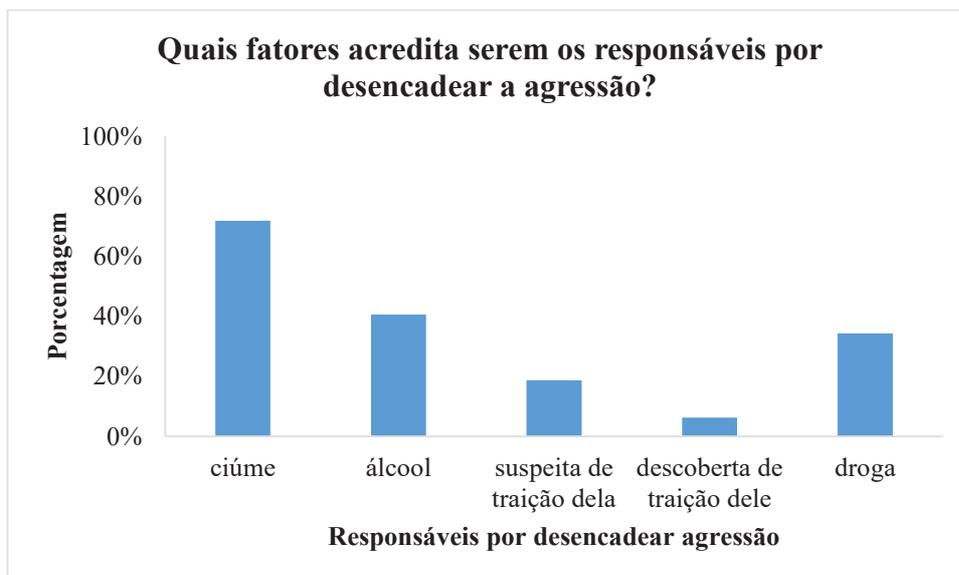


Figura 43 - Principais fatores responsáveis por desencadear a agressão segundo as vítimas

Diante da agressão diferentes estratégias foram adotadas pelas mulheres, conforme ilustra a Figura 44, 65,63% reagiram verbalmente ou fisicamente frente às agressões, 28,12% se sentiram culpadas, 25% mentiram para os outros sobre a agressão, 25% procuraram ajuda em igrejas, 21,88% procuraram ajuda em centros psicológicos, 9,38% procuraram cuidados médicos, 9,38% ingeriram bebidas alcóolicas, 9,38% tiveram outras reações diante da agressão.

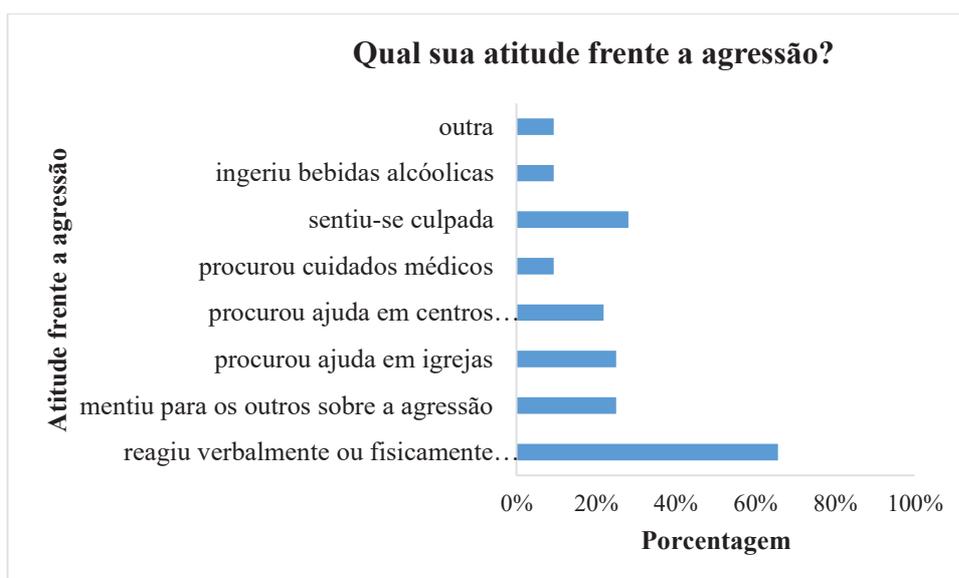


Figura 44 - Porcentagem de respostas das mulheres referentes à questão: Qual sua atitude frente a agressão?

Apesar das diferentes atitudes frente a agressão, algumas vítimas se mantiveram na relação, na maioria das vezes por promessas de melhora por parte do agressor e pelos filhos com 40,62% registros cada, 34,38% por medo, 21,88% por dependência financeira e 18,75% por serem apaixonadas pelo parceiro (Figura 45).

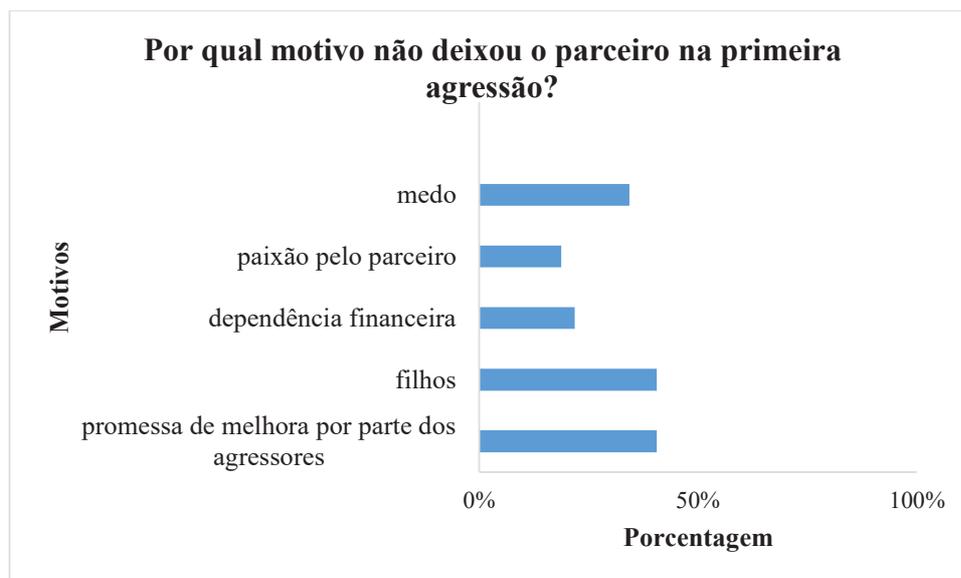


Figura 45 - Motivos destacados pelas mulheres por não ter deixado o parceiro

A violência pode afetar a saúde da mulher como um todo, física e psicologicamente, podendo afetar o desempenho no trabalho profissional, pontuado por 21,88% das mulheres e trabalho geral assinalado por 28,12% vítimas.

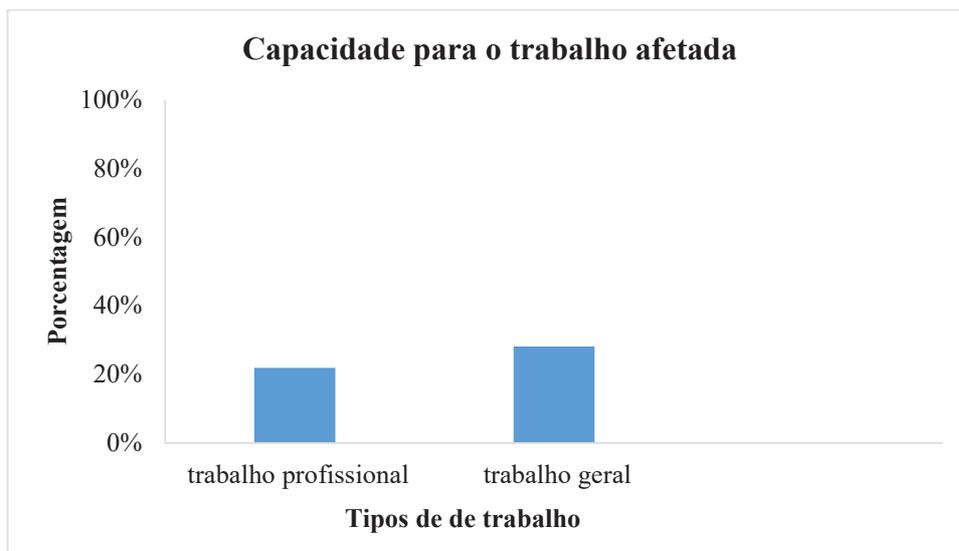


Figura 46 - Dados sobre o impacto da violência no trabalho

Discussão

As informações obtidas na pesquisa indicam que a violência doméstica causa impacto nas vidas das mulheres e dos homens, com as devidas proporções. Dentre o grupo pesquisado observou-se que: a maioria é casado, se auto declararam brancos e tem faixa etária média de 34 anos e tem como religião o protestantismo tanto no grupo sem histórico de violência quanto no grupo com histórico de violência. Apesar disso, o estado civil dos homens e mulheres com histórico de violência apresentou mais variabilidade, com diferentes tipos de relação civil apresentando porcentagens semelhantes. Quanto ao trabalho, as mulheres com histórico têm situação ocupacional indicaram prioritariamente a condição de independente ou autônoma. Nos demais grupos, a maioria declarou-se trabalhadores. Contudo, entre os homens sem histórico observou-se mais trabalhadores com carteira assinada. Todos os grupos apresentaram maior porcentagem de renda acima de dois salários mínimos, mas a porcentagem dessa renda foi maior para os grupos de homens e mulheres sem histórico de violência. De forma semelhante, a escolaridade com maior porcentagem foi Ensino Médio para homens e mulheres, com mulheres apresentando menor porcentagem de ensino superior.

Sobre as questões acerca da relação violenta, no geral observa-se respostas diferentes entre os homens e as mulheres. Obteve-se uma maior porcentagem de afirmações relativas à existência da violência por parte das mulheres, mas a maioria dos homens não reconhece a violência na primeira agressão, ao passo que a maioria das mulheres sentiu que era vítima. Quase a totalidade dos homens afirmaram praticar violência psicológica e menos homens indicaram ter praticado violência física em comparação com as sofridas pelas mulheres. Dos homens, 33% assumiu ter praticado violência após denúncia, diferente das mulheres, das quais 85% relataram ter sofrido violência após denúncia. Além disso, os homens avaliam agressões com baixa gravidade, diferente das mulheres que avaliaram com alta gravidade as agressões

físicas e psicológicas, mas de menor gravidade as agressões sexuais. Se por um lado a violência psicológica praticada e sofrida durante a gravidez foi semelhante para homens e mulheres, obteve-se maior porcentagem de violência física relatada pelas mulheres que a relatada pelos homens. Os comportamentos de agressão mais sofridos pelas mulheres foram bater a cabeça na parede ou chão, bofetada, gritar ou ameaçar. Essas diferenças ilustram que a percepção dos homens não é igual a das mulheres quando se discute violência doméstica, o que pode ser indicado a partir da naturalidade atribuída ao uso da coerção (Sidman, 2009). Os homens pesquisados mencionaram não acreditar que estavam agredindo na primeira agressão, com 61,11%, além de 61,11% acharem que também assumiram papel de vítima nas relações investigadas.

Esses dados corroboram a análise de Bell e Naugle (2005) segundo a qual os controles sobre os comportamentos emitidos pelos homens e pelas mulheres envolvidos em situação de violência são diferentes. Ao se tomar o controle aversivo como base da violência doméstica, as mulheres entram em contato com punições físicas (bater a cabeça) ou psicológica (ameaças). Do outro lado, o comportamento do parceiro que pratica essas agressões está sob controle de reforços positivos (a atenção ou a obediência da parceira) e negativos (a cessação ou diminuição dos comportamentos “inadequados” da parceira).

Essa análise pode ser complementada pelas respostas das mulheres de que os principais motivos para permanecerem no relacionamento apontam para funções reforçadoras positivas (ainda gostar da parceira) e negativas (o ciúme) no caso dos homens, e para funções aversivas – medo do agressor ficar mais violento – no caso das mulheres. Em um certo sentido, cada um interage de forma diferente nessa relação. Essa interação diferente foi verificada também por Lacerda e Costa (2013), ao observarem que para seu grupo de mulheres o ciúme envolvia

comportamentos violentos que visavam a obtenção de reforçadores positivos e negativos e foi associado também a álcool e drogas, tal como no presente estudo.

Essas diferenças nos controles dos comportamentos dos homens e das mulheres também acabam se correlacionando com as respostas a outras questões acessadas no presente estudo: todos os homens afirmaram que os filhos não presenciaram a violência, mas em torno de 35% das mulheres relataram que sim; mais da metade dos homens (55%) não assumiu a violência para familiares; acima de 40% das mulheres afirma que receberam violência em locais públicos, diferentemente dos homens que indicaram em baixa porcentagem a ocorrência de violência conjugal nesse contexto; a maioria dos homens indicou assumir o papel de vítima, ao passo que menos da metade das mulheres, as vítimas na presente amostra, indicou assumir esse papel.

Apesar das consequências psicológicas e físicas, com comprometimento para o trabalho, perda de bebê, a recorrência das agressões por mais de 2 anos, como relatado por parte das participantes, uma baixa porcentagem procurou ajuda especializada, incluindo de psicólogos. Essa baixa procura de ajuda é comum, exceto quando envolve possibilidade de perigo ou dano físico/emocional para os filhos (Bell & Naugle, 2005). Como no caso 35% das mulheres indicaram que os filhos presenciaram a violência, é possível supor que essa parcela, no caso de se manter no relacionamento, pode vir a entrar em contato com essas contingências.

Estudos mostram que a violência pode resultar de processos de aprendizagem por observação (Bandura, Ross & Ross, 1961), o que justifica a necessidade de entender se existiram ou existe violência conjugal entre pais/cuidadores. Na pesquisa em média 33% dos participantes relataram ter presenciado violência conjugal entre pais/ cuidadores e essa exposição pode ter funcionado como modelo para os padrões de interação conjugal dos casais da presente amostra. A violência pode ser considerada intergeracional e hoje é entendida como um problema de saúde pública que pôde ser melhor registrado a partir da Lei Maria da Penha

(Brasil, 2006). A Lei destaca cinco formas de violência, mas no questionário aplicado apenas três foram avaliadas: psicológica, física e sexual. Assim como identificado através do sistema de Saúde no Brasil (Senado, 2018), a violência física foi evidenciada por 50%, seguido por 45% de violência psicológica, sendo importante destacar que as mulheres se consideraram vítimas desde a primeira agressão.

Independentemente do tipo de agressão 40% das mulheres se mantiveram no relacionamento por mais de seis meses após a agressão, confirmando o destacado por Paulino (2016), que a violência doméstica tende a ocorrer continuamente e silenciosa por muitos anos. No questionário foi identificado que 5,53% das mulheres se mantem no relacionamento por medo do parceiro ficar mais violento, sendo que o principal motivo por desencadear a violência foi o ciúme, segundo 71,88 % das mulheres.

Dentre as mulheres participantes da pesquisa acrescenta-se que as agressões acontecem em maior número nos sábados e domingos, conforme indicado por 54% das mulheres, entre 19 h e 24h, com 81,25% das marcações. Quando as mulheres reagem à agressão, o fazem em sua maioria verbalmente (65,63%).

Estudo 2

Uma análise comparativa de Mulheres e Homens com e sem histórico de Violência doméstica e quanto as táticas de resolução de conflitos

Introdução

Ao se considerar uma relação conjugal deve-se partir do pressuposto de que há relações nas quais conflitos que surgem na interação podem ser manejados de diferentes maneiras. Algumas dessas maneiras envolvem o relacionamento conjugal tem sido estudado há muito tempo e observa-se o quanto são comuns situações de conflito, uma vez que pessoas diferentes, com vidas e escolhas até então individuais decidem compartilhar e dividir o dia-a-dia. A partir desse momento, alimentação, rotina de sono, atividades de lazer, exercícios passam a ser discutidos considerando o casal (McGoltrick, 1995).

Assim que tem início a vida conjugal, cada um dos cônjuges se depara com a necessidade de reorganizações e modificações da vida individual, exigindo esforços de mudança e adaptação (Narciso & Ribeiro, 2009), podendo levar a situações de conflitos e dificuldades, sendo frequente a procura de ajuda, como por exemplo a terapia (Otero & Guerrelhas, 2003).

Através da terapia é possível identificar os episódios de interação adversa entre os cônjuges, ou seja, as situações conflitivas (Benetti, 2006), mas outros instrumentos também podem contribuir com a observação desses fenômenos como a Escala Tática de Conflitos (CTS).

A Escala Tática de Conflito foi desenvolvida na década de 70 pelo sociólogo Straus (1979), a fim de levantar as taxas de prevalência de abuso psicológico e físico nos contextos familiares. Dentre os pontos identificados na escala destacam-se atos de agressão, negociação para lidar com o conflito e uso da razão. Enquanto instrumento de pesquisa, foi aplicada em

diversas populações, sendo usada inclusive no tratamento de agressores em cumprimento de medida protetiva (Holtzworth- Munroe & Stuart, 1994).

A Escala Tática de Conflitos foi desenvolvida por um sociólogo, com objetivo de avaliar conflitos intrafamiliares. Em um primeiro momento se propôs a resolver conflitos de interesse, mas foi revisada e considerou que os conflitos são inevitáveis nas relações humanas (Alexandra e Figueiredo, 2006).

Composta por 78 questões, podendo ser aplicada em aproximadamente 10 minutos, organiza-se em cinco subescalas: negociação, agressão psicológica, coerção sexual, abuso físico sem sequelas, abuso físico com sequelas. No presente trabalho optou-se por utilizar a tradução realizada por Alexandra e Figueiredo (2006).

A CTS 2, levanta informações referentes ao último ano de relacionamento e inclui 8 categorias de resposta: (1) uma vez no ano passado, (2) duas vezes no ano passado, (3) 3-5 vezes no ano passado, (4) 6-10 vezes no ano passado, (5) 11-20 vezes no ano passado, (6) mais de 20 vezes no ano passado, (7) não aconteceu no ano passado, mas aconteceu antes, (0) isso nunca aconteceu.

A Escala apresentou bom índice de validade e fidelidade, com consistência interna entre 0,79 e 0,95 (Straus et al. 1996). Alexandra e Figueiredo (2006) realizaram uma pesquisa com 551 jovens adultos universitários, destes 45 casais, e todos responderam a Escala Tática de Conflitos, que buscou comparar a versão portuguesa e a brasileira identificando os pontos de divergências. Dentre os dados levantados referente a vitimização observou-se valores significativos na escala de abuso físico sem sequelas, contemplados nas questões 7, 9, 17, 21, 27, 33, 37, 43, 45, 53, 61, 73, seguidos pela escala de negociação (questões 1, 13, 39, 3, 59,77); agressão psicológica (questões 5, 35, 49, 67, 25, 29, 65, 69), coerção sexual (questões 15, 51, 63, 19, 47, 57, 75) e abuso físico com sequelas (questões 11, 71, 23, 31, 41, 55). Na validação, a escala total apresentou um alfa de Cronbach de 0,47 a 0,73.

Bhona, Gebara, Noto, Vieira e Lourenço (2014) estudaram a violência no sistema familiar e tiveram como amostra 480 mulheres de um bairro de baixa renda da cidade de Juiz de Fora. Todas as participantes responderam questões presentes em três instrumentos: questionário sociodemográfico, Escala de Táticas de Conflito entre Pais e Crianças (CTSPC) e Escala Tática de Conflitos (CTS 2). Como resultado da pesquisa tem-se 292 mulheres como respondente da escala de violência conjugal, por declararem viver com o companheiro, destacando que tanto mulheres quanto homens apresentaram maior porcentagem de violência psicológica, seguida por violência física, violência sexual e injúria.

Maldonado e Williams (2005) avaliaram 28 crianças do sexo masculino na escola separando-as em dois grupos: violentas e não violentas, além de avaliarem suas mães a partir de visitas domiciliares, utilizando a *Escala de Percepção por Professores dos Comportamentos Agressivos de Crianças na Escola*, Questionário de Levantamento de dados sobre a família e a CTS2. Os dados mostraram que para as crianças do grupo não violento foi observada maior incidência de negociação e menor nível de violência para todas as categorias do CTS2, em comparação com as mães do grupo violento. A violência psicológica foi a que apresentou maior pontuação dentre as táticas violentas.

Justificativa

Compreender os eventos que impactam na vida conjugal, tanto em mulheres e homens que mantém relacionamento sem violência doméstica quanto homens e mulheres com históricos de relacionamentos agressivos. Além de comparar em quais itens esses dados apresentam maior índice.

Objetivos

Geral:

- Comparar resposta de homens e mulheres com e sem violência doméstica à Escala de Tática de Conflitos.

Específicos:

- Levantar as situações de conflitos mais comuns na população estudada.
- Identificar qual subescala apresentam dados mais significativos em relação à tática de conflitos.

Método

Participantes

A Escala Tática de Conflitos foi aplicada em 135 participantes, sendo 81 mulheres e 54 homens, com idade média de 34 anos.

Procedimento

Após o preenchimento do termo de consentimento livre esclarecido e preenchimento de questionários para levantamento de aspectos sócio demográficos, os sujeitos responderam a Escala Tática de Conflitos (CTS 2), que possui 78 itens que descrevem possíveis comportamentos do respondente e do parceiro (a) e composta por cinco subescalas: negociação, agressão psicológica, violência física, consequências sobre a saúde do companheiro e do respondente. Para responder a CTS2 o participante deveria levar em consideração o último ano e uma escala de 0 a 7 deveria ser utilizada para sinalizar a frequência em que as situações mencionadas aconteceram.

Os participantes foram abordados em dois lugares: Delegacia Especializada em Atendimento à Mulher e Clínica Escola do Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC) e a aplicação da escala foi conduzida pela pesquisadora e o tempo médio para aplicação foi 15 minutos.

Resultados

Para análise do Levantamento de Dados, da Escala Tática de conflitos e dos questionários, os sujeitos foram separados em quatro grupos: mulheres sem histórico de violência, composto por 35 mulheres; mulheres com histórico de violência, com 46 mulheres, homens sem histórico de violência, composto por homens com 34; histórico de violência, com 19 homens.

Serão apresentados os dados de média para cada item para os grupos sem histórico de violência e com histórico de violência, separadamente para homens e mulheres. Para as análises, os dados descritivos foram calculados com a planilha Excel e as análises inferenciais foram realizadas com o Software Minitab 18. Inicialmente foi realizada o cálculo de Confiabilidade. A Análise realizada para as cinco subescalas apresentaram valores de alfa de Cronbach de 0,932 para a escala geral e de 0,843 para Negociação, 0,832 para Violência Psicológica, 0,890 para Violência Física, 0,741 para Coerção Sexual e 0,801 para Injúria.

A Tabela 6 indica variações com maiores frequências de respostas a resoluções com violência para os participantes do grupo com histórico de violência. Ressalta-se que os outros participantes, apesar de se declararem sem histórico de violência, tanto homens quanto mulheres desses grupos apresentaram respostas de resolução violenta de conflitos para diversas questões.

Tabela 6 - Média das respostas às alternativas da Escala Tática de Conflitos. Dados entre parênteses correspondem a 1 DP

Afirmativa	Escala Tática de Conflitos			
	Mulheres sem histórico	Mulheres com histórico	Homens sem histórico	Homens com Histórico
1.Eu mostrei ao meu parceiro que eu me importava, mesmo que discordássemos.	4,08 (2,05)	4,52 (2,12)	4,47 (2,34)	4,05 (2,37)
2.Meu parceiro demonstrou cuidado comigo mesmo que discordássemos.	4,61 (1,96)	2,86 (2,33)	4,47 (1,94)	4,32 (1,92)
3.Eu expliquei meu lado de desacordo para eu parceiro.	4,53 (2,10)	5,11 (1,58)	4,38 (1,89)	4,53 (1,87)
4.Meu parceiro explicou seu lado de desacordo pra comigo.	4,08 (2,16)	3,93 (2,19)	4,15 (2,00)	4,47 (2,12)
5.Eu insultei ou jurei meu parceiro.	0,89 (1,65)	2,72 (2,66)	0,47 (1,38)	2,11 (2,35)
6.Meu parceiro fez isso comigo.	0,81 (1,65)	4,54 (2,19)	0,74 (1,62)	2,79 (2,39)
7.Eu joguei algo em meu parceiro que poderia cortar.	0,00 (0,00)	0,61 (1,56)	0,09 (0,51)	0,58 (1,35)
8.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	1,72 (2,25)	0,15 (0,61)	1,68 (2,38)
9.Eu torci o braço ou o cabelo do meu parceiro.	0,06 (0,33)	0,28 (0,98)	0,00 (0,00)	0,37 (1,01)
10.Meu parceiro fez isso comigo.	0,06 (0,33)	2,59 (2,47)	0,15 (0,86)	1,47 (2,20)
11.Eu tive dor, hematoma, ou pequeno corte por causa de uma briga com o parceiro.	0,08 (0,50)	2,02 (2,14)	0,09 (0,51)	1,58 (2,12)
12.Meu parceiro teve dor, hematoma, ou pequeno corte por causa de uma briga comigo.	0,08 (0,50)	0,67 (1,32)	0,18 (1,03)	0,47 (0,84)
13.Eu mostrei respeito pelos sentimentos do meu parceiro sobre um problema.	4,89 (1,72)	4,74 (1,97)	4,47 (2,18)	4,11 (2,45)
14.Meu parceiro mostrou respeito pelos meus sentimentos sobre um problema.	5,00 (1,45)	2,07 (2,10)	4,21 (2,29)	4,11 (2,35)
15.Eu fiz meu parceiro fazer sexo sem preservativo.	0,11 (0,67)	0,17 (0,90)	0,12 (0,69)	0,95 (2,25)
16.Meu parceiro fez isso comigo.	0,11 (0,67)	1,30 (2,32)	0,12 (0,69)	1,05 (2,25)
17.Eu empurrei meu parceiro.	0,14 (0,83)	1,89 (2,27)	0,09 (0,29)	1,42 (1,57)
18.Meu parceiro fez isso comigo.	0,08 (0,50)	3,98 (2,23)	0,06 (0,24)	2,63 (2,41)
19.Eu usei força (como bater, segurar, ou usar uma arma) para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal.	0,00 (0,00)	0,02 (0,15)	0,00 (0,00)	0,11 (0,32)
20.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	0,46 (1,39)	0,00 (0,00)	0,42 (1,43)
21.Eu usei uma faca ou uma arma no meu parceiro.	0,00 (0,00)	0,30 (1,13)	0,00 (0,00)	0,11 (0,32)
22.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	1,26 (2,04)	0,00 (0,00)	0,79 (2,07)
23.Eu desmaiei ao ser atingido na cabeça por meu parceiro em uma luta.	0,00 (0,00)	0,59 (1,68)	0,00 (0,00)	0,05 (0,23)
24.Meu parceiro desmaiou ao ser atingido na cabeça por mim em uma luta.	0,00 (0,00)	0,15 (1,03)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)

Escala Tática de Conflitos				
Afirmativa	Mulheres sem histórico	Mulheres com histórico	Homens sem histórico	Homens com Histórico
25.Eu chamei meu parceiro de gordo e feio.	0,39 (1,08)	0,87 (1,93)	0,62 (1,84)	0,89 (1,56)
26.Meu parceiro me chamou de gorda e feia.	0,08 (0,37)	2,15 (2,61)	0,50 (1,60)	0,79 (1,58)
27.Eu soquei ou bati em meu parceiro com alguma coisa que pode cortar.	0,06 (0,33)	0,37 (1,45)	0,00 (0,00)	0,11 (0,32)
28.Meu parceiro fez isso comigo.	0,03 (0,17)	1,24 (2,16)	0,00 (0,00)	0,89 (2,08)
29.Eu destruí algo que pertence ao meu parceiro.	0,11 (0,52)	0,72 (1,81)	0,09 (0,29)	0,63 (1,30)
30.Meu parceiro fez isso comigo.	0,08 (0,37)	1,91 (2,31)	0,24 (1,05)	2,16 (2,46)
31.Eu fui ao médico por causa de uma briga com meu parceiro.	0,00 (0,00)	0,50 (1,24)	0,00 (0,00)	0,11 (0,32)
32.Meu parceiro foi ao médico por causa de uma briga comigo.	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,47 (1,61)
33.Eu enforquei meu parceiro.	0,00 (0,00)	0,11 (0,38)	0,00 (0,00)	0,11 (0,32)
34.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	1,39 (2,06)	0,06 (0,34)	0,74 (1,56)
35.Eu gritei com meu parceiro.	1,25 (1,95)	3,59 (2,62)	0,65 (1,52)	3,16 (2,69)
36.Meu parceiro fez isso comigo.	1,00 (1,74)	4,57 (2,15)	0,88 (1,72)	4,53 (2,29)
37.Eu bati meu parceiro contra a parede.	0,11 (0,46)	0,35 (1,06)	0,06 (0,34)	0,32 (0,95)
38.Meu parceiro fez isso comigo.	0,03 (0,17)	2,02 (2,45)	0,00 (0,00)	0,68 (1,67)
39.Eu disse que eu tinha certeza de que poderíamos resolver um problema.	4,14 (2,29)	3,91 (2,36)	3,35 (2,66)	4,58 (2,14)
40.Meu parceiro estava certo de que poderíamos resolver um problema.	4,31 (2,01)	2,24 (2,42)	3,68 (2,53)	3,53 (2,29)
41.Eu precisava ver um médico por causa de uma briga com meu parceiro, mas não fui.	0,28 (1,19)	1,00 (1,90)	0,00 (0,00)	0,32 (1,38)
42.Meu parceiro precisava ver um médico por causa de uma briga comigo, mas não foi.	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
43.Eu bati no meu parceiro.	0,11 (0,67)	0,93 (1,94)	0,00 (0,00)	0,37 (0,76)
44.Meu parceiro fez isso comigo.	0,06 (0,33)	3,02 (2,53)	0,18 (1,03)	1,74 (2,38)
45.Eu peguei meu parceiro.	0,00 (0,00)	1,11 (2,14)	0,03 (0,17)	1,74 (2,54)
46.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	2,67 (2,53)	0,00 (0,00)	1,21 (2,37)
47.Eu usei a força (como bater, segurar, ou usar uma arma) para fazer meu parceiro ter relações sexuais.	0,00 (0,00)	0,02 (0,15)	0,00 (0,00)	0,05 (0,23)
48.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	0,46 (1,39)	0,00 (0,00)	0,11 (0,46)
49.Eu pisei para fora da sala ou casa ou quintal durante um desacordo.	0,75 (1,75)	3,39 (2,50)	0,79 (1,87)	2,74 (2,77)
50.Meu parceiro fez isso comigo.	0,64 (1,44)	2,57 (2,61)	0,26 (0,90)	2,42 (2,43)
51.Eu insisti em sexo quando meu parceiro não queria (mas não usava força física)	0,14 (0,42)	0,15 (0,73)	0,21 (1,04)	1,47 (2,29)
52.Meu parceiro fez isso comigo.	0,44 (1,30)	1,15 (2,07)	0,00 (0,00)	0,79 (1,55)
53.Eu bati no meu parceiro.	0,11 (0,52)	1,11 (2,13)	0,00 (0,00)	0,42 (0,84)
54.Meu parceiro fez isso comigo.	0,08 (0,50)	2,76 (2,40)	0,00 (0,00)	1,47 (2,41)

Escala Tática de Conflitos				
Afirmativa	Mulheres sem histórico	Mulheres com histórico	Homens sem histórico	Homens com Histórico
55.Eu tive um osso quebrado de uma luta com meu parceiro.	0,00 (0,00)	0,20 (0,65)	0,00 (0,00)	0,05 (0,23)
56.Meu parceiro teve um osso quebrado de uma luta comigo.	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
57.Eu usei ameaças para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal.	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,11 (0,46)
58.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	0,30 (1,28)	0,00 (0,00)	0,11 (0,46)
59.Eu sugeri um acordo.	1,81 (2,32)	3,50 (2,59)	1,47 (2,19)	3,26 (2,60)
60.Meu parceiro fez isso comigo.	1,83 (2,40)	2,54 (2,52)	1,44 (2,26)	2,47 (2,63)
61.Eu queimei ou escalei meu parceiro de propósito.	0,00 (0,00)	0,17 (0,93)	0,00 (0,00)	0,32 (1,38)
62.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	0,02 (0,15)	0,00 (0,00)	0,11 (0,46)
63.Eu insisti para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal (mas não usei força física).	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00(0,00)	0,32 (1,00)
64.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	0,24 (1,18)	0,00 (0,00)	0,11 (0,46)
65.Eu acusei o meu parceiro de ser um péssimo amante.	0,39 (1,22)	1,07 (2,08)	0,15 (0,86)	1,26 (2,21)
66.Meu parceiro fez isso comigo.	0,22 (0,96)	1,30 (2,29)	0,15 (0,86)	1,53 (2,34)
67.Eu fiz algo para desprezar o meu parceiro.	0,50 (1,21)	1,30 (1,92)	0,21 (0,84)	2,05 (2,66)
68.Meu parceiro fez isso comigo.	0,39 (0,87)	2,91 (2,63)	0,21 (0,84)	1,89 (2,54)
69.Eu ameacei bater ou jogar algo no meu parceiro.	0,14 (0,83)	1,09 (1,88)	0,03 (0,17)	0,58 (1,50)
70.Meu parceiro fez isso comigo.	0,14 (0,83)	2,07 (2,44)	0,06 (0,34)	1,37 (2,36)
71.Eu senti uma dor física que continuou doendo no outro dia por causa de uma briga com meu parceiro.	0,06 (0,33)	2,07 (2,38)	0,00 (0,00)	0,16 (0,69)
72.Meu parceiro continuou sentindo uma dor física no dia seguinte devido a briga que tivemos.	0,06 (0,33)	0,26 (0,95)	0,00 (0,00)	0,11 (0,32)
73.Eu chutei meu parceiro.	0,03 (0,17)	0,85 (2,00)	0,00 (0,00)	0,05 (0,23)
74.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	2,15 (2,71)	0,06 (0,34)	1,32 (2,38)
75.Eu usei ameaças para fazer sexo com meu parceiro	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,05 (0,23)
76.Meu parceiro fez isso comigo.	0,00 (0,00)	0,39 (1,27)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
77.Eu concordei em tentar uma solução para o desacordo que meu parceiro sugeriu.	2,75 (2,49)	3,39 (2,45)	2,47 (2,60)	3,21 (2,35)
78.Meu parceiro tentou a solução que eu sugeri.	2,56 (2,56)	1,70 (2,14)	2,29 (2,53)	2,42 (2,43)

Para o grupo de homens sem histórico, as médias variaram de 0 a 5. O item com maior média foi o 14 (Meu parceiro mostrou respeito pelos meus sentimentos sobre um problema) e

28 itens apresentaram média zero, todos relacionados a táticas de resolução violenta. O grupo de mulheres com histórico apresentou como maior pontuação o item 3 (Eu expliquei meu lado de desacordo para eu parceiro) e seis itens de táticas violentas com média zero. Os homens sem histórico tiveram três itens com maior média, de 4,47 (Eu expliquei meu lado de desacordo para eu parceiro; Meu parceiro demonstrou cuidado comigo mesmo que discordássemos; Eu mostrei respeito pelos sentimentos do meu parceiro sobre um problema) e 35 itens com média zero. No grupo de homens com histórico o item “Eu disse que eu tinha certeza de que poderíamos resolver um problema” obteve maior média, e quatro itens obtiveram média zero. Para todos os grupos, os itens com média zero referiram-se a uma das táticas violentas.

A segunda análise realizada agrupou os participantes em: 1. Mulheres com e sem histórico de violência e 2. Homens com e sem histórico de violência, sendo realizado o Test t entre grupos. Os resultados mostram que as questões: 2, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 20, 22, 23, 26, 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 53, 54, 59, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74 foram significativas para o grupo das mulheres enquanto para o grupo dos homens as questões significativas foram: 5, 6, 8, 9, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 38, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 74. Algumas questões foram significativas apenas para o grupo das mulheres como: 2, 12, 14, 20, 23, 26, 40, 41, 48, 71, 72. As questões significativas apenas no grupo dos homens foram: 7, 9, 15, 19, 21, 27, 33, 51, 52, 65, 66 e 72. Os itens que apresentam o sinal (-) não foram calculados em virtude de ausência de variação com valores zero para ambos os grupos sob comparação. As diferenças significativas obtidas para os itens pertencentes ao fator Negociação (itens 1, 2, 3, 4, 13, 1, 39, 40, 57 e 58), indicam maiores médias para os grupos sem histórico de violência em comparação com os grupos com histórico. Foge a essa regra a comparação entre homens sem e com violência para o item 27 (Eu soquei ou bati em meu parceiro com alguma coisa que pode cortar), na qual o grupo sem histórico apresentou uma frequência absoluta.

outro lado as comparações entre os itens que envolvem estratégias violentas indicaram médias significativamente mais altas para os grupos com histórico.

Tabela 7 - Valores de t obtidos no Test t e Significâncias (α) da Escala Tática de Conflitos entre grupos. Comparações com (-) indicam que as análises não foram possíveis em virtude de médias iguais a zero.

Questões	Mulheres sem e com histórico de violência		Homens sem e com histórico de violência	
	T	α	t	α
1.Eu mostrei ao meu parceiro que eu me importava, mesmo que discordássemos.	-0,94	0,35	0,62	0,54
2.Meio parceiro demonstrou cuidado comigo mesmo que discordássemos.	3,60	0,00*	0,28	0,78
3.Eu expliquei meu lado de desacordo para eu parceiro.	-1,43	0,16	-0,27	0,79
4.Meio parceiro explicou seu lado de desacordo pra comigo.	0,31	0,76	-0,59	0,58
5.Eu insultei ou jurei meu parceiro.	-3,62	0,00*	-3,20	0,00*
6.Meio parceiro fez isso comigo.	-8,52	0,00*	-3,72	0,00*
7.Eu joguei algo em meu parceiro que poderia cortar.	-2,34	0,02*	-1,90	0,06
8.Meio parceiro fez isso comigo.	-4,58	0,00*	-3,58	0,00*
9.Eu torci o braço ou o cabelo do meu parceiro.	-1,33	0,19	-2,14	0,04*
10.Meio parceiro fez isso comigo.	-6,10	0,00*	-3,14	0,00*
11.Eu tive dor, hematoma, ou pequeno corte por causa de uma briga com o parceiro.	-5,30	0,00*	-3,93	0,00*
12.Meio parceiro teve dor, hematoma, ou pequeno corte por causa de uma briga comigo.	-2,55	0,01*	-1,07	0,29
13.Eu mostrei respeito pelos sentimentos do meu parceiro sobre um problema.	0,36	0,72	0,56	0,58
14.Meio parceiro mostrou respeito pelos meus sentimentos sobre um problema.	7,14	0,00*	0,15	0,88
15.Eu fiz meu parceiro fazer sexo sem preservativo.	-0,35	0,73	-2,00	0,05*
16.Meio parceiro fez isso comigo.	-2,99	0,00*	-2,26	0,03*
17.Eu empurrei meu parceiro.	-4,396	0,00*	-4,83	0,00*
18.Meio parceiro fez isso comigo.	-10,29	0,00*	-6,22	0,00*
19.Eu usei força (como bater, segurar, ou usar uma arma) para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal.	-0,883	0,38	-1,96	0,05*
20.Meio parceiro fez isso comigo.	-1,96	0,05*	-1,73	0,09
21.Eu usei uma faca ou uma arma no meu parceiro.	-1,61	0,11	-1,96	0,05*
22.Meio parceiro fez isso comigo.	-3,71	0,00*	-2,24	0,03*
23.Eu desmaiei ao ser atingido na cabeça por meu parceiro em uma luta.	-2,09	0,04*	-1,35	0,18

Questões	Mulheres sem e com histórico de violência		Homens sem e com histórico de violência	
	T	α	t	α
24. Meu parceiro desmaiou ao ser atingido na cabeça por mim em uma luta.	-0,88	0,38	-	-
25. Eu chamei meu parceiro de gordo e feio.	-1,34	0,18	-0,55	0,58
26. Meu parceiro me chamou de gorda e feia.	-4,72	0,00*	-0,63	0,53
27. Eu soquei ou bati em meu parceiro com alguma coisa que pode cortar.	-1,27	0,21	-1,96	0,05*
28. Meu parceiro fez isso comigo.	-3,35	0,00*	-2,53	0,02*
29. Eu destruí algo que pertence ao meu parceiro.	-1,65	0,05*	-2,335	0,02*
30. Meu parceiro fez isso comigo.	-4,70	0,00*	-3,99	0,00*
31. Eu fui ao médico por causa de uma briga com meu parceiro.	-2,41	0,02*	-1,96	0,05*
32. Meu parceiro foi ao médico por causa de uma briga comigo.	-	-	-1,73	0,09
33. Eu enforquei meu parceiro.	-1,72	0,09	-1,96	0,05*
34. Meu parceiro fez isso comigo.	-4,05	0,00*	-2,45	0,02*
35. Eu gritei com meu parceiro.	-4,47	0,00*	-4,36	0,00*
36. Meu parceiro fez isso comigo.	-8,10	0,00*	-6,55	0,00*
37. Eu bati meu parceiro contra a parede.	-1,25	0,22	-1,43	0,15
38. Meu parceiro fez isso comigo.	-4,86	0,00*	-2,41	0,02*
39. Eu disse que eu tinha certeza de que poderíamos resolver um problema.	0,44	0,66	-1,72	0,09
40. Meu parceiro estava certo de que poderíamos resolver um problema.	4,12	0,00*	0,21	0,83
41. Eu precisava ver um médico por causa de uma briga com meu parceiro, mas não fui.	-2,00	0,05*	-1,35	0,18
42. Meu parceiro precisava ver um médico por causa de uma briga comigo, mas não foi.	-	-	-	-
43. Eu bati no meu parceiro.	-2,44	0,02*	-2,85	0,01*
44. Meu parceiro fez isso comigo.	-6,87	0,00*	-3,33	0,00*
45. Eu peguei meu parceiro.	3,10	0,00*	-3,94	0,00*
46. Meu parceiro fez isso comigo.	-6,33	0,00*	-3,00	0,00*
47. Eu usei a força (como bater, segurar, ou usar uma arma) para fazer meu parceiro ter relações sexuais.	-0,88	0,38	-1,35	0,18
48. Meu parceiro fez isso comigo.	-1,96	0,05*	-1,35	0,18
49. Eu pisei para fora da sala ou casa ou quintal durante um desacordo.	-5,40	0,00*	-3,04	0,00*
50. Meu parceiro fez isso comigo.	-3,97	0,00*	-4,66	0,00*
51. Eu insisti em sexo quando meu parceiro não queria (mas não usava força física)	-0,09	0,92	-2,77	0,01*
52. Meu parceiro fez isso comigo.	-1,80	0,08	-3,00	0,00*
53. Eu bati no meu parceiro.	-2,74	0,01*	-2,95	0,00*
54. Meu parceiro fez isso comigo.	-6,58	0,00*	-3,59	0,00*
55. Eu tive um osso quebrado de uma luta com meu parceiro.	-1,79	0,08	-1,35	0,18
56. Meu parceiro teve um osso quebrado de uma luta comigo.	-	-	-	-

Questões	Mulheres sem e com histórico de violência		Homens sem e com histórico de violência	
	T	α	t	α
57.Eu usei ameaças para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal.	-	-	-1,35	0,18
58.Meu parceiro fez isso comigo.	-1,42	0,16	-1,35	0,18
59.Eu sugeri um acordo.	-3,08	0,00*	-2,67	0,01*
60.Meu parceiro fez isso comigo.	-1,29	0,20	-1,50	0,14
61.Eu queimei ou escaldei meu parceiro de propósito.	-1,12	0,26	-1,35	0,18
62.Meu parceiro fez isso comigo.	-0,88	0,38	-1,35	0,18
63.Eu insisti para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal (mas não usei força física).	-	-	-1,85	0,07
64.Meu parceiro fez isso comigo.	-1,22	0,23	-1,35	0,18
65.Eu acusei o meu parceiro de ser um péssimo amante.	-1,70	0,09	-2,63	0,01*
66.Meu parceiro fez isso comigo.	-2,66	0,10	-3,10	0,00*
67.Eu fiz algo para desprezar o meu parceiro.	-2,20	0,03*	-3,75	0,00*
68.Meu parceiro fez isso comigo.	-5,52	0,00*	-3,57	0,00*
69.Eu ameacei bater ou jogar algo no meu parceiro.	-2,81	0,01*	-2,12	0,04*
70.Meu parceiro fez isso comigo.	-4,52	0,00*	-3,20	0,00*
71.Eu senti uma dor física que continuou doendo no outro dia por causa de uma briga com meu parceiro.	-5,02	0,00*	-1,35	0,18
72.Meu parceiro continuou sentindo uma dor física no dia seguinte devido a briga que tivemos.	-1,23	0,22	-1,96	0,05*
73.Eu chutei meu parceiro.	-2,45	0,02*	-1,35	0,18
74.Meu parceiro fez isso comigo.	-4,76	0,00*	-3,04	0,00*
75.Eu usei ameaças para fazer sexo com meu parceiro	-	-	-1,35	0,18
76.Meu parceiro fez isso comigo.	-1,84	0,07	-	-
77.Eu concordei em tentar uma solução para o desacordo que meu parceiro sugeriu.	-1,17	0,25	-1,03	0,31
78.Meu parceiro tentou a solução que eu sugeri.	1,66	0,10	-0,18	0,86

* $\alpha < 0,05$

Foram comparadas as médias dos cinco fatores da CTS2. Para esta análise, os itens foram separados entre tática exercida e tática recebida. A Figura 47 mostra que para todos os grupos a Tática descrita como mais utilizada foi Negociação, com médias variando de 3,5 a 4,2 entre grupos, seguida por Agressão Psicológica, com médias de 0,4 a 1,8, e as demais táticas violentas com valores variando de zero (Coerção Sexual – Homens com histórico) a 1,06 (Injúria – mulheres com histórico). Na comparação dos grupos, os homens e mulheres com

histórico apresentaram maiores médias exercidas de Negociação, Agressão Psicológica, Violência Física e Injúria, em comparação com os participantes sem histórico. Para Coerção Sexual, os homens com histórico apresentaram médias mais altas que os demais grupos.

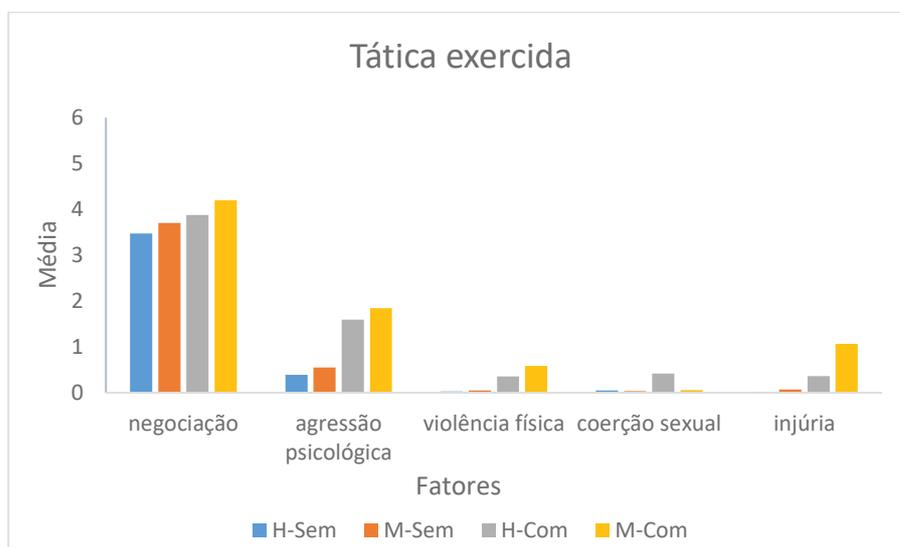


Figura 47 – Médias das táticas exercidas sobre os parceiros, separadas pelos Fatores Negociação, Agressão Psicológica, Violência Física, Coerção Sexual e injúria para os Grupos Homens sem histórico, Mulheres sem histórico, Homens com histórico e Mulheres com histórico.

A Figura 48 ilustra as táticas recebidas dos parceiros para cada um dos fatores do CTS2. Observa-se médias mais altas para tática de negociação recebida por três grupos, exceto mulheres com histórico, que apresentou maior média para Agressão Psicológica. Comparativamente, o grupo que foi exposto a mais tática de Negociação foram as mulheres do grupo sem histórico. Agressão psicológica apresentou médias de 0,38 e 0,42 para os grupos sem históricos. Da mesma forma, as médias de exposição às demais táticas violentas por esses participantes foram próximas a zero. Por outro lado, os grupos com histórico variaram de 0,35 (homens sem histórico – Coerção sexual) a 2,75 (mulheres com histórico), com valores maiores que os obtidos para os respectivos grupos sem histórico.

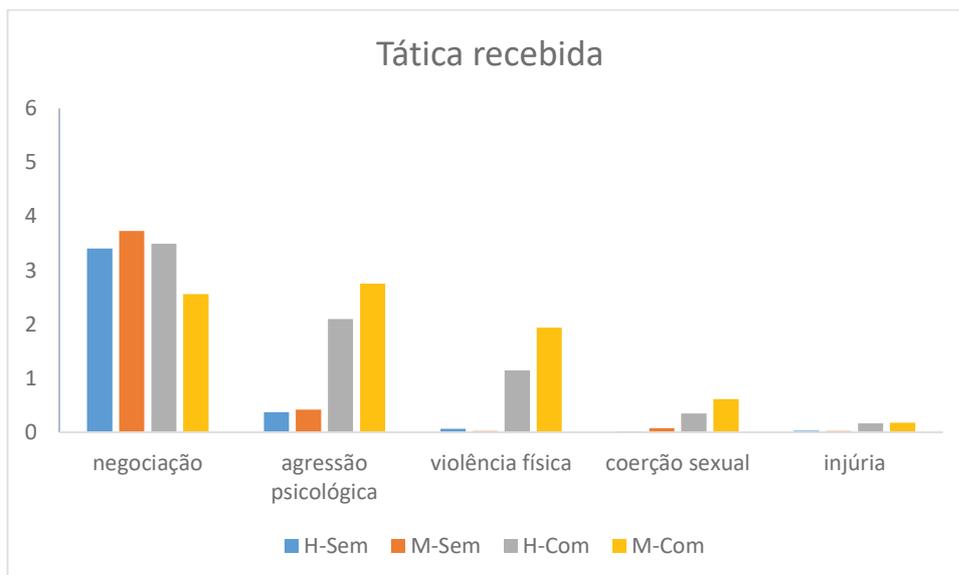


Figura 48 - Médias das táticas recebidas dos parceiros, separadas pelos Fatores Negociação, Agressão Psicológica, Violência Física, Coerção Sexual e injúria para os Grupos Homens sem histórico, Mulheres sem histórico, Homens com histórico e Mulheres com histórico de

Discussão

As informações obtidas indicam que tanto homens quanto mulheres apresentam dados significativos que envolvem a presença de conflitos, ou seja, além de vítimas as mulheres também podem assumir o papel de agressora no relacionamento conjugal (Bhona, Gebara, Noto, Vieira & Lourenço, 2014).

Assim ao agrupar as questões em cinco subgrupos, abuso físico sem sequelas, abuso físico com sequelas, agressão psicológica, coerção sexual e negociação, conforme Alexandra e Figueiredo (2006) o fizeram, observa-se que: o abuso físico sem sequelas foi identificado tanto em homens quanto em mulheres, porém quando as mulheres o fizeram envolveu defesa à frente da violência doméstica. Os abusos físicos com sequelas apresentaram maior significância entre as mulheres, demonstrando o impacto da agressão no corpo da vítima, como nas questões 11,71, 23, 31, 41 e 55.

A agressão psicológica foi significativa tanto nos homens quanto nas mulheres através das questões 5, 35, 49, 67, 29, 69, comprovando associação entre agredir e ser vítima na

modalidade psicológica, ao contrário da coerção sexual, em que os homens apresentaram fortes comportamentos relacionados a violência sexual contra mulheres, conforme questões 15, 51, 63, 19. Já a negociação apareceu apenas na questão 59, "Eu sugeri um acordo", demonstrando pouca propensão a resolver conflitos por parte do casal.

As questões abordadas na CTS 2 propiciaram uma exploração das relações conjugais a partir da análise do comportamento quando Skinner (2003) discute as técnicas de controle. Assim o abuso físico com e sem sequelas e a coerção sexual foram usadas para controlar o comportamento da vítima, através da restrição física, do uso de estimulação aversiva e da punição.

Estudo 3

Escolhas em contexto de probabilidade e atraso de tempo na prisão e quantias de dinheiro

Introdução

Muitos problemas comportamentais envolvem contato com consequências mais imediatas e consequências mais atrasadas. Situações como essas têm sido descritas a partir do paradigma de autocontrole de Rachlin (Rachlin, 1989; Rachlin & Green, 1972). Esse modelo foi desenvolvido inicialmente como uma tentativa de captar a noção básica de autocontrole de Skinner (2003) segundo a qual o autocontrole refere-se à relação entre uma resposta controladora e uma resposta controlada, de forma que respostas controladas são aquelas que levam a consequências conflituosas, reforçadoras e aversivas (Todorov & Hanna, 2002).

O modelo de comprometimento de Rachlin (Rachlin, 1970; Rachlin & Green, 1972) operacionalizou o conflito na relação entre atraso e magnitude, baseou-se na concepção de que autocontrole envolve escolha e que uma resposta que “obriga” o organismo a responder na alternativa mais reforçadora funcionaria analogamente à resposta controladora de Skinner. A partir disso, criou uma situação experimental na qual duas alternativas (A e B, por exemplo) estavam disponíveis inicialmente. A resposta à alternativa A alterava as condições ambientais, mas permitia o contato com uma nova oportunidade de escolha entre uma consequência mais imediata de menor magnitude e uma consequência mais atrasada, mas de maior magnitude. Por outro lado, o responder na alternativa B alterava as condições de tal forma que o organismo era colocado apenas na presença do componente que disponibilizava a consequência mais atrasada de maior magnitude, isto é, a alternativa de comprometimento. Com períodos de espera curtos, os organismos no experimento de Rachlin e Green (1972) respondiam na alternativa A e, na

segunda oportunidade, escolhiam o reforçador menor mais imediato. Contudo, à medida que as esperas para os dois reforçadores eram aumentadas em um mesmo tempo, os organismos passaram a escolher a alternativa de comprometimento.

Os dados obtidos por Rachlin e Green (1972) foram importantes no desenvolvimento dessa operacionalização de autocontrole. Para Rachlin, nesse contexto, autocontrole é a preferência pela alternativa maior mais atrasada e impulsividade é a preferência pela alternativa menor mais imediata. Considerando os efeitos do aumento dos atrasos das alternativas no aumento das respostas autocontroladas, uma linha de pesquisa passou a estudar as variáveis relacionadas à perda do valor de consequências atrasadas.

Desde 1991, pesquisadores têm desenvolvido e testado um modelo de avaliação de preferência em relação às consequências atrasadas e prováveis como meio de analisar autocontrole (Green & Myerson, 1995; Rachlin, Raineri & Cross, 1991), baseado nos estudos de Mazur (1987) com pombos. O modelo básico desenvolvido por Rachlin consiste da apresentação de alternativas de escolha sucessivas em que uma alternativa permanece com uma quantia maior e mais atrasada (ou menos provável) e a outra alternativa apresenta valores menores certos e imediatos. A mudança da preferência entre a quantia atrasada ou provável e a quantia imediata possibilita mensurarmos o valor subjetivo da quantia maior. Quando esse procedimento é aplicado com diferentes probabilidades/atrasos é possível se calcular a taxa de desconto (ou a intensidade com que uma quantia perde valor quando seu atraso é aumentado ou sua probabilidade diminuída). Indivíduos para os quais uma quantia perde valor rapidamente com o aumento do atraso tendem a aceitar valores baixos imediatos; indivíduos para os quais uma quantia perde valor mais devagar com o atraso, tende a esperar mais. Com isso, a preferência entre quantias certas/imediatas e quantias atrasadas/prováveis têm sido utilizadas como indicativos do nível de autocontrole/impulsividade (Coelho, Hanna & Todorov, 2003).

Outra técnica utilizada programa duas alternativas fixas que diferem quanto à magnitude e atraso ou probabilidade e tem como medida a preferência por uma alternativa no longo-prazo. Se a preferência for pela alternativa de maior atraso com mais ganhos, ela é descrita como autocontrolada. Se o indivíduo prefere a alternativa de menor atraso com menor ganho, descreve-se essa escolha como impulsiva (Cherek & cols, 1997).

Os dados produzidos nessa linha têm correlação entre impulsividade e comportamentos socialmente relevantes, como abuso de drogas, tabagismo e violência. Cherek et. al. (1997) submeteram indivíduos em liberdade condicional com e sem histórico de violência a atrasos fixos para consequências mais imediatas e atrasos variáveis para consequências maiores mais atrasadas. A medida utilizada foi a porcentagem de escolhas da alternativa com maior atraso e os dados mostraram maior porcentagem de escolhas por essa alternativa pelos participantes sem histórico de violência.

Considerando as relações entre agressividade e o uso de drogas, Allen et. al. (1998) investigaram a existência de relação entre impulsividade e histórico de uso de drogas ao comparar 32 usuários e 26 não usuários em um procedimento de escolha semelhante ao de Cherek e cols. O atraso médio com o qual os participantes usuários ficaram indiferentes à consequência menor mais imediata foi significativamente menor que dos não usuários. Ainda, Allen et. al. Obtiveram que as variações entre os atrasos de indiferença dos participantes com histórico de uso de drogas foram menores que as observadas para os não usuários.

Justificativa

Cherek et. al. (2007) mostraram a relação entre impulsividade e violência a partir do paradigma de autocontrole de Rachlin (1970) e, analogamente, Bell e Naugle (2005) sugerem que a relação de violência doméstica envolve, dentre outras variáveis, o conflito entre as

consequências imediatas de permanecer na relação e as consequências atrasadas de abandonar a relação, caracterizadas por maior magnitude. Apesar dos dados sugerirem uma relação entre a o histórico de violência e a preferência por recompensas mais imediatas ou mais garantidas ou perdas mais atrasadas ou menos prováveis, nenhum estudo investigou essas relações diretamente na comparação de casais com e sem histórico de violência doméstica. Mais especificamente, não há dados comparando essas relações entre impulsividade e violência doméstica na Análise do Comportamento.

Objetivos:

Geral:

Partindo dessas justificativas, esse estudo se propõe a avaliar o padrão de autocontrole do agressor e de mulheres agredidas, comparando-os com os padrões de homens e mulheres sem histórico de agressão.

Específicos:

- Verificar os padrões de escolha com perda de dinheiro e prisão atrasadas ou prováveis,
- Comparar respostas de escolhas entre homens agressores e mulheres agredidas;
- Comparar respostas de escolha entre homens e mulheres com e sem histórico de violência

Método

Participantes:

Os participantes do Estudo 3 foram os mesmos dos Estudos 1 e 2

Materiais

O experimento utilizou o software Alternativas 1.0, elaborado pelos pesquisadores Cristiano Coelho e Nicolau Chaud de Castro Quinta especialmente para essa pesquisa, com o objetivo de analisar atraso e probabilidade tanto em contexto de escolha monetária quanto em contexto de escolha envolvendo dias na prisão. A coleta de dados foi realizada em dois lugares: clínica de atendimento psicológico no CESUC (Centro de Ensino Superior de Catalão) e na Delegacia Especializada em atendimento à Mulher (DEAM).

Software:

Antes de apresentar as alternativas para o sujeito uma tela inicial de configuração, conforme Figura 49, deveria ser preenchida. A tela permitia registrar o nome do participante, idade, escolaridade, o nome do experimentador, fonte da instrução, bem como configurações da sessão, como intervalo entre tentativas, tempo de bloqueio de escolha, critério de mudança, enunciado de escolhas e sequencias da sessão.

Alternativas 1.0

ALTERNATIVAS 1.0

Cristiano Coelho
Nicolau Chaud de Castro Quinta
Laboratório de Análise Experimental do Comportamento
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Última versão: 03/04/2018

Dados do Participante

Nome ou identificação

Idade

Escolaridade ou curso

Experimentador

Fonte das instruções

Trebuchet MS, 16

Padrão

Mudar

Começar sessão

Configurações da Sessão

Intervalo entre tentativas

10 décimos de segundos

Tempo de bloqueio de escolha

5 décimos de segundos

Critério de mudança

2 respostas

Enunciado de escolhas

Você prefere

Sequências esta sessão

Sequências disponíveis

atrHS
atrH1mes
atrH6meses
atrMS
atrM1mes
atrM6meses
orobHS

Abrir...

Salvar...

Editor

Figura 49 – Tela de configuração do software.

Após o lançamento das informações e da escolha das sequencias, a coleta era iniciada com a instrução a ser seguida pelo participante, podendo variar de acordo com o sexo e o grupo em que o participante estava inserido.

Instruções:

Instruções para homens agressores e não agressores envolvendo tempo na prisão:

A instrução para os homens, independentemente de serem agressores ou não, envolvendo atraso ou probabilidade, tinha como objetivo explicar sobre a pesquisa ressaltando que a situação apresentada era hipotética e que após a leitura ao clicar na tela uma nova tela com duas situações iria aparecer e o participante deveria escolher entre uma delas.

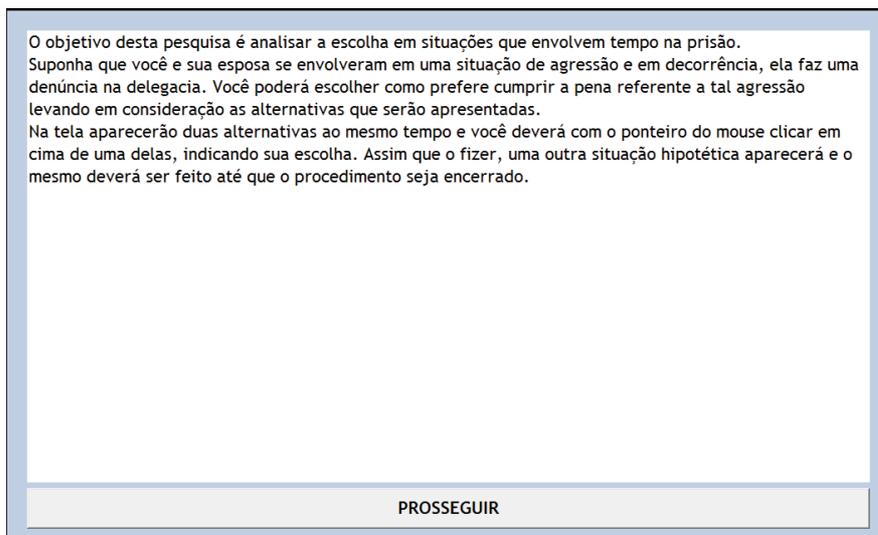


Figura 50 - . Instruções para homens agressores e não agressores envolvendo tempo na prisão- Software Alternativas 1.0.

Instruções para mulheres agredidas e não agredidas envolvendo tempo na prisão:

A instrução para as mulheres, independentemente de serem vítimas de violência ou não era a mesma, envolvendo atraso ou probabilidade, tinha como objetivo explicar sobre a pesquisa

ressaltando que a situação apresentada era hipotética e que após a leitura ao clicar na tela uma nova tela com duas situações iria aparecer e o participante deveria escolher entre uma delas.

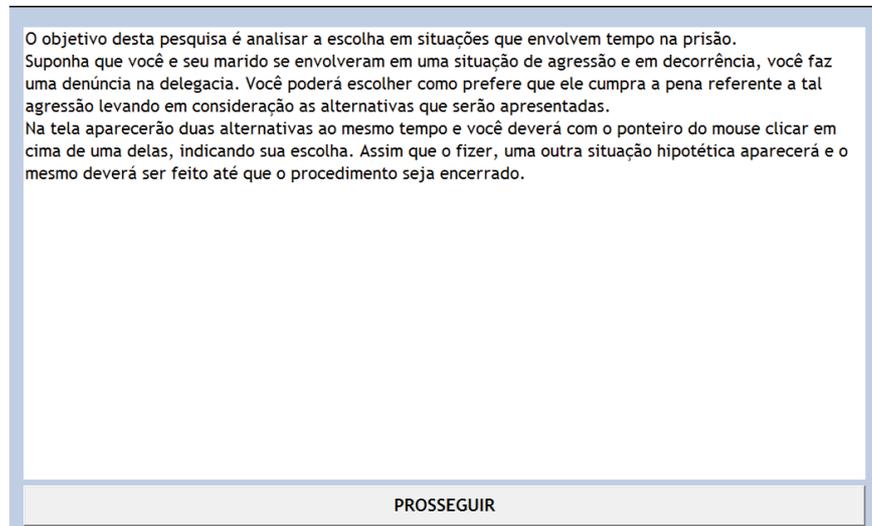


Figura 51 - Instruções para mulheres agredidas e não agredidas envolvendo tempo na prisão - Software Alternativas 1.0.

Instruções envolvendo para homens e mulheres envolvendo valor monetário:

A instrução envolvendo valor monetário foi a mesma para homens e mulheres, independente do grupo em que estavam inseridas, em situações envolvendo atraso ou probabilidade e tinha como objetivo explicar que a pesquisa envolvia situações com perda de dinheiro e o participante poderia escolher quando preferia perde-lo. Foi ressaltado que a situação apresentada era hipotética e que após a leitura ao clicar na tela uma nova tela com duas situações iria aparecer e o participante deveria escolher entre uma delas

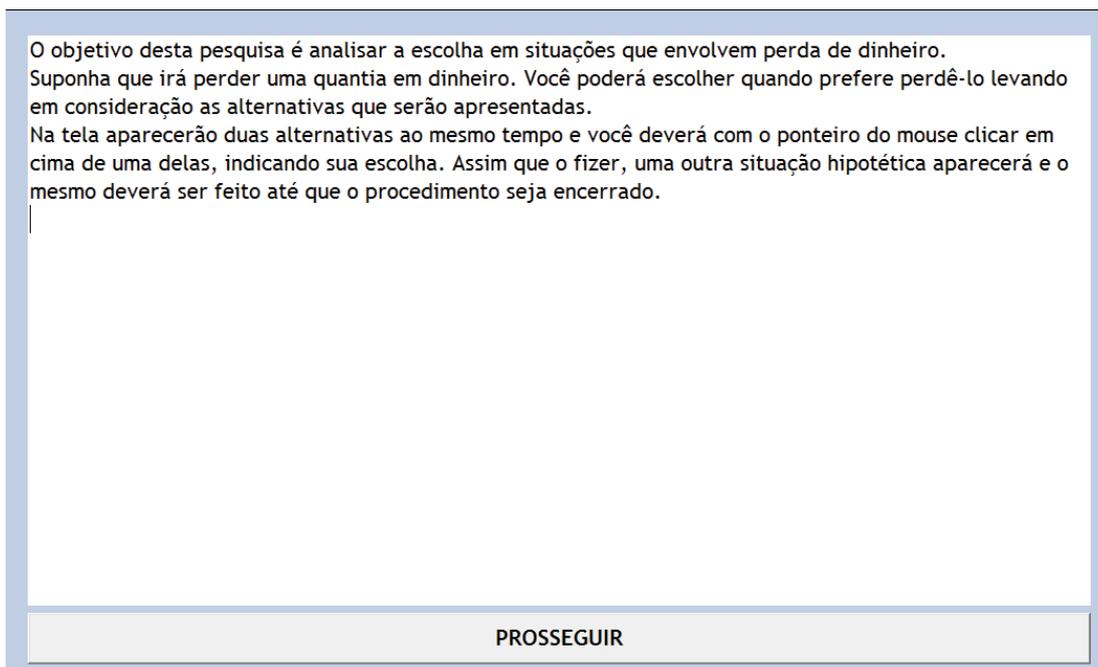


Figura 52 - Instruções para homens e mulheres envolvendo valores monetários- Software Alternativas 1.0.

Tela com alternativas apresentadas:

Assim que os participantes liam a instrução, clicavam na tela, dando início a escolha de uma das duas alternativas apresentadas, destacando que para cada sessão experimental seis opções, ou seja, seis telas eram dispostas para o indivíduo.

As apresentações envolviam tanto situações de escolha envolvendo atraso quanto situações envolvendo probabilidade e a ordem da sequência apresentada variava entre os grupos, visando garantir que todos os grupos tivessem sequências semelhantes entre os sujeitos da pesquisa.

A Figura 53 apresentada abaixo ilustra a tela com alternativas envolvendo atraso em valores monetários, enquanto a Figura 54 ilustra uma tela envolvendo probabilidade com tempo na prisão. As telas com valores monetários e dias da prisão eram semelhantes.

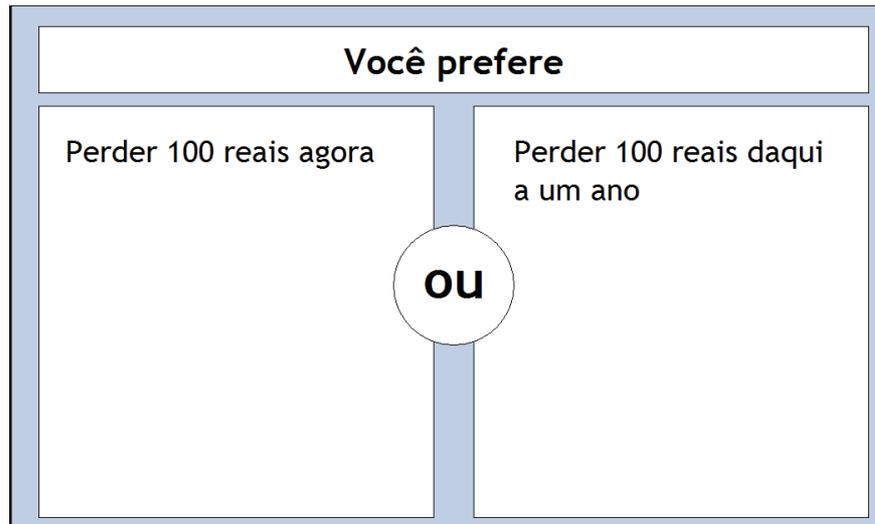


Figura 53 - Tela com escolha valor monetário- Software Alternativas 1.0.

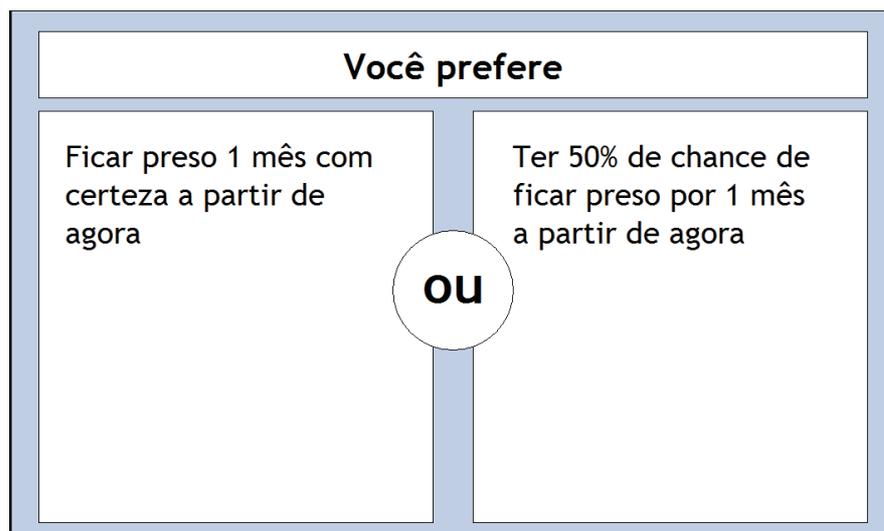


Figura 54 - Tela com tempo na prisão- Software Alternativas 1.0.

Assim que terminavam todas as situações experimentais escolhidas na primeira tela, uma última era apresentada informando para o sujeito que o estudo havia chegado ao fim e que o pesquisador deveria ser chamado, conforme Figura 55.

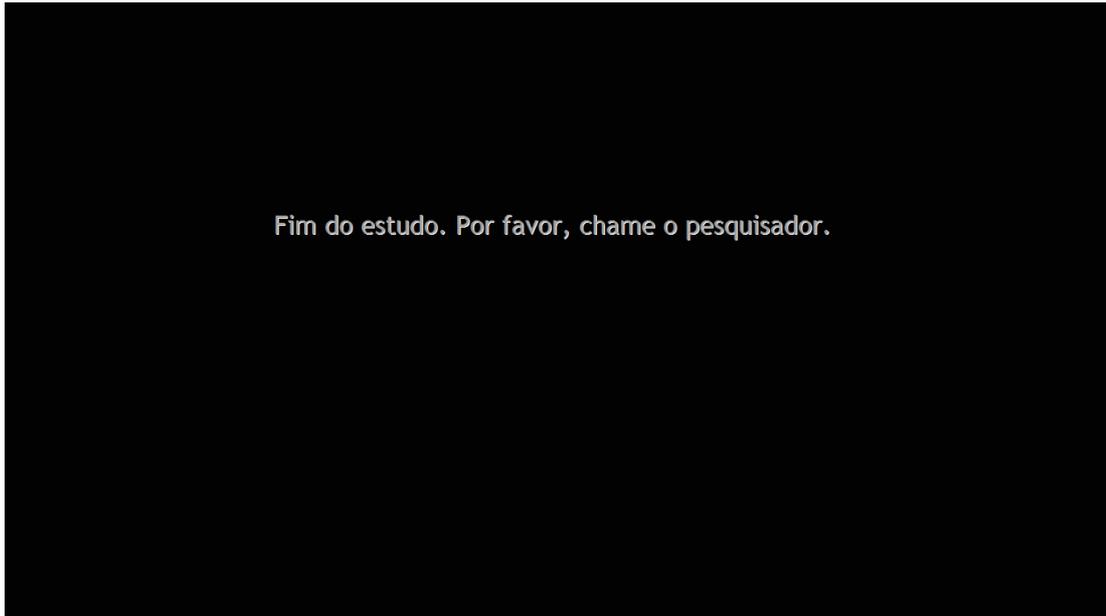


Figura 55 - Última tela do estudo- Software Alternativas 1.0.

2.2.2. Procedimento:

Os participantes tinha que realizar escolhas entre consequências aversivas certas e imediatas e consequências aversivas atrasadas ou prováveis. Duas condições ficaram em vigor: dias hipotéticos na prisão e perda hipotética de quantias de dinheiro.

Com tempo na prisão, nas escolhas com atraso havia um tempo fixo menor para prisão imediata e, em diferentes escolhas, tempos de prisão que eram aumentados. Com tempo na prisão e escolhas probabilísticas as alternativas apresentavam a certeza de ficar preso por um tempo fixo a partir de agora ou 50% de chance de ficar preso por períodos maiores, que eram aumentados a cada tentativa. Abaixo são especificadas as tarefas e as respectivas situações.

Procedimento para homens agressores e não agressores:

- *Situação 1:*

*Atraso envolvendo tempo na prisão:

Todos os homens passaram por situações de escolha envolvendo atraso. As situações hipotéticas envolviam ficar preso um mês ou seis meses, e o atraso variava entre um mês e dois anos e seis meses.

Ficar preso 1 mês a partir de agora	Ficar preso 1 mês daqui a um ano
Ficar preso 1 mês a partir de agora	Ficar preso 2 meses daqui a um ano
Ficar preso 1 mês a partir de agora	Ficar preso 3 meses daqui a um ano
Ficar preso 1 mês a partir de agora	Ficar preso 4 meses daqui a um ano
Ficar preso 1 mês a partir de agora	Ficar preso 5 meses daqui a um ano

Ficar preso 6 meses a partir de agora	Ficar preso 6 meses daqui a partir de agora
Ficar preso 6 meses a partir de agora	Ficar preso 1 ano daqui a um ano
Ficar preso 6 meses a partir de agora	Ficar preso 1 ano e 6 meses daqui a um ano
Ficar preso 6 meses a partir de agora	Ficar preso 2 anos daqui a um ano
Ficar preso 6 meses a partir de agora	Ficar preso 2 anos e 6 meses daqui a um ano

* Atraso envolvendo valor monetário:

As escolhas de atraso envolvendo valores monetários envolviam perdas de cem reais, na qual o tempo de atraso variava em um ano, enquanto os valores de perda giravam em torno de cem, duzentos, trezentos, quatrocentos e quinhentos reais.

Perder 100 reais agora	Perder 100 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 200 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 300 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 400 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 500 reais daqui a um ano

- Situação 2:

* Probabilidade envolvendo tempo na prisão:

Outra possibilidade de escolha envolveu tempo na prisão. O participante escolheu se preferia ficar preso em períodos de tempo que variavam entre um mês e seis meses, com probabilidade de 50%, envolvendo períodos entre um mês e dois anos e seis anos.

Ficar preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 1 mês a partir de agora
Ficar preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 2 meses a partir de agora
Ficar preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 3 meses a partir de agora
Ficar preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 4 meses a partir de agora
Ficar preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 5 meses a partir de agora

Ficar preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 6 meses a partir de agora
Ficar preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 1 ano a partir de agora
Ficar preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 1 ano e 6 meses a partir de agora
Ficar preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 2 anos a partir de agora
Ficar preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance de ficar preso por 2 anos e 6 meses a partir de agora

Probabilidade envolvendo valor monetário

A situação de escolha com probabilidade envolvendo valores monetários envolveu a perda de cem reais e 50% de chance de perder entre cem reais e quinhentos reais.

Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 100 reais a partir de agora
Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 200 reais a partir de agora
Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 300 reais a partir de agora

Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 400 reais a partir de agora
Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 500 reais a partir de agora

Procedimento para esposas agredidas e não agredidas:

- *Situação 1:*

*Atraso envolvendo tempo na prisão:

As esposas passaram por situações de escolha envolvendo atraso. As situações hipotéticas envolviam o marido ficar preso em períodos entre um mês e seis meses, com atrasos que variavam entre um mês e dois anos e seis meses.

Que seu marido fique preso 1 mês a partir de agora	Que seu marido fique preso 1 mês daqui a um ano
Que seu marido fique preso 1 mês a partir de agora	Que seu marido fique preso 2 meses daqui a um ano
Que seu marido fique preso 1 mês a partir de agora	Que seu marido fique preso 3 meses daqui a um ano
Que seu marido fique preso 1 mês a partir de agora	Que seu marido fique preso 4 meses daqui a um ano
Que seu marido fique preso 1 mês a partir de agora	Que seu marido fique preso 5 meses daqui a um ano

Que seu marido fique preso 6 meses a partir de agora	Que seu marido fique preso 6 meses daqui a um ano
Que seu marido fique preso 6 meses a partir de agora	Que seu marido fique preso 1 ano daqui a um ano
Que seu marido fique preso 6 meses a partir de agora	Que seu marido fique preso 1 ano e 6 meses daqui a um ano
Que seu marido fique preso 6 meses a partir de agora	Que seu marido fique preso 2 anos daqui a um ano
Que seu marido fique preso 6 meses a partir de agora	Que seu marido fique preso 2 anos e 6 meses daqui a um ano

Atraso envolvendo valor monetário:

As escolhas de atraso envolvendo valores monetários envolviam perdas de cem reais, na qual o tempo de atraso variava em um ano.

Perder 100 reais agora	Perder 100 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 200 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 300 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 400 reais daqui a um ano
Perder 100 reais agora	Perder 500 reais daqui a um ano

- *Situação 2:*

* Probabilidade envolvendo tempo na prisão:

Outra possibilidade de escolha envolveu tempo na prisão. A participante escolheu se preferia que o marido ficasse preso em períodos de tempo que variavam entre agora e seis meses, com probabilidade de 50%, envolvendo períodos entre um mês e dois anos e seis meses.

Que seu marido fique preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 1 mês a partir de agora
Que seu marido fique preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 2 meses a partir de agora
Que seu marido fique preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 3 meses a partir de agora
Que seu marido fique preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 4 meses a partir de agora
Que seu marido fique preso 1 mês com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 5 meses a partir de agora

Que seu marido fique preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 6 meses a partir de agora
Que seu marido fique preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 1 ano a partir de agora
Que seu marido fique preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 1 ano e 6 meses a partir de agora
Que seu marido fique preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 2 anos a partir de agora
Que seu marido fique preso por 6 meses com certeza a partir de agora	Ter 50% de chance dele ficar preso por 2 anos e 6 meses a partir de agora

Probabilidade envolvendo valor monetário

As escolhas de atraso envolvendo valores monetários envolviam perdas de cem reais, enquanto os valores de perda giravam em torno de cem, duzentos, trezentos, quatrocentos e quinhentos reais.

Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 100 reais a partir de agora
Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 200 reais a partir de agora
Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 300 reais a partir de agora
Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 400 reais a partir de agora
Perder 100 reais agora	Ter 50% de chance de perder 500 reais a partir de agora

Resultados

Para análise das escolhas tomou-se o valor em que mudasse da alternativa provável/atrasada para imediata/certa. No caso de preferência exclusiva pela certa imediata utilizou-se a média entre o menor valor ou tempo de prisão e zero. No caso de preferência exclusiva pela atrasada provável considerou-se a mudança no próximo valor ou tempo na prisão que seria apresentado conforme o aumento programado. As principais medidas derivadas dessa foram o tempo de prisão atrasado ou provável equivalente ao tempo de prisão imediato e certo, respectivamente. A utilização de duas durações visou avaliar os possíveis efeitos da magnitude do tempo da prisão.

A Figura 56 apresenta os tempos de prisão atrasados equivalentes a 1 mês e 6 meses de prisão imediata para todos os grupos. Os dados foram transformados em tempo relativo para

possibilita a comparação entre as duas durações. Observa-se que homens e mulheres sem histórico de violência e mulheres com histórico de violência estimaram tempos de prisão relativos semelhantes para a condição de 1 mês. Esse valor ficou abaixo do obtido para os homens com histórico de violência. Esses dados indicam uma preferência por um tempo de prisão mais imediato para os três primeiros grupos e uma preferência por um tempo maior de prisão atrasado para os homens com histórico de violência.

Para os 6 meses de prisão, os tempos relativos para as mulheres sem histórico e com histórico de violência ficaram abaixo de 1, o que significa uma preferência por um tempo menor que os 6 meses, mas com prisão imediata. Os dados dos homens dos dois grupos indicaram uma indiferença entre 6 meses de prisão imediatos e 6 meses de prisão em 1 ano. Comparando-se as duas durações de tempo na prisão, três grupos, mulheres sem histórico e com histórico e homens com histórico de violência apresentaram durações relativas menores com 6 meses que as apresentadas com 1 mês de prisão.

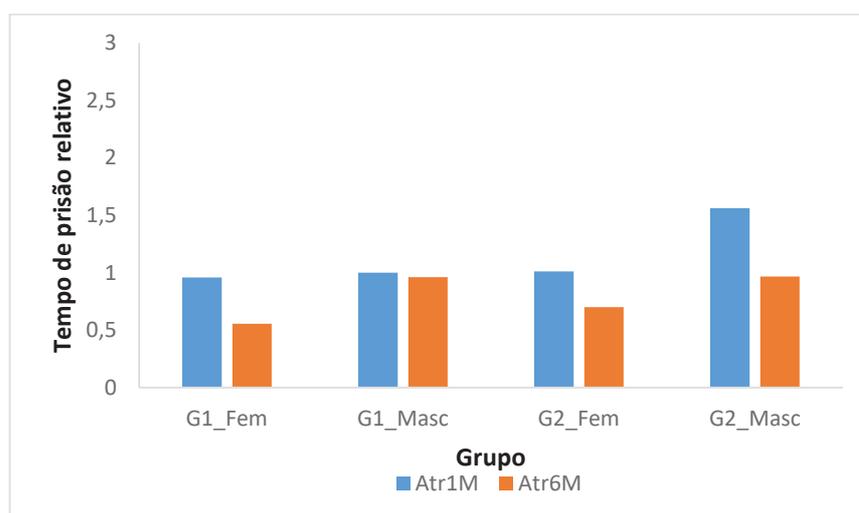


Figura 56 - Tempo equivalente de prisão relativo nas condições com atraso para prisão por 1 mês e 6 meses para os Grupos sem histórico (G1) e com histórico (G2) de violência.

A Figura 57 apresenta o mesmo dado da figura anterior para a situação com 50% de chance de ficar preso por 1 mês ou 6 meses a partir de agora. As participantes dos grupos sem histórico e com histórico de violência apresentaram tempos de prisão relativos para seus

esposos próximos ao tempo de prisão provável, tanto com 1 mês quanto com 6 meses de prisão. Os participantes dos grupos de Homens sem histórico e com histórico de violência indicaram, em média, um período de prisão de 2,21 meses e 2,67 meses na situação com 1 mês de prisão, respectivamente. Na situação com 6 meses com 50% de chance, os tempos médios foram de 1,31 meses para o grupo sem histórico e 2,22 vezes maior que os 6 meses com prisão certa, sugerindo uma preferência pela alternativa provável, nos dois casos. Comparando os grupos, as médias do tempo de prisão das participantes com e sem histórico foram menores que dos parceiros, com maiores diferenças entre as mulheres com histórico e os homens com histórico de violência.

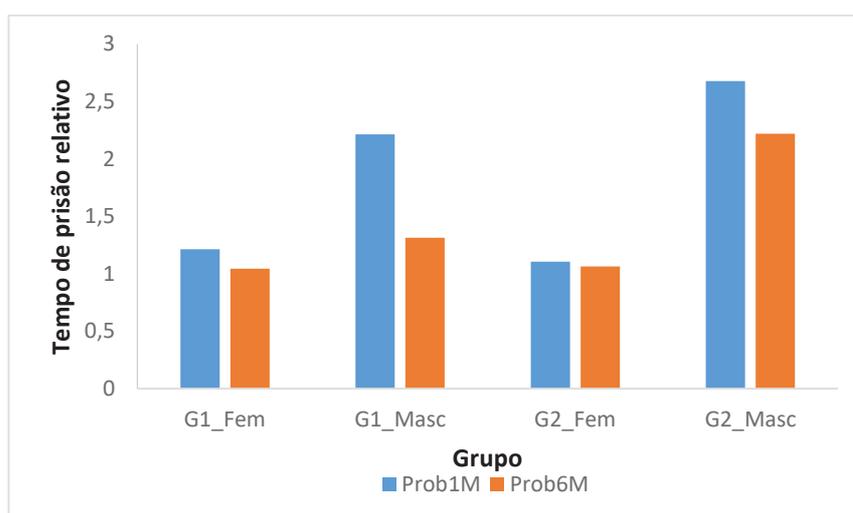


Figura 57 - Tempo equivalente de prisão relativo nas condições com probabilidade para prisão por 1 mês e 6 meses para os Grupos sem histórico (G1) e com histórico (G2) de violência.

Os dados das escolhas com perda de quantias de dinheiro são apresentados na Figura 58. Na parte superior encontram-se as médias dos valores dos R\$100,00 atrasados e na parte inferior as médias dessa quantia com probabilidade de perda. Com atraso, as médias ficaram acima de R\$100,00 para todos os grupos, variando de R\$122,86 para as mulheres sem histórico a R\$194,12 para homens com histórico de violência. Os grupos de homens sem histórico e mulheres com histórico apresentaram valores intermediários e semelhantes entre si. Na situação com probabilidade, as médias dos grupos mulheres sem histórico, homens sem histórico e

mulheres com histórico de violência aproximaram-se dos R\$200,00, que corresponde ao valor esperado da quantia de R\$100,00 a ser perdida com 50% de chance. Já a média do grupo com histórico de violência foi de R\$182,35, abaixo do valor esperado e que indica uma preferência pela alternativa de impulsividade.

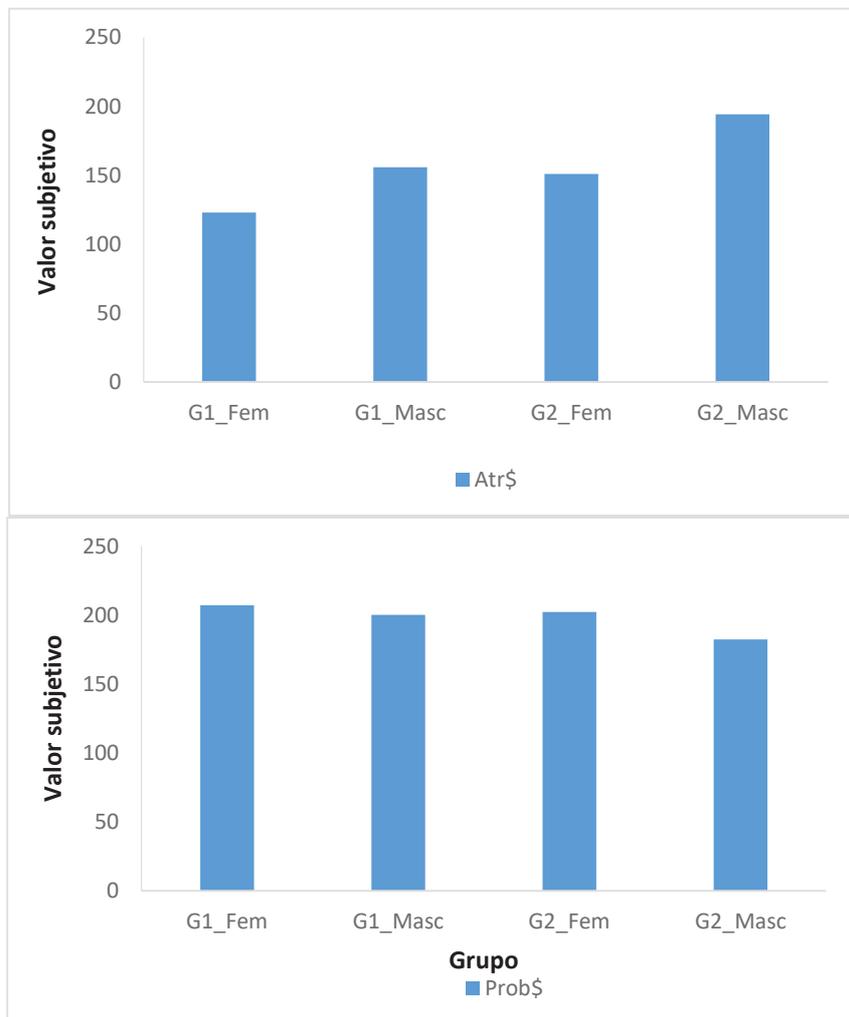


Figura 58 - Quantia equivalente aos R\$100,00 nas situações de atraso (Gráfico superior) e probabilidade (Gráfico inferior) para os Grupos sem histórico (G1) e com histórico (G2) de violência.

Os valores de equivalência relativos foram comparados a partir do Teste de Mann Whitney U para todos os grupos. Os valores de z e da probabilidade estão mostrados na Tabela 8. Diferenças significativas nos valores de equivalência foram observadas com tempo de prisão de 1 mês na situação de probabilidade entre homens e mulheres sem histórico de violência ($Z = 2,49$, $p = 0,006$) e entre homens com histórico de violência e mulheres com histórico de violência ($Z = -3,45$, $p = 0,000$). Para probabilidade com 6 meses de tempo de prisão foram encontradas diferenças significativas entre homens sem e com histórico de violência ($Z = -1,88$, $p = 0,030$) e entre homens e mulheres com histórico de violência ($Z = -2,28$, $p = 0,011$). Para as situações com atraso e com quantias de dinheiro os dados dos grupos não diferiram significativamente.

Tabela 8 – Valores de z e nível de significância das comparações dos valores de equivalência dos diferentes grupos. H – Homens; M – Mulheres; s – sem histórico de violência; c – com histórico de violência.

Comparações	Atr1M	Atr6M	Atr\$	Prob1M	Prob6M	Prob\$
Hs-Hc	0.72 (0.235)	-0.13 (0.452)	-1.34 (0.090)	-0.68 (0.248)	-1.88 (0.030)*	0.49 (0.312)
Ms-Mc	-0.52 (0.301)	-0.19 (0.424)	0.47 (0.319)	-1.46 (0.072)	-0.67 (0.251)	-0.87 (0.192)
Hs x Ms	0.14 (0.444)	1.25 (0.105)	0.29 (0.385)	2.49 (0.006)*	-0.40 (0.341)	-0.21 (0.417)
Hc x Mc	-1.27 (0.102)	-1.29 (0.098)	-1.41 (0.079)	-3.45 (0.000)*	-2.28 (0.011)*	0.11 (0.456)

Discussão

Os dados referentes às escolhas de tempo na prisão com atraso mostraram tempos na prisão menores para as participantes mulheres com e sem histórico de violência e para os homens sem histórico de violência, com tempos de prisão relativos ainda menores para as mulheres. Esse dado indica uma preferência por uma consequência mais imediata para si (no caso dos homens sem histórico) ou para o parceiro (no caso das mulheres com e sem histórico de violência). Por outro lado, os homens com histórico de violência apresentaram tempos médio de prisão maiores na situação de 1 mês, indicando que preferem uma prisão maior futura a uma prisão menor mais imediata. Apesar disso, os tempos relativos de prisão na situação de 6 meses

com atraso foram menores que as observadas com 1 mês para três grupos: mulheres com e sem histórico, e homens com histórico de violência, sugerindo um possível efeito da magnitude. Essa interpretação pode não ser plausível, visto dados de outros estudos. Quando uma situação de escolha envolve consequências reforçadoras, os indivíduos apresentam desconto em função do atraso ou da probabilidade. Esse efeito é diferencial quando se tem consequências de maior magnitude. Contudo em situações aversivas, como perda de dinheiro ou tempo na prisão (como no presente estudo, o efeito da magnitude não é observado (Ostaszewski & Bialaszek, 2010). Apesar disso, nas situações de probabilidade, dados semelhantes fortalecem a suposição acima, com tempos relativos na prisão maiores na situação de 1 mês, quando comparada à situação de 6 meses. No entanto, os tempos médios de prisão sugeridos pelas mulheres foram próximos, independente do contexto, mas próximo aos respectivos tempos mínimos, 1 mês e 6 meses. Para os homens dos dois grupos, o impacto de uma chance de 50% de ficar preso foi maior, principalmente para os com histórico de violência.

Tomando-se em conjunto esses dados, pode-se dizer que as mulheres foram mais avessas ao atraso e à probabilidade e os homens foram mais propensos a arriscar, mas não propensos a esperar. Esses dados podem ser interpretados ainda como diferenças nos controles das respostas das participantes e dos participantes. As questões apresentadas para as mulheres questionavam o tempo que o parceiro deveria ficar preso, supondo que elas foram agredidas. Já as questões apresentadas aos homens partiram da suposição de que ao agredirem as parceiras poderiam ficar preso (hoje ou daqui a um tempo, com atraso; hoje com certeza ou com uma probabilidade menor). Nesse sentido, as respostas das mulheres podem ser analisadas como reforçadas negativamente e, assim, a prisão mais imediata do agressor teria maior valor reforçador. Por outro lado, as respostas dos homens envolvem uma consequência aversiva para si mesmo, ou seja, pode ter função punitiva. Como o atraso impõe perda no valor dessa consequência, postergar a prisão é uma forma de minimizar essa aversividade, mesmo que

apenas imediatamente. Novos estudos podem investigar taxas de desconto expondo os participantes a escolhas com maior conjunto de variáveis, o que não foi desenvolvido no presente estudo em função de evitar a perda de participantes, considerando a população à qual pertencem.

Nas escolhas com dinheiro, a utilização de R\$100,00 visou basear em uma quantia que possivelmente fosse mais ecologicamente válida. Apesar de ter se baseado em dados demográficos oficiais, segundo os quais a maioria da população envolvida em violência doméstica pertence a classe média baixa, a maioria da amostra apresentou renda próxima a R\$2.000,00. Nessas escolhas, nas situações com atraso os homens com histórico de violência preferiram, em média, perder quantias maiores atrasadas que as mulheres com e sem histórico de violência. Esse dado corrobora a suposição de que eles foram mais propensos à espera, dado este compatível com uma maior impulsividade, conforme mostrado por Cherek et. al. (1997) e Allen et. al. (1998). Contudo, na situação de probabilidade com quantia de dinheiro o valor subjetivo médio do grupo de homens com histórico de violência ficou abaixo dos outros grupos.

Apesar da sistematicidade observada nas análises dos dados entre os grupos, com mulheres apresentando uma preferência pela prisão mais certas e imediatas em relação aos homens com histórico de violência, as diferenças foram significativas em quatro comparações, todas envolvendo probabilidade de ficar preso. Entre os homens, para a situação de 6 meses, entre as mulheres com 1 mês e entre os homens e mulheres com histórico de violência com 1 mês e 6 meses. Mais que uma característica do fenômeno, é possível que esse dado represente a variabilidade da amostra. Conforme Guerin e Ortolan (2017) e Bell e Naugle (2005), a violência doméstica é um fenômeno complexo e multidimensional. Ele afeta diferentes classes e envolve diferentes tipos de controle estabelecidos na relação. Mesmo que esses autores tenham proposto um conjunto de princípios operantes para a análise desse fenômeno, dentre eles a existência de conflito entre consequências atrasadas e imediatas, isso não significa que

esse conflito esteja presente em todas as situações. Porém, mesmo que esteja, é possível que as participantes do presente estudo não estejam sob controle dessas consequências. Um grupo foi composto por mulheres que, mesmo tendo apresentado denúncia, ainda não entraram em contato com as consequências atrasadas decorrentes do abandono da relação abusiva. Outro grupo foi composto por mulheres que não tiveram contato com as consequências aversivas imediatas de uma relação abusiva. De forma semelhante podemos estender essa apreciação para os grupos dos homens com e sem histórico. Para que se possa investigar essa possibilidade, os participantes poderiam ser submetidos a uma nova aplicação, que permitisse comparar não só os casais com histórico e sem histórico, mas entre os casais com histórico aqueles que permaneceram fora da relação e os que retornaram para a relação abusiva.

Em termos metodológicos, esse foi uma primeira tentativa de estabelecer essas relações e a utilização de um atraso básico e uma probabilidade podem limitar as análises acerca do efeito do atraso e da probabilidade sobre as escolhas de tempo na prisão e, conseqüentemente, sobre o desconto nessas situações. Estudos posteriores podem submeter indivíduos com histórico de violência a diferentes atrasos e probabilidades, possibilitando o acesso à variação de respostas sob controle dessas variáveis, inclusive para avaliar modelos matemáticos aplicados a essas variações. Adicionalmente, podem ser desenvolvidas medidas para que os participantes relacionem a gravidade da violência cometida ou recebida e o tempo ou a chance de que essa violência venha a ser conseqüenciada com prisão ou outras medidas.

Considerações Finais

Para o presente estudo, os materiais bibliográficos pesquisados e os materiais aplicados (questionários, Escala Tática de Conflitos e o experimento de escolha), ofereceram informações importantes acerca do fenômeno violência doméstica, entendendo que o mesmo provoca um grande impacto na sociedade como um todo.

No estudo 1, respostas diferentes dos homens e mulheres com histórico sobre a intensidade, o contexto social de ocorrência e do nível de reconhecimento da agressão corroboram as propostas de Myers (1995) e Bell e Naugle (2005) de que as variáveis de controle e, conseqüentemente, os padrões de respostas de homens e mulheres envolvidos na violência é diferente. Essa perspectiva pode ser ilustrada pela afirmação de Pierce e Cheney (2004) de que a ligação emocional da vítima pode passar a fazer parte do episódio agressivo que acaba por reforçar a agressão em um ciclo que envolve a evitação da agressão (imediate), mas a manutenção dessa agressão no longo-prazo.

Arendt (2009) aponta que a violência pode contemplar o uso de força, poder, envolvendo questões de comando e obediência, o que pode ser observado através de construções verbais, em que o homem busca mudar a maneira como a mulher pensa, conforme questões 5, 35, 49, 67, 29 e 69 da CTS2. Essa relação pode ser vista como um controle por regras (Bell e Naugle, 2005; Guerin & Ortolan, 2017) que podem ser obedecidas não por propiciar que a mulher entre em contato com contingências naturalmente reforçadoras, mas sim pelos efeitos sobre o comportamento do agressor.

É importante ressaltar, como apontado por Gomes e Costa (2014), o nível em que os participantes de sua pesquisa apresentaram uma baixa identificação com expressões comumente relacionadas ou que referendam socialmente aspectos relacionados à violência

doméstica, mas que, ao mesmo tempo, relataram uma alta porcentagem de conhecimento de pessoas que concordam com essas afirmações.

Além do uso das construções verbais, outros pontos podem ser identificados como facilitadores do comportamento violento, como alcoolismo, desemprego, pobreza, acesso a arma de fogo (Herman, 2000) e no questionário aplicado uma das perguntas avaliou facilitadores como ciúme, álcool, traição e drogas e as mulheres indicaram que o principal responsável pela agressão foi os ciúmes com 71,88% das marcações seguindo por álcool com 40,62% das respostas. Esses dados concordam com a literatura sobre relações entre violência doméstica, ciúme e uso de substâncias (Lacerda & Costa, 2013) e da relação entre a própria violência, impulsividade e o uso de drogas (Allen, et. al. 1998; Cherek et. al., 1997).

Outro ponto avaliado contemplou os tipos de violência vivenciados no namoro: psicológico, físico e sexual, e a maioria dos participantes ponderaram que a violência psicológica era a mais presente, seguida pela física e sexual (Figura 23), o que foi evidenciado ao serem questionados sobre o impacto da violência causado a vítima (Tabela 5) (Senado, 2018). Apesar disso, o relato do nível de violência física sofrida pelas mulheres foi maior que o relato da violência praticada pelos homens. Esses dados concordam com as informações obtidas no CTS, nas quais os homens com histórico de violência afirmaram alta frequência de táticas de negociação praticada, semelhante aos demais grupos. Já as mulheres com histórico indicam uso prioritário da negociação e, mesmo assim, é exposta a alto nível de táticas violentas.

A violência psicológica pode ser contemplada através da coerção, ou seja, impondo opiniões, gerando conflitos, abalando crenças, levando a conhecimento inadequado por parte de si, podendo gerar consequências aversivas naturais. A Figura 11, apresenta dados importantes sobre quais características o indivíduo reconhece em si, sendo que uma das

afirmativas era “necessidade de apoderar-se do outro”, com 27,78% das respostas masculinas e 40% das mulheres (Caballo, 1999; Kashani & Allan, 1998, Skinner, 2003; Sidman, 2009).

Mesmo diante de situações de violência, as mulheres relataram dificuldade em sair do relacionamento, sendo que o medo do agressor ficar mais violento apresentou maior médias das alternativas para permanência das mulheres no relacionamento, o que pode vir como consequência da ausência de repertórios comportamentais das mulheres agredidas (Caballo, 1999). Esse relato é compatível com os dados do Estudo 3, nos quais as mulheres apresentaram uma preferência pela prisão certa e imediata, o que pode funcionar para elas como uma forma de auxílio para a cessação do contato com o agressor e a exposição à violência. Essa cessação acaba se tornando mais difícil, visto a intermitência da agressão, que segundo as participantes se concentra nos finais de semana, lembrando que a intermitência das consequências fortalece os comportamentos (Moreira & Medeiros, 2007).

Outro ponto que pode influenciar na violência foi apontado por Pollak (2004); Carrasco (2003) e Narvaz (2005), que julgaram que os diversos tipos de violência podem estar relacionados a repertórios violentos, possibilitando maior ajuste a violência, o que pode ser transmitido de uma geração para outra. A Figura 15, apresenta que aproximadamente 33% das pessoas pesquisadas relataram que existia violência conjugal entre pais ou cuidadores.

Reproduzir comportamentos familiares demonstram o quando padrões são reproduzidos e podem ser devastadores em contextos sociais como: extensão de comportamentos abusivos, uso de violência, estratégias desadaptativas, controle dos homens em relação as mulheres (Guerin & Ortolan, 2017).

Diante dos dados encontrados entende-se que discussões acerca dos movimentos sociais, especificamente os movimentos feministas podem e devem promover mudanças no

universo feminino. As mulheres juntas podem trabalhar juntas a fim de moldar seus comportamentos independente dos homens.

Em resumo, com relação aos objetivos do presente trabalho, o Estudo 1 mostrou que apesar de vivenciarem o mesmo contexto de violência doméstica, homens e mulheres com esse histórico estão sob controle de diferentes variáveis, o que implica avaliações diferentes dos níveis, frequência e da efetiva ocorrência de violência doméstica. Mais especificamente, os homens minimizam as consequências de suas ações sobre a parceira. O Estudo 2, a partir de uma escala validada, a CTS2, referenda que existe uma relação explícita entre as táticas de conflitos, com alto nível de violência praticada pelos homens e recebida pelas mulheres. Quanto a esses dados especificamente, os homens identificam a prática de táticas que envolvem violência psicológica, mas minimizam a violência física, corroborando os dados do Estudo 1. No estudo 3, as diferenças entre a avaliação dos homens e mulheres sobre as consequências derivadas de uma violência doméstica foram mais claras em condições que envolveram probabilidade de ficar preso, o que sugere a necessidade de maior investigação para prover dados que venham a contribuir com políticas públicas voltadas para esse fenômeno de supra relevância social.

Referências

- Adeodato V. G, Carvalho R. R, Siqueira V. R, Souza F. G. M. (2005) Qualidade de vida e depressão em mulheres vítimas de seus parceiros. *Rev Saude Pública*, 39 (1), 108-13.
- Alexandra, C.; Figueiredo, B. (2006). Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisada”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática*, 8 (2), 14-39.
- Allen, T. J., Moeller, F. G., Rhoades, H. M., & Cherek, D. R. (1998). Impulsivity and history of drug dependence. *Drug and alcohol dependence*, 50, 137-145.
- Andery, M. A.; Sério, T. M. A. P. (1997). A violência urbana: aplica-se a análise da coerção? In R.A. Banaco (Orgs), *Sobre comportamento e cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitiva* (pp. 435-446). São Paulo: Arbytes.
- Arend, H. (2009). *Sobre violência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Associação Americana de Psiquiatria. (2013). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5 ed.). Arlington, VA.: American Psychiatric Publishing.
- Bandura, A., Ross, D.; Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *Journal of Abnormal & Social Psychology*, 63(3):575-82.
- Barus- Michel, J. (2011). A violência complexa, paradoxal e multívoca. In: M. Souza, F. Martins & J. N. G. Araújo (Ed), *Dimensões da violência: conhecimento, subjetividade e sofrimento psíquico* (p. 19-34). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bell, K. M., & Naugle, A. E. (2005). Understanding stay/leave decisions in violent relationships: A behavior analytic approach. *Behavior and Social Issues*, 14, 21-45.

- Benetti, S. P. C. (2006). Conflito conjugal: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (2), 261-268.
- Bhona, F. M. C.; Gebara, C. F. P.; Noto, A. R.; Vieira, M. T. V.; Lourenço, L. M. (2014). Inter-relações da violência no sistema familiar: estudo domiciliar em um bairro de baixa renda. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27 (3), 591-598.
- Brasil. Lei 11.340 (Maria da Penha), de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm>.
- Caballo, V. E. (1999). *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo: Santos.
- Carmo e Moura (2010). *Violência doméstica: a difícil decisão de romper ou não com esse ciclo. Fazendo gênero, diásporas, diversidades, deslocamentos*. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Carrasco, C. (2003). A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres. In N. Faria & M. Nobre. *A produção do viver: economia feminista*, (Cadernos Sempre Viva, 8, Série Gênero, Políticas Públicas e Cidadania). São Paulo: SOF. (pp. 11-49).
- Cepia/ Cedim (2008). *Violência contra a mulher: um guia de defesa, orientação e apoio*. <https://www.nexojournal.com.br/grafico/2017/09/22/Adistribui%C3%A7%C3%A3o-de-delegacias-da-mulher-pelo-Brasil>.
- Convenção Interamericana para Prevenir, punir e Erradicar a Violência contra a Mulher violência contra a Mulher (1994). *Convenção de Belém do Pará - 1994*. Disponível em:

http://www.mulheres.ba.gov.br/arquivos/File/Legislacao/4_ConvencaoDeBelemDoPara1994.pdf

Costa, N., & Barros, R. D. S. (2010). Ciúme: Uma interpretação analítico-comportamental. *acta comportamentalia*, 18, 135-149.

Ferreira, A. B. H. (2004). *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo.

Gomes, H. C. D. R., & Costa, N. (2014). Violência contra a mulher: uma pesquisa empírica sobre regras descritivas comuns na sociedade ocidental. *Acta Comportamentalia*, 22, 89-100.

González C., & Valle A. (1998). Características afectivo-motivacionales de los estudiantes con dificultades de aprendizaje. In V. S. Bermejo & J. A. & B. Llera (Orgs.), *Dificultades de aprendizaje* (pp. 261-278). Espanha: Sínteses.

Guerin, B. & Ortolan, M. (2017). Analyzing domestic violence Behaviors in their contexts: Violence as a Continuation of social strategies by other means. *Behavior and Social Issues*, 26, 5- 26.

Hanna, E. S.; Todorov, J. C. (2002). Modelos de autocontrole na Análise Experimental do Comportamento: utilidade e crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18, 337-343.

Hermann, L. (2000) *Violência Doméstica: a dor que a lei esqueceu*. Comentário a Lei nº 9099/95. Campinas: CEL-LEX.

Holtzworth- Munroe, A.; Stuart, G. L. (1994). Typologies of male batterers: three subtypes and the difference among them. *Psychological Bulletin*, 116, 476-507.

Kashani, J. H.; Allan, W. D. (1998). *The impact of family violence on children and adolescents*. Thousand Oaks, Ca: Sage.

- Lacerda, L., & Costa, N. (2013). Relação entre comportamentos emocionais ciumentos e violência contra a mulher. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 15, 21-36.
- Logue, A. W. (1988). Research on self-control: An integrating framework. *Behavioral and Brain Sciences*, 11, 665-679.
- McGoldrick, M. (1995). A união das famílias através do casamento: o novo casal. In A. Médicas (Ed.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 184-205). Porto Alegre.
- Minayo, M. C. S. (2003). A violência dramatiza causas. In: M. C. S. Minayo & E. Souza. (Org.) *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. p. 23-47.
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Myers, D. L. (1995). Eliminating the battering of women by men: Some considerations for behavior analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 28, 493-507.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2009). *Olhares sobre a conjugalidade*. Lisboa: Coisas de Ler.
- Narvaz, M. (2005). *Submissão e resistência: explodindo o discurso patriarcal da dominação feminina*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- OMS (Organização Mundial da Saúde) (2002). Oficina regional para las Américas. *Informe mundial sobre la violencia y la salud*. Washington.
- ONU (Organização das Nações Unidas). (1992) *Conselho social e econômico. Relatório do trabalho de grupo na violência contra a mulher*. Viena: Nações Unidas.

- Otero, V. R. L., & Guerrelhas, F. (2003). Saber falar e saber ouvir: A comunicação entre casais. Em F. C. Conte & M. Z. S. Brandão (Orgs.), *Falo ou não falo?* (pp. 71-84). Arapongas, PR: Mecenas.
- Patterson, G.; Reid, J. e Dishion, T. (2002). *Anti-social Boys: comportamento anti-social*. Santo André: ESETEC Ed. Associados.
- Paulino, M.; Rodrigues, M. (2016). *Violência doméstica. Identificar- Avaliar- Intervir*. Estoril: Prime Books.
- Pereira, D. C. S.; Camargo, V. S.; Aoyama, P. C. N. (2018). Análise funcional da permanência das mulheres nos relacionamentos abusivos: um estudo prático. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 20, 9-25.
- Pierce, W., & Cheney, D. (2004). *Behavior Analysis and Learning*. New Jersey: Laurence Erlbaum Associates.
- Piva, A.; Severo, A., Dariano, J. (2007). Poder e violência- Formas de subjetivação e desubjetivação. *Contemporânea- Psicanálise e Transdisciplinaridade*, 2, 63-77.
- Pollak R. A. (2004). An intergenerational modelo f domestic violence. *Journal of Population Economics*, 17 (2), 311-329.
- Rachlin, H. & Green, L. (1972). Commitment, choice and self-control. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 17 (1), 15-22.
- Rachlin, H. (1970). *Modern behaviorism*. San Francisco: Freeman.
- Rachlin, H. (2004). The behavioral economics of violence. *Annals of the New York Academy of Science*, 1036, 325-335.

- Saffioti, H. (1999). Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva- Revista da Fundação Seade*. 13 (4), 82-91.
- Senado (2018). *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil* [recurso eletrônico]: indicadores nacionais e estaduais. – N. 1 – . Brasília : Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2018-.
<http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações*. (M. A. Andery, & T. M. Sérgio, Trans.) Campinas, SP: Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (1971). *Beyond freedom and dignity*. New York, NY, US.
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise do comportamento*. São Paulo: Papirus.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento humano*. São Paulo: Martins.
- Soares, B. M. (2005). *Enfrentando a violência contra a mulher*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres.
- Straus, M. A. (1979). Measuring intrafamily conflict and violence: the conflict tactics scales. *Journal of Marriage and the Family*, 41, p. 75-88.
- Walker, L.E. (1984). *The battered woman syndrome*. New York: Springer Publishing Co.
- Watson, J. B. (1913/2008). Clássico traduzido: a psicologia como o behaviorista a vê. *Temas em psicologia*, 16, 289-301.

Werlang, B. S. G.; Sá, S. D.; Borges, V. R. (2009). Violência Doméstica contra a mulher e a Lei Maria da Penha. In: S. L. R. Rovinski; R. M. Cruz (Orgs). *Psicologia Jurídica. Perspectivas teóricas e processos de intervenção*. (p.107-116). São Paulo: Vetor Editora.

Anexos

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título “Comportamento de escolha e autocontrole em casais com e sem histórico de violência”

Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias e em todas as páginas, sendo que a primeira via de guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa e a segunda via ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma.

Informações sobre a pesquisa

Pesquisadora responsável – Ms. Renata Limongi França Coelho Silva, doutoranda em Psicologia no Programa de Graduação em Psicologia *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Pesquisador orientador - Dr. Cristiano Coelho, professor no Programa de Pós-Graduação em Psicologia *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Contatos – Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, telefone: (62) 3946-1512, ou diretamente com a pesquisadora responsável Renata Limongi França Coelho Silva ou com o orientador da pesquisa Professor Dr. Cristiano Coelho, nos telefones: (64) 98146-6648 / (62) 39461116, ou por meio do e-mail renatalimongi@yahoo.com.br ou cristicoelho@gmail.com

Justificativa – Visando identificar a relação entre auto- controle e violência, será realizado um estudo com casais. Para a pesquisa será aplicado um questionário para levantamento de dados sócio demográficos, a Escala Tática de Conflitos Revisada e software a ser desenvolvido para essa pesquisa. Os resultados pretendem identificar qual a relação da violência com autocontrole.

Objetivos - O presente projeto objetiva comparar casais envolvidos em agressão e casais sem histórico de agressão na respostas a escalas sobre agressividade e sobre o desconto de recompensas atrasadas, prováveis e tempo na prisão.

Sessões experimentais da pesquisa – O experimento consistirá em analisar atraso e probabilidade tanto em contexto escolha monetária quanto em contexto escolha dias na prisão. Ao início do experimento será apresentada uma instrução sobre o tipo de tarefa a ser desenvolvida.

Sigilo - Todos os dados coletados nesta pesquisa ficarão sob a guarda da pesquisadora responsável, por um período de 5 anos após o encerramento do estudo. Os dados coletados só

serão divulgados, com a garantia do anonimato, para propósitos de divulgação/publicação científica. Sua identidade será mantida em absoluto sigilo.

Desistência - Você terá o direito, sem nenhuma penalidade, de encerrar sua participação a qualquer momento do estudo, bastando fechar o formulário antes do envio.

Benefícios - Alguns benefícios poderão ser observados na pesquisa: momento de escuta para agressores e agredidas e demais casais, identificação de situações que demandam intervenção efetiva independente de risco ou desconforto na pesquisa, auxílio na produção de dados que poderão contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para a violência, identificação de variáveis que controlam a violência.

Riscos/ Assistência - Apesar de todos os procedimentos indicarem que a pesquisa tem caráter acadêmico e que todas as informações serão sigilosamente tratadas, há risco de desconforto emocional em virtude de tomar consciência dos prejuízos advindos de relacionamentos envolvidos na violência doméstica, o que pode indicar a necessidade de tratamento. Para tanto, os participantes serão encaminhados a Clínica-Escola da Faculdade CESUC, onde receberão atendimento gratuito.

Encerramento - Após o encerramento da pesquisa, os resultados serão divulgados e, caso tenha interesse, poderão ser encaminhados a você.

Custos/ Ressarcimento – Você não terá nenhuma despesa em relação a esta pesquisa, e também não terá contribuições financeiras ao participar deste estudo, contudo, caso tenha gastos decorrente de sua participação, você tem a garantia que seus gastos serão ressarcidos.

Indenização - Mesmo com todos os cuidados éticos da pesquisa, se você se sentir lesado (a) terá o direito de recorrer à justiça para pedir ressarcimento por eventuais danos diretamente relacionados a sua participação.

Caso tenha alguma dúvida, fique à vontade para entrar em contato conosco por e-mail ou por telefone. Caso concorde e não tenha dúvida com relação às implicações de sua participação na pesquisa, por favor, assine a seguinte declaração.

Desde já agradecemos sua disponibilidade.

DECLARAÇÃO

Eu _____, abaixo assinado, discuti com o Prof.^a Ms. Renata Limongi França Coelho Silva, a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu

Anexo 2

Levantamento de Dados (Geral)

1. Nome: _____

2. Grupo: _____

3. Data: _____

4. Cor:

amarela

negro

branco

pardo

mestiço

5. Situação ocupacional:

desempregada

domestica

trabalhador

estudante

incapacidade temporária

independente

inválida

outra

6. Atividade profissional:

sem profissão

estudante

trabalhador com carteira assinada

trabalhador sem carteira assinada

técnico superior e profissional liberal

cargos de liderança

7. Estado civil atual

- solteira
- união estável
- casada
- separada, mas ainda legalmente casada
- divorciada/ separada
- viúva

8. Assinale sua opção religiosa atualmente:

- Católico não praticante
- Católico praticante
- Judaica
- Mulçumana
- Ortodoxa
- Protestante
- Espírita
- Sem religião
- Outra

9. Renda familiar

- até um salário mínimo
- um salário mínimo
- um salário mínimo e meio
- mais de dois salários mínimos

Anexo 3

Escala Tática de Conflitos (CTS2)

Não importa o quanto um casal está bem, há momentos em que eles discordam, ficar irritado com a outra pessoa, querer coisas diferentes do outro, ou apenas ter brigas ou lutas porque eles estão de mau humor, estão cansados, ou por algum outro motivo. Os casais também têm muitas maneiras de tentar resolver suas diferenças. Esta é uma lista de coisas que podem acontecer quando há discordância. Por favor, circule quantas vezes você fez cada uma dessas coisas no ano passado, e quantas vezes seu parceiro fez no último ano. Se você ou seu parceiro não fizeram uma dessas coisas no ano passado, mas aconteceu antes disso, circule 7.

Qual a frequência em que isso aconteceu?

1. Uma vez no ano passado
2. Duas vezes no ano passado
3. 3-5 vezes no ano passado
4. 6-10 vezes no ano passado
5. 1-20 vezes no ano passado
6. Mais de 20 vezes no ano passado
7. Não aconteceu no ano passado mas aconteceu antes
0. Isso nunca aconteceu

1. Eu mostrei ao meu parceiro que eu me importava, mesmo que discordássemos.	1	2	3	4	5	6	7	0
2. Meu parceiro demonstrou cuidado comigo mesmo que discordássemos.	1	2	3	4	5	6	7	0
3. Eu expliquei meu lado de desacordo para eu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
4. Meu parceiro explicou seu lado de desacordo pra comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
5. Eu insultei ou jurei meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
6. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
7. Eu joguei algo em meu parceiro que poderia cortar.	1	2	3	4	5	6	7	0
8. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
9. Eu torci o braço ou o cabelo do meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
10. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0

11. Eu tive dor, hematoma, ou pequeno corte por causa de uma briga com o parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
12. Meu parceiro teve dor, hematoma, ou pequeno corte por causa de uma briga comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
13. Eu mostrei respeito pelos sentimentos do meu parceiro sobre um problema.	1	2	3	4	5	6	7	0
14. Meu parceiro mostrou respeito pelos meus sentimentos sobre um problema.	1	2	3	4	5	6	7	0
15. Eu fiz meu parceiro fazer sexo sem preservativo.	1	2	3	4	5	6	7	0
16. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
17. Eu empurrei meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
18. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
19. Eu usei força (como bater, segurar, ou usar uma arma) para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal.	1	2	3	4	5	6	7	0
20. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
21. Eu usei uma faca ou uma arma no meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
22. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
23. Eu desmaiei ao ser atingido na cabeça por meu parceiro em uma luta.	1	2	3	4	5	6	7	0
24. Meu parceiro desmaiou ao ser atingido na cabeça por mim em uma luta.	1	2	3	4	5	6	7	0
25. Eu chamei meu parceiro de gordo e feio.	1	2	3	4	5	6	7	0
26. Meu parceiro me chamou de gorda e feia.	1	2	3	4	5	6	7	0
27. Eu soquei ou bati em meu parceiro com alguma coisa que pode cortar.	1	2	3	4	5	6	7	0
28. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
29. Eu destruí algo que pertence ao meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
30. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
31. Eu fui ao médico por causa de uma briga com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
32. Meu parceiro foi ao médico por causa de uma briga comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
33. Eu enforquei meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
34. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
35. Eu gritei com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
36. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
37. Eu bati meu parceiro contra a parede.	1	2	3	4	5	6	7	0
38. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
39. Eu disse que eu tinha certeza de que poderíamos resolver um problema.	1	2	3	4	5	6	7	0
40. Meu parceiro estava certo de que poderíamos resolver um problema.	1	2	3	4	5	6	7	0
41. Eu precisava ver um médico por causa de uma briga com meu parceiro, mas não fui.	1	2	3	4	5	6	7	0
42. Meu parceiro precisava ver um médico por causa de uma briga comigo, mas não foi.	1	2	3	4	5	6	7	0
43. Eu bati no meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
44. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0

45. Eu peguei meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
46. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
47. Eu usei a força (como bater, segurar, ou usar uma arma) para fazer meu parceiro ter relações sexuais.	1	2	3	4	5	6	7	0
48. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
49. Eu pisei para fora da sala ou casa ou quintal durante um desacordo.	1	2	3	4	5	6	7	0
50. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
51. Eu insisti em sexo quando meu parceiro não queria (mas não usava força física)	1	2	3	4	5	6	7	0
52. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
53. Eu bati no meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
54. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
55. Eu tive um osso quebrado de uma luta com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
56. Meu parceiro teve um osso quebrado de uma luta comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
57. Eu usei ameaças para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal.	1	2	3	4	5	6	7	0
58. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
59. Eu sugeri um acordo.	1	2	3	4	5	6	7	0
60. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
61. Eu queimei ou escalei meu parceiro de propósito.	1	2	3	4	5	6	7	0
62. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
63. Eu insisti para fazer meu parceiro fazer sexo oral ou anal (mas não usei força física).	1	2	3	4	5	6	7	0
64. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
65. Eu acusei o meu parceiro de ser um péssimo amante.	1	2	3	4	5	6	7	0
66. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
67. Eu fiz algo para desprezar o meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
68. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
69. Eu ameacei bater ou jogar algo no meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
70. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
71. Eu senti uma dor física que continuou doendo no outro dia por causa de uma briga com meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
72. Meu parceiro continuou sentindo uma dor física no dia seguinte devido a briga que tivemos.	1	2	3	4	5	6	7	0
73. Eu chutei meu parceiro.	1	2	3	4	5	6	7	0
74. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
75. Eu usei ameaças para fazer sexo com meu parceiro	1	2	3	4	5	6	7	0
76. Meu parceiro fez isso comigo.	1	2	3	4	5	6	7	0
77. Eu concordei em tentar uma solução para o desacordo que meu parceiro sugeriu.	1	2	3	4	5	6	7	0
78. Meu parceiro tentou a solução que eu sugeri.	1	2	3	4	5	6	7	0

Anexo 4

Questionário para homens

Muito obrigada por dedicar o seu tempo a este questionário. A informação colhida é anônima e confidencial. Para a maioria das perguntas deste questionário basta assinalar um x na opção. Leia com atenção cada uma das perguntas e instruções. Caso tenha alguma dúvida não hesite em perguntar.

1. Assinale com um X sua escolaridade:
 - Nenhuma
 - Ensino fundamental (1º ano ao 9º ano)
 - Ensino Médio
 - Ensino Superior
 - Mestrado
 - Doutorado
 - Outros

2. Das seguintes frases coloque um X em todas aquelas que reconhece em si:
 - Confiança ao tomar decisões
 - Dificuldade de ficar com as responsabilidades que é do outro na maior parte de sua vida
 - Necessidade de apoderar-se do outro a ponto de colocar este em situações desagradáveis e inibidoras.
 - Extrema confiança com relação a si próprio
 - Dificuldade em atender á trabalhos de apoio e voluntariados
 - Sentimentos de autoconfiança diante de um individuo incapaz de se auto defender.

3. De acordo com o seu conhecimento, você considera que a legislação é adequada para punir o agressor?
 - Sim
 - Não

4. Caso tenha agredido alguém, na primeira agressão (física, psicológica ou sexualmente) sentiu que estava violentando essa pessoa?
 - Sim
 - Não

5. Indique quantas parceiras (namorada, companheira e esposa) você agrediu (físico, psicológica ou sexual) até hoje?
Namoradas: _____
Esposas/ Companheiras (união estável) _____

6. Havia violência conjugal entre os seus pais/ cuidadores?

- Sim
 Não
 Não sei
7. Havia violência conjugal entre os pais/cuidadores de alguma de suas esposas/companheiras ou namoradas?
 sim
 não
 não sei
8. Desde o início da violência no casamento ou união estável a relação conjugal dura:
 menos de 6 meses
 terminou por sua iniciativa e durou menos de 6 meses
 terminou por iniciativa do agressor e durou menos de 6 meses
 Dura mais de 6 meses
 terminou por sua iniciativa e durou mais de 6 meses.
 terminou por iniciativa da companheira/esposa e durou mais de 6 meses.
9. Marque de 1 a 7 levando em consideração o grau de importância das alternativas abaixo:
 continuar a gostar da vítima
 independência econômica e dependência da vítima
 Incentivo de amigos e colegas sobre tal ato
 medo de que ela possa estar traindo
 por se achar superior a esposa/companheira
 Fato de estar usando substâncias psicoativas
 Outra: _____
10. Nas relações conjugais que passou em algum momento assumiu o papel de vítima?
 sim
 não
11. Assinale com um X qual a situação:
Sim Não
 Proibiu a denuncia da violência conjugal porém a relação terminou.
 Proibiu a denuncia da violência conjugal e relação manteve-se.
 Não proibiu a denuncia da violência conjugal e a relação terminou.
 Não proibiu a denuncia da violência conjugal e a relação manteve-se.
12. Assinale com um X caso a vítima tenha denunciado a violência conjugal e em qual local a denúncia tenha sido apresentada:
 Delegacia da Mulher
 Delegacia da Polícia Civil (Plantão)
 Fórum
 Outros _____

13. Quando agrediu a vítima alguma vez entendeu que precisaria procurar ajuda especializada para não realizar a agressão novamente?
 Sim
 Não
14. Antes de ter agredido a vítima pela 1º vez por algum momento procurou ajuda para evitar tal ato?
 Sim
 Não
15. Que tipo (s) de ajuda procurou? (Marque todos que procurou, com um X)
 Apoio Jurídico
 Ajuda de amigos (as)
 Ajuda de familiares
 Apoio religioso
 Apoio Psicológico
 De uma instituição especializada
 Outro tipo de ajuda. Especifique _____
16. Foi agressor durante o namoro (antes do casamento ou união estável) com a mulher da relação que o leva a participar desse estudo?
 sim
 não
17. Nesse namoro, praticou que tipo de violência?
 Física
 Psicológica (inclui perseguição, abuso econômico e isolamento social)
 Sexual
18. Aproximadamente quanto tempo após o casamento ou união estável ocorreu o ato violento? _____
19. No casamento ou união estável quanto tempo após a primeira agressão foi denunciado ou pediu apoio a uma instituição ou a um psicólogo ou outros?

20. Qual o número aproximado de agressões (física, psicológica ou sexuais) que praticou com a parceira da relação até o momento que foi denunciado?
Física: _____
Psicológica: _____
Sexual: _____
21. Depois de ter sido denunciado formalmente voltou a agredir?
 sim

- não
22. Assumi em algum momento que foi violento em alguma situação com a vítima para alguns familiares, amigos ou instituição?
- Sim
 Não
23. Já praticou agressão, foi denunciado e esta não surtiu efeito?
- sim
 não
24. Porque razão a denuncia não teve efeito
- a vítima retirou a denuncia
 o sistema legal não deu andamento a denuncia
25. Atualmente, está separado da vítima
- Sim
 Não
26. Depois de estar separado voltou a agredir?
- sim
 não
27. Comentou ou se referiu sobre as agressões com alguém próximo ou instituições?
- sim
 não
28. Sendo 1 o menor nível de agressividade e 5 o maior nível de agressividade, indique o nível de agressividade que causou a vítima.
- A violência física
 A violência psicológica (inclui perseguição, abuso econômico e violência sexual)
 A violência sexual
29. Já aconteceu de alguma de suas vítimas estarem grávidas, e você praticar agressão?
- Sim Não
- () Fisicamente
 () Psicologicamente
 () Sexualmente
30. A vítima perdeu o bebê em consequência das agressões físicas?
- sim
 não
31. Tem filhos?
- sim
 não

32. Quantos filhos tem? _____

33. Teve filho(s) com alguma das vítimas após as agressões terem começado?

sim

não

34. Quando o autor da violência (física, psicológica e/ou sexual) algum dos seus filhos assistiu?

sim, uma única vez

sim, mais de uma vez

não

SE RESPONDEU “NÃO” O QUESTIONÁRIO ACABOU, OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO

35. Assinale com X os três comportamentos mais habituais de cada um dos seus filhos, perante a situação de violência conjugal.

	Idade: ____ Sexo: ____	Idade: ____ Sexo: ____	Idade: ____ Sexo: ____	Idade: ____ Sexo: ____
Em algum momento eles te agrediram				
Agrediram a vítima				
Te deram apoio ou razão				
Deram apoio ou razão á vítima				
Choraram				
Culparam ambos				
Incentivaram o divórcio/ separação				
Indiferença				
Tentaram te acalmar				
Tentaram acalmar a vítima?				
Tentaram separar?				

Anexo 5

Questionário para mulheres I

Muito obrigada por dedicar o seu tempo a este questionário. A informação colhida é anônima e confidencial. Para a maioria das perguntas deste questionário basta assinalar um x. Leia com atenção cada uma das perguntas e instruções. Caso tenha alguma dúvida não hesite em perguntar.

1. Assinale com um X sua escolaridade:

- nenhuma
- Ensino fundamental (1º ano ao 9º ano)
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Mestrado
- Doutorado
- Outros

2. Das seguintes frases coloque um X em todas aquelas que reconhece em si:

- Dificuldade em tomar decisões sem conselho.
- Necessidade de transferir responsabilidades para os outros nas áreas importantes da sua vida.
- Dificuldade em discordar dos outros por medo de perder suporte/aprovação.
- Dificuldade em iniciar projetos ou fazer coisas por sua conta devido a falta de confiança nas suas capacidades.
- Entregar-se a atividades para obter cuidados e apoio dos outros, ao ponto de se oferecer como voluntária para tarefas desagradáveis.
- Sentimentos de desconforto e desamparo quando sozinha, por medo exagerado de ser incapaz de cuidar de si própria.

3. De acordo com o seu conhecimento considera que a legislação é adequada para punir o agressor?

- sim
- não

4. Caso tenha sido agredida, na primeira agressão (física, psicológica ou sexual) sentiu que era vítima de violência?
- sim
 - não
5. Indique por quantos parceiros (namorado, companheiro ou marido) foi agredida (física, psicológica ou sexualmente) até hoje?
- Namorados _____
- Maridos/ Companheiros (união estável) _____
6. Havia violência conjugal entre os seus pais/cuidadores?
- sim
 - não
 - não sei
7. Havia violência conjugal entre os pais/cuidadores de algum dos seus maridos/companheiros ou namorados que a agrediram?
- sim De quantos agressores? _____
 - não
 - não sei
8. Desde o início da violência no casamento ou união estável, a relação conjugal:
- dura menos de 6 meses
 - terminou por sua iniciativa e durou menos de 6 meses
 - terminou por iniciativa do agressor e durou menos de 6 meses
- Dura a mais de 6 meses
- terminou por sua iniciativa e durou mais de 6 meses
 - terminou por iniciativa do agressor e durou mais de 6 meses
9. Marque de 1 a 8 levando em consideração o grau de importância das alternativas abaixo:
- Continuar a gostar do agressor
 - Dependência econômica
 - Falta de apoio familiar

- Medo de ficar sozinha
- Medo do agressor ficar mais violento
- Por causa da sua religião
- Por causa dos filhos
- Outra _____

10. Nas relações conjugais violentas que passou, em algum momento assumiu o papel de agressora?

- sim
- sim, sem ser em legítima defesa. Especifique _____
- não

11. Assinale com um X qual a sua situação:

Sim Não

- Denunciou a violência conjugal mas a relação terminou
- Denunciou a violência conjugal e mantém-se na relação
- Não denunciou a violência conjugal mas a relação terminou
- Não denunciou a violência conjugal e mantém-se na relação

12. Assinale com um X o local onde a denúncia foi formalmente apresentada:

- Delegacia da Mulher
- Delegacia da Polícia Civil (Plantão)
- Fórum
- Outros _____

13. Antes da denúncia formal ou pedido de apoio a uma instituição ou psicólogo procurou ajuda?

- sim
- não

14. Quando apresentou denúncia ou procurou apoio de uma instituição ou psicólogo, o fez na primeira vez em que foi agredida?

- sim
- não

15. Que tipo (s) de ajuda procurou? (Marque todos que procurou, com um X)

- Apoio jurídico
- Ajuda de amigos (as)
- Ajuda de familiares
- Apoio religioso
- Apoio psicológico
- De uma instituição especializada
- Outro tipo de ajuda. Especifique _____

16. Foi vítima de violência durante o namoro (antes do casamento ou união estável) com o homem da relação que está denunciando?

- sim
- não

17. Nesse namoro, houve violência de que tipo? (Assinale todas as que sofreu)

- física
- psicológica (inclui perseguição, abuso econômico e isolamento social)
- sexual

18. Aproximadamente quanto tempo após a casamento ou união estável ocorreu o ato violento? _____

19. No casamento ou união estável quanto tempo após a primeira agressão denunciou ou pediu apoio a uma instituição, psicólogo ou outros? _____

20. Qual o número aproximado de agressões (física, psicológica ou sexuais) que sofreu entre a primeira agressão pelo parceiro da relação e a denúncia ou pedido de apoio a uma instituição ou psicólogo ou outros?

Física: _____

Psicológica: _____

Sexual: _____

21. Depois da denúncia formal ou pedido de apoio a uma instituição ou psicólogo voltou a ser agredida?
- sim
- não
22. Já apresentou denúncias anteriores relacionadas com violência doméstica, que ficassem sem efeito?
- sim
- não
23. Porque razão a queixa não teve efeito:
- decidi retirar a denuncia
- o sistema legal não deu andamento a denúncia
- Outra. Especifique: _____
24. Atualmente, está separada do agressor?
- sim
- não
25. Depois de estar separada voltou a ser agredida?
- sim
- não
26. Denunciou ou se referiu a essas agressões na instituição ou psicólogo?
- sim
- não
27. Sendo 1 o menor nível de sofrimento e 5 o maior nível de sofrimento, indique o nível de sofrimento que lhe causa:
- A violência física.

- A violência psicológica (inclui perseguição, abuso econômico e isolamento social)
- A violência sexual

28. Enquanto esteve grávida, alguma vez foi agredida:

Sim Não

- Fisicamente
- Psicologicamente
- Sexualmente
- Não estive grávida

**SE SUA RESPOSTA FOI “NUNCA ESTIVE GRÁVIDA” O QUESTIONÁRIO
ACABOU. OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO**

29. Perdeu o bebê em consequência das agressões físicas?

- sim
- não

30. Tem filhos?

- sim
- não

31. Quantos filhos tem? _____

32. Teve filho (s) de algum dos agressores após as agressões terem começado?

- sim
- não

33. Quando foi alvo de violência (física, psicológica e/ou sexual) algum dos seus filhos assistiu?

- sim, uma única vez
- sim, mais de uma vez
- não

SE RESPONDEU “NÃO” O QUESTIONÁRIO ACABOU. OBRIGADA PELA COLABORAÇÃO.

34. Assinale com X os três comportamentos mais habituais de cada um dos seus filhos, perante a situação de violência conjugal.

	Idade: _____ Sexo: _____	Idade: _____ Sexo: _____	Idade: _____ Sexo: _____	Idade: _____ Sexo: _____
Agredir o agressor				
Agredir a vítima				
Apoiar/dar razão ao agressor				
Apoiar/ dar razão a vítima				
Chorar				
Culpar ambos				
Incentivar o divórcio/ separação				
Indiferença				
Tentar acalmar o agressor				
Tentar acalmar a vítima				
Tentar separar				

Anexo 6

Questionário para mulheres II

Este questionário envolve um conjunto de perguntas sobre relacionamento e situações de agressividade, que serão importantes para a pesquisa a ser realizada.

1. Relação com o agressor:
 - companheiro
 - marido/ cônjuge
 - namorado
 - ex-companheiro
 - ex-marido/ ex-cônjuge
 - ex-namorado
 - outros. Especifique: _____

2. Tempo junto com o companheiro:
 - menos de 1 ano
 - de 1 a 5 anos
 - de 5 a 10 anos

3. O evento integrante da queixa ocorreu em espaço público:
 - sim
 - não
 - outros

4. Tempo pela qual vem sofrendo agressão:
 - menos de um ano
 - 1 ano
 - 2 anos
 - mais de 2 anos

5. Qual a frequência das agressões:
 - diariamente

- semanalmente
- esporadicamente
- 1 vez por semana
- 1 vez por mês
- 1 vez a cada 2 meses

6. Dia do ocorrido:

- segunda-feira
- terça-feira
- quarta-feira
- quinta-feira
- sexta-feira
- sábado
- domingo

7. Hora do evento:

- 8 h as 18 h
- 19 h as 24 h
- 1 h as 7 h

8. A vítima recorreu a assistência clínica:

- sim
- urgência hospitalar
- outra: _____
- não
- outra

9. Quanto tempo após a primeira agressão demorou para dar queixa?

- 1 semana
- 1 mês
- 6 meses
- 1 ano
- 2 anos

- 5 anos
- imediatamente

10. Por qual motivo não deixaram o parceiro na primeira agressão:

- promessa de melhora por parte dos agressores
- filhos
- dependência financeira
- paixão pelo parceiro
- medo

11. Quais fatores acredita serem os responsáveis por desencadear a agressão?

- ciúme
- álcool
- suspeita de traição dela
- descoberta de traição dele
- droga

12. As agressões eram/ são:

- físicas
- verbais
- sexual

13. Qual sua atitude frente a agressão

- reagiu verbalmente ou fisicamente frente as agressões
- mentiu para os outros sobre a agressão
- procurou ajuda em igrejas
- procurou ajuda em centros psicológicos
- procurou cuidados médicos
- sentiu-se culpada
- ingeriu bebidas alcoólicas
- outra

14. Comportamentos presentes na descrição do caso:

- puxar cabelo
- insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou “ferir”
- dar bofetada
- apertar o pescoço
- ameaçar com armas ou usando de força física
- partir ou danificar coisas intencionalmente
- acordar no meio da noite para causar medo
- dar um murro
- impedir o contato com outras pessoas
- atirar com objetos a outra pessoa
- dar uma surra
- dar pontapés ou cabeçadas
- dar empurrões violentos
- perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo
- bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão
- causar ferimentos que não precisaram de assistência médica
- causar ferimentos que causaram assistência médica
- forçar a outra pessoa a manter atos sexuais contra a vontade
- ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas cotidianas
- gritar ou ameaçar, para meter medo
- outros _____

15. Capacidade para o trabalho geral afetada (período de incapacidade)

- sim (nº de dias _____)
- não

16. Capacidade para o trabalho profissional afetada (período de incapacidade)

- sim (nº de dias _____)
- não

17. Antecedentes patológicos

- sim
- doença física incapacitante
- perturbação mental diagnosticada

não

18. Foi solicitado avaliação psicológica:

sim

não

-Especificar diagnóstico (s) apurado (s): _____
